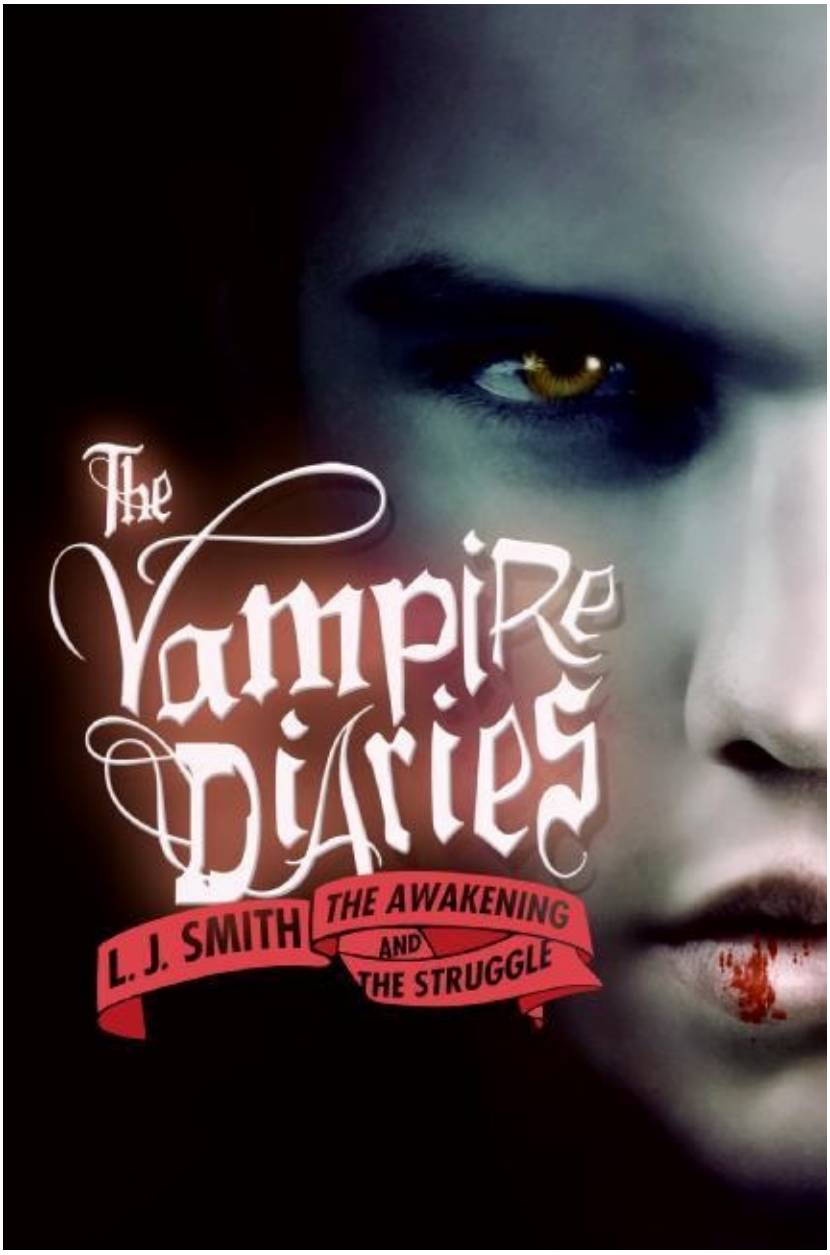
Livro que deu origem à série de TV *Vampire Diaries*



Diários do Vampiro

O Confronto

L.J. SMITH



A Luta *(The Struggle)*

por Lisa Jane Smith

Um Triângulo Amoroso de Horror Insondável...

Damon

Determinado a fazer de Elena sua rainha da escuridão, ele mataria seu próprio irmão para possuí-la.

Stefan

Desesperado pelo poder para destruir Damon, ele sucumbe a sua sede por sangue humano.

Elena

Irresistivelmente atraída por ambos os irmãos, sua escolha decidirá o destino deles.

A terrível histórias de dois irmãos vampiros e da linda garota dividida entre eles.

www.iosbooks.wordpress.com

Capítulo Um

—Damon!‖

Um vento gelado espalhou o cabelo de Elena pelo seu rosto, lágrimas caindo em seu suéter leve. Folhas de carvalho formavam redemoinhos por entre as fileiras de lápides, e as árvores sacudiam juntas seus galhos em frenesi. As mãos de Elena estavam frias, seus lábios e suas bochechas estavam sem sensibilidade, mas ela se mantinha encarando o grito do vento diretamente, gritando através dele.

—Damon!‖

Esse tempo era uma demonstração do Poder dele, com a intenção de assustá-la. Mas isso não funcionaria. O pensamente de este mesmo Poder sendo usado contra Stefan acordou uma grande fúria quente dentro dela que queimava contra o vento. Se Damon tiver feito alguma coisa para Stefan, se Damon tiver ferido ele...

—Maldito, me responda!‖ ela gritou para os carvalhos que limitavam o cemitério. Uma folha morta de carvalho que parecia uma mão marrom e murcha voou até seu pé, mas não houve nenhuma resposta. Acima, o céu estava cinza como vidro, cinza como as lápides cercando ela. Elena sentiu raiva e frustração ardendo em sua garganta e cedeu. Ela estava errada. Damon não estava aqui realmente; ela estava sozinha com o grito do vento. Ela virou-se— e ofegou.

Ele estava logo atrás dela, tão perto que suas roupas tocaram nele enquanto ela se virava. Nesta distância, ela deveria ter sentido outro humano parado lá, deveria ter sentido o calor de seu corpo ou ouvido ele. Mas Damon, é claro, não era humano. Ela deu dois passos para trás antes que ela pudesse parar a si mesma. Cada instinto que se encontrava quieto enquanto ela gritava contra a violência do vento estava agora pedindo para ela correr.

Ela apertou seus punhos. —Onde está Stefan?‖

Uma linha apareceu entre as sobrancelhas negras de Damon. —Que Stefan?‖

Elena andou até ele e deu um tapa.

Ela não havia pensado em fazer isto antes de fazer, e mais tarde ela mal podia acreditar no que tinha feito. Mas tinha sido um tapa bem forte, com toda a força de seu corpo, e virou a cabeça de Damon para o lado. Sua mão doía. Ela parou, tentando acalmar sua respiração, e observou ele.

Ele estava vestido como da primeira vez em que se encontraram, em preto. Suaves botas pretas, jeans pretos, suéter preto, e uma jaqueta de couro. E ele parecia com Stefan. Ela não sabia como ela não tinha percebido isso antes. Ele tinha o mesmo cabelo preto, a mesma pele pálida, a mesma boa aparência perturbadora. Mas seu cabelo era liso, não ondulado, e seus olhos eram pretos como a meia-noite, e sua boca era cruel. Ele girou sua cabeça de volta lentamente para olhar ela, e ela viu sangue aparecendo na bochecha que ela bateu.

—Não minta para mim,‖ ela disse, sua voz tremendo. —Eu sei quem você é. Eu sei o que você é. Você matou o Sr. Tanner ontem a noite. E agora Stefan desapareceu.‖

—Ele desapareceu?‖

—Você sabe que sim!‖

Damon sorriu e parou imediatamente.

—Eu estou te avisando; se você tiver machucado ele—‖

—Então o quê?‖ ele disse. —O que você vai fazer, Elena? O que você pode

fazer, contra mim?

Elena caiu em silêncio. Pela primeira vez, ela percebeu que o vento tinha parado. O dia estava morto e silencioso a sua volta, como se eles estivessem imóveis no centro de algum grande círculo de poder. Parecia que tudo, o céu pesado, os carvalhos e as faias roxas, o próprio solo, estava conectado à ele, como se ele sugasse Poder de tudo isso. Ele estava com a sua cabeça ligeiramente para trás, seus olhos insondáveis e cheios de cores estranhas.

—Eu não sei,‖ ela sussurrou, —mas eu vou achar alguma coisa. Acredite em mim.‖

Ele riu de repente, e o coração de Elena deu uma sacudida e começou a bater rigorosamente. Deus, ele era bonito. *Belo era uma palavra fraca para descrevê-lo*. Como costume, a risada durou apenas um momento, mas mesmo quando seus lábios já estavam sossegados ela deixava traços no seu olhar.

—Eu acredito em você,‖ ele disse, relaxando, olhando ao redor do cemitério. Então ele se virou e estendeu a mão para ela. —Você é muito boa para o meu irmão,‖ ele disse casualmente.

Elena pensou em atirar a mão para longe, mas ela não queria tocar nele novamente. —Digame onde ele está.‖

—Depois, possivelmente—por um preço.‖ Ele retirou sua mão, assim que Elena percebeu que nela havia um anel como o de Stefan: prateado e lápis lazuli. Lembre-se disso, ela pensou ferozmente. É importante.

—Meu irmão,‖ ele continuou, —é um tolo. Ele acha que porque você parece com Katherine você é fraca e facilmente conduzida como ela. Mas ele está errado. Eu podia sentir sua raiva do outro lado da cidade. Eu posso sentir agora, uma luz branca como o sol do deserto. Você tem força, Elena, mesmo como você é. Mas você pode ser muito mais forte...‖

Ela olhou fixamente para ele, sem entender, não gostando da troca de assunto. —Eu não sei do que você está falando. E o que isso tem haver com o Stefan?‖

—Eu estou falando de Poder, Elena.‖ De repente, ele deu um passo para perto dela, seus olhos fixos nos dela, sua voz suave e urgente. —Você já tentou todas as outras coisas, e nada satisfez você. Você é a garota que tem tudo, mas sempre

tem algo fora do seu alcance, algo que você precisa desesperadamente e que não pode ter. Isto é o que eu estou te oferecendo. Poder. Vida eterna. E sentimentos que você nunca sentiu antes.‖

Agora ela entendia, e bílis subiu até a sua garganta. Ela sufocou-se em horror e repudio.

—Não‖.

—Por que não?‖ ele sussurrou. —Por que não tentar, Elena? Seja honesta. Não tem uma parte de você que quer isto?‖ Seus olhos negros estavam cheios de calor e intensidade que segurava ela petrificada, incapaz de olhar para outro lugar. —Eu posso acordar coisas dentro de você que têm estado dormindo durante toda sua vida. Você é forte o bastante para viver no escuro, para gloriar-se nele. Você pode se tornar a rainha das sombras. Por que não pegar este Poder, Elena? Deixe-me ajudá-la a pegar isto."

—Não,‖ ela disse, puxando seus olhos para longe dele. Ela não olharia para ele, não deixaria ele fazer isso com ela. Ela não deixaria ele fazê-la esquecer... fazê-la esquecer...

"É o segredo final, Elena," ele disse. Sua voz era tão afável quanto as pontas dos seus dedos que tocavam a garganta dela. "Você será feliz como nunca antes." Havia algo terrivelmente importante que ela deveria lembrar. Ele estava usando o Poder para fazê-la esquecer isto, mas ela não deixaria ele fazê-la esquecer...

"E nós vamos ficar juntos, você e eu." As pontas frias de seus dedos afagaram o lado do pescoço dela, deslizando sob o colarinho do suéter. "Só nos dois, para sempre." Houve uma pontada repentina de dor enquanto os dedos dele roçaram duas minúsculas feridas na carne do pescoço dela, e a memória dela clareou.

Fazê-la esquecer de...Stefan.

Isto era o que ele queria tirar da mente dela. As memórias sobre Stefan, sobre seus olhos verdes e seu sorriso que sempre tinha tristeza por trás. Mas nada poderia forçar Stefan para fora de seus pensamentos agora, não depois do que eles compartilharam. Ela se afastou de Damon, batendo aqueles dedos frios para o lado. Ela olhou diretamente para ele.

"Eu já achei o que eu quero," ela disse brutalmente. "E com quem eu quero estar

para sempre."

Escuridão brotou nos olhos dele, uma raiva fria que se espalhou pelo ar entre eles. Olhando dentro daqueles olhos, Elena pensou em uma cobra pronta para dar o bote.

"Não seja estúpida como o meu irmão," ele disse. " Ou eu terei que te tratar da mesma forma."

Ela estava assustada agora. Ela não poderia evitar, não com o frio se derramando dentro dela, resfriando seus ossos. O vento estava começando de novo, os galhos sacudindo-se.

"Diga-me onde ele está, Damon."

"Nesse momento? Eu não sei. Você não pode parar de pensar sobre ele por um instante?"

"Não!" ela estremeceu, seu cabelo chicoteando na sua face novamente.

"E esta é sua resposta final, hoje? Esteja certa sobre jogar este jogo comigo, Elena. As conseqüências não são para se dar risadas."

"Eu estou certa." Ela teve que interromper antes que ele recomeçasse de novo. "E você não pode me intimidar, Damon, ou você não notou? No momento em que Stefan me contou o que você foi, o que você fez, você perdeu qualquer poder que poderia ter sobre mim. Eu te odeio. Você me dá nojo. E não existe nada que você possa fazer contra mim, nunca mais." A face dele se alterou, a sensibilidade torcendo-se e congelando-se, tornando-se cruel e amargamente dura. Ele riu, mas esta risada continuou. —Nada?‖ ele disse. —Eu posso fazer qualquer coisa com você, e com as pessoas que você ama. Você não tem idéia, Elena, do que eu posso fazer. Mas você vai aprender.‖

Ele deu um passo para trás, e o vento cortou Elena como uma faca. Sua visão pareceu estar embaçando. Era como se manchas de claridade enchessem o ar na frente de seus olhos.

—O inverno está chegando, Elena,‖ ele disse, e sua voz estava clara e arrepiante mesmo sobre o uivo do vento. —Uma estação rancorosa. Antes de ela chegar, você terá aprendido o que eu posso e não posso fazer. Antes que o inverno

chegue aqui, você terá se juntado a mim. Você será minha.‖

A claridade rodopiada estava cegando-a, e ela não conseguia mais ver o volume escuro da figura dele. Agora até mesmo a voz dele estava desvanecendo-se. Ela se abraçou com os próprios braços, com a cabeça curvada para baixo, seu corpo todo tremendo. Ele sussurrou,

—Stefan—‖

—Oh, e mais uma coisa,‖ a voz de Damon retornou. —Você perguntou mais cedo sobre meu irmão. Não se incomode procurando por ele, Elena. Eu o matei na noite passada.‖

Ela levantou a cabeça, mas não havia nada para ver, apenas a brancura vertiginosa, que queimava seu nariz e suas bochechas e grudava seus cílios. Foi só então, quando os finos grãos caíram na sua pele, que ela percebeu o que eles eram: flocos de neve. Estava nevando no dia primeiro de novembro. Acima de sua cabeça, o sol já tinha ido embora.

Capítulo Dois

Um crepúsculo sobrenatural suspendia-se por sobre o cemitério abandonado. Neve embaçava os olhos de Elena, e o vento insensibilizava o seu corpo como se ela tivesse entrado numa correnteza de água gelada. No entanto, teimosamente, ela não retornou para o cemitério novo e para a estrada além dele. Considerando o melhor que pode, a Ponte Wickery estava logo à sua frente. Ela se dirigiu para lá.

A polícia achou o carro abandonado de Stefan na Estrada Old Creek. Isto significava que ele havia deixado-o em algum lugar entre Riacho Drowning e a floresta. Elena tropeçou no caminho que seguia através do cemitério, mas ela continuou se movendo, a cabeça baixa, os braços apertando seu suéter claro para si. Ela conhecia este cemitério toda a sua vida, e ela poderia achar seu caminho através dele cega.

No momento em ela que cruzou a ponte, seus temores tinha tornado-se dolorosos. Não estava nevando tão forte agora, mas o vento estava ainda pior. Ele cortava através de suas roupas como se elas fossem de papel, e tomaram o seu fôlego. Stefan, ela pensou, e virou-se para a Estrada Old Creek, marchando para o norte. Ela não acreditava no que Damon tinha dito. Se Stefan estivesse

morto ela saberia. Ele estava vivo, em algum lugar, e ela tinha de achá-lo. Ele poderia estar em qualquer lugar fora desta claridade rodopiada; ele poderia estar ferido, congelando. Vagamente, Elena sentiu que já

não estava sendo racional. Todos os seus pensamentos tinha se restringido em apenas uma idéia. Stefan. Encontrar Stefan.

Estava se tornando mais difícil continuar pela estrada. Na sua direita estavam os carvalhos, na sua esquerda, as águas rápidas do Riacho Drowning. Ela vacilou e desacelerou. O vento não mais parecia tão forte, mas ela se sentia muito cansada. Ela precisava se sentar e descansar, por apenas um minuto.

Enquanto ela desfalecia ao lado da estrada, ela de repente percebeu o quanto tinha sido boba saindo para procurar Stefan. Stefan viria a ela. Tudo o que ela precisava fazer era sentar e esperar. Ele provavelmente estava vindo agora mesmo. Elena fechou os olhos e inclinou sua cabeça contra os seus joelhos esticados. Ela se sentia muito mais aquecida agora. Sua mente deixava-se levar e ela viu Stefan, o viu sorrindo para ela. Os braços dele em volta dela eram fortes e seguros, e ela relaxou contra ele, feliz por deixar o medo e a tensão. Ela estava em casa. Ela estava onde pertencia. Stefan não deixaria nada machucá-la.

Mas então, em vez de abraçá-la, Stefan estava sacudindo-a. Ele estava arruinando a bela tranqüilidade de seu descanso. Ela viu o seu rosto, pálido e urgente, seus olhos verdes escurecidos com o sofrimento. Ela tentou falar para ele ficar calmo, mas ele não ouvia. Elena, levante-se, ele dizia, e ela sentiu a força naqueles olhos verdes querendo que ela fizesse isto. Elena, levante-se agora—

—Elena, levante-se!‖ a voz estava alta e fina e amedrontada. —Vamos lá, Elena!‖ Levante-se!

Nos não podemos carregar você!‖

Piscando, Elena trouxe uma face para seu foco. Era pequena e tinha forma de um coração, com uma bela, e quase translúcida pele, constituída por massas de cachos macios e vermelhos. Grandes olhos castanhos, com flocos de neve nos cílios, olhavam preocupados para ela.

—Bonnie,‖ ela disse lentamente. —O que você está fazendo aqui?‖

—Me ajudando a procurar por você,‖ falou uma segunda e mais baixa voz no outro lado de Elena. Ela se virou ligeiramente para ver elegantes sobrancelhas arqueadas e pele azeitonada. Os olhos escuros de Meredith, normalmente tão irônicos, estavam aflitos agora, também. —Levante-se, Elena, a menos que você queira se tornar uma princesa do gelo de verdade.‖

Havia neve por cima dela toda, como um casaco de pele branco. Duramente, Elena ficou em pé, apoiando-se fortemente nas duas outras garotas. Elas a carregaram até o carro de Meredith.

Deveria estar mais quente dentro do carro, mas as terminações nervosas de Elena estavam voltando à vida, fazendo-a tremer, dizendo para ela o quanto ela estava fria. O inverno é

uma estação rancorosa, ela pensou enquanto Meredith dirigia.

—O que está acontecendo, Elena?‖ disse Bonnie do banco de trás. —O que você pensava que estava fazendo, fugindo da escola desse jeito? E como você pode vir aqui?‖

Elena hesitou, então sacudiu sua cabeça. Ela não queria mais nada além de contar para Bonnie e Meredith tudo. Contar à elas toda a terrível história sobre Stefan e Damon e o que tinha realmente acontecido na noite passada com o Sr. Tanner—e sobre depois. Mas ela não podia.

Mesmo que elas acreditassem, não era um segredo dela para contar.

—Todo mundo saiu para procurar você,‖ Meredith falou. —A escola toda estava transtornada, e sua tia estava quase frenética.‖

—Desculpa,‖ falou Elena de forma apática, tentando parar sua tremedeira violenta. Elas viraram na Rua Maple e pararam na casa dela.

Tia Judith estava esperando lá dentro com um cobertor quente. —Eu sabia que se elas te encontrassem, você estaria quase congelada,‖ ela disse numa voz alegre determinada enquanto ela alcançava Elena. —Neve no dia depois do Dia das Bruxas! Eu mal posso acreditar. Onde vocês garotas encontraram ela?‖

—Na Estrada Old Creek , depois da ponte,‖ disse Meredith.

A face fina de tia Judith perdeu cor. —Perto do cemitério? Onde os ataques aconteceram?

Elena, como você pode...?‖ A voz dela se arrastava para fora enquanto ela olhava para Elena. —Nos não vamos falar mais nada sobre isso agora,‖ ela falou, tentando readquirir sua maneira alegre. —Vamos tirar essas roupas molhadas.‖

—Eu tenho que voltar assim que estiver seca,‖ disse Elena. Seu cérebro estava funcionando de novo, e uma coisa estava clara: ela não tinha visto realmente Stefan lá fora; tinha sido um sonho. Stefan ainda estava perdido.

—Você não tem que fazer nada do tipo,‖ disse Robert, o noivo de tia Judith. Elena praticamente não tinha notado ele parado em um dos lados até então. Mas seu tom não tolerou nenhum argumento. —A policia está procurando por Stefan; você deixe para eles o trabalho deles,‖ ele disse.

—A polícia acha que ele matou o Sr. Tanner. Mas ele não matou. Você sabe disto, não sabe?‖ Enquanto tia Judith retirava seu mais externo suéter encharcado, Elena olhou de uma face para outra buscando por ajuda, mas elas estavam da mesma forma. —Vocês sabem que ele não fez isto,‖ ela repetiu, quase desesperadamente.

Houve um silêncio. —Elena,‖ Meredith falou por fim, —ninguém quer pensar que ele fez. Mas— bem, isto parece mal, ele fugindo dessa forma.‖

—Ele não fugiu. Não mesmo! Ele não—‖

—Elena, acalme-se,‖ falou tia Judith. —Não fique tão agitada. Eu acho que você deve estar ficando doente. Estava tão frio lá fora, e você teve apenas poucas horas de sono na noite passada...‖ Ela colocou uma mão na bochecha de Elena.

De repente era tudo muita coisa para Elena. Ninguém acreditava nela, nem suas amigas e sua família. Neste momento, ela se sentiu rodeada de inimigos.

—Eu não estou doente,‖ ela choramingou, afastando-se.

—E eu não estou doida também—o que quer que vocês pensem. Stefan não fugiu e não matou o Sr. Tanner, e eu não me importo se nenhum de vocês acreditam em mim...‖ ela parou, sufocando-se. Tia Judith estava preocupada em volta dela, apresando-a escada acima, e ela deixou-se ser apressada. Mas ela não

foi para cama quando tia Judith sugeriu que ela deveria estar cansada. Em vez disso, uma vez que ela tinha despertado, ela se sentou no sofá da sala de estar perto da lareira, com cobertores amontoados em volta de si. O telefone tocou a tarde toda, e ela ouviu tia Judith falando com amigos, vizinhos, a escola. Ela afirmou para todos que Elena estava bem. A... a tragédia da noite passada havia inquietado ela um pouco, era tudo, e ela parecia um pouco febril. Mas ela ficaria boa como nova depois de um descanso.

Meredith e Bonnie sentaram do lado dela. —Você quer conversar?‖ Meredith falou numa voz baixa. Ele balançou a cabeça, olhando para o fogo. Eles estavam todos contra ela. E tia Judith estava errada, ela não estava bem. Ela não estaria bem até que Stefan fosse achado. Matt passou por lá, neve cobrindo seu cabelo louro e sua parka (jaqueta com capuz) azul escura. Enquanto ele entrava no cômodo, Elena olhou para ele esperançosa. Ontem Matt tinha ajudada a salvar Stefan, quando o resto da escola queria linchar ele. Mas hoje ele retornou seu olhar esperançoso com um de sério pesar, e a preocupação nos seus olhos era apenas para ela.

O desapontamento era insuportável. —O que você está fazendo aqui?‖ Elena demandou.

—Mantendo sua promessa de _tomar conta de mim‘?

Havia uma tremulação de mágoa em seus olhos. Mas a voz de Matt estava nivelada. —É

parte disto, talvez. Mas eu tentaria tomar conta de você de qualquer forma, não importa o que eu tenha prometido. Eu tenho estado preocupado com você. Ouça, Elena—‖

Ela não estava com humor para ouvir ninguém. —Bom, eu estou bem, obrigada. Pergunte a qualquer um aqui. Então você poderá parar de se preocupar. Além disso, não sei por que você deveria manter uma promessa para um assassino.‖

Surpreendido, Matt olhou para Meredith e Bonnie. Então ele balançou sua cabeça atarantadamente. —Você não está sendo justa.‖

Elena não estava com humor para ser justa também. —Eu te disse, você pode parar de se preocupar comigo, e com os meus problemas. Eu estou bem, obrigada.‖

A inferência era óbvia. Matt se virou para a porta no mesmo momento em que tia Judith apareceu com sanduíches.

—Desculpe, eu tenho que ir,‖ ele murmurou, apressando-se para a porta. Ele saiu sem olhar para trás.

Meredith, e Bonnie, e tia Judith e Robert tentaram conversar enquanto eles comiam uma refeição cedo perto do fogo. Elena não podia comer e não falava. O único que não estava péssimo era a irmã de Elena, Margaret. Com o otimismo de quatro anos, ela se aconchegou à Elena e ofereceu alguns de seu doces do Dia das Bruxas.

Elena abraçou sua irmã fortemente, sua face imprensada no cabelo loiro claro de Margaret por um momento. Se Stefan pudesse ter ligado para ela ou enviado uma mensagem para ela, já teria feito nesse momento. Nada no mundo teria impedido ele, ao menos que ele estivesse gravemente ferido, ou preso em algum lugar, ou...

Ela não se deixaria pensar sobre o último —ou‖. Stefan estava vivo; ele tinha que estar vivo. Damon era um mentiroso.

Mas Stefan estava com problemas, e ela tinha que achá-lo de algum jeito. Ela preocupou-se com isto durante a noite, desesperadamente tentando pensar num plano. Uma coisa estava clara; Ela estava por sua conta. Ela não podia confiar em ninguém. Ficou escuro. Elena moveu-se no sofá e forçou um bocejo.

—Eu estou cansada,‖ Ela disse quietamente. —Talvez eu esteja doente afinal. Eu acho que vou para cama.‖

Meredith estava olhando para ela intensamente. —Eu estava pensando, Senhorita Gilbert,‖

ela disse, virando-se para tia Judith, —que talvez Bonnie e eu devêssemos ficar. Para fazer companhia à Elena.‖

—Que idéia ótima,‖ disse tia Judith, agradecida. —Contanto que seus pais não se importem, eu ficaria feliz em ter vocês aqui.‖

—É um longo caminho de volta à Herron. Eu acho que vou ficar, também.‖ Robert disse,

—Eu posso ficar no sofá aqui.‖ Tia Judith protestou dizendo que havia muitos quartos de hóspedes no andar superior, mas Robert foi inflexível. O sofá estaria bom para ele, ele disse.

Depois de olhar uma vez do sofá para o corredor onde a porta da frente estava claramente no seu campo de visão, Elena sentou impassível. Eles tinham planejado isto entre si, ou pelo menos eles estavam todos nisto agora. Eles estavam tendo certeza de que ela não sairia de casa.

Quando ela saiu do banheiro um pouco mais tarde, envolvida em seu quimono de seda vermelha, ela encontrou Meredith e Bonnie sentadas em sua cama.

—Bem, olá, Rosencrantz e Guildenstern,‖ ela disse amargamente. Bonnie, que tinha estado depressiva, agora parecia alarmada. Ela olhou de relance para Meredith duvidosa.

—Ela sabe quem nós somos. Ela quer dizer que acha que nós somos espiãs de sua tia,‖

Meredith interpretou. —Elena, você deveria perceber que não é isso. Você não pode confiar na gente mesmo?‖

—Eu não sei. Eu posso?‖

—Sim, pois somos suas amigas.‖ Antes que Elena pudesse se mover, Meredith pulou da cama e fechou a porta. Então ele se virou para encarar Elena. —Agora, pelo menos uma vez na sua vida, me ouça, sua pequena idiota. É verdade que nós não sabemos o que pensar sobre Stefan. Mas, você não vê, é tudo sua culpa. Desde que você e ele ficaram juntos, você

tem excluído a gente. Coisas têm acontecido que você não tem contado para nós. Ou pelo menos não tem contado toda a história. Mas apesar disso, apesar de tudo, nós ainda confiamos em você. Nós ainda nos preocupamos com você. Nós ainda estamos do seu lado, Elena, e queremos te ajudar. E se você não vê isso, então você é uma idiota.‖

Lentamente, Elena olhou do escuro e intenso rosto de Meredith para o pálido de Bonnie. Bonnie inclinou a cabeça afirmativamente.

—É verdade,‖ ela disse, piscando forte como se para conter as lágrimas.

—Mesmo se você

não goste de nós, ainda gostamos de você.‖

Elena sentiu seus próprios olhos se enchendo de lágrimas e sua expressão severa se enrugar. Então Bonnie estava fora da cama, e elas estavam todas se abraçando, e Elena descobriu que não podia deter as lágrimas que escorriam pelo seu rosto.

—Desculpem-me se eu não tenho falado com vocês,‖ ela disse. —Eu sei que vocês não entendem, e eu não posso nem explicar porque eu não posso contar tudo. Eu apenas não posso. Mas tem uma coisa que eu posso conta a vocês.‖ Elena recuou, enxugando suas bochechas, e olhos para elas seriamente. —Não importa o quanto as evidências contra Stefan parecem ruins, ele não matou o Sr. Tanner. Eu sei que não, porque eu sei quem matou. E é

a mesma pessoa que atacou Vickie, e o velho embaixo da ponte. E—‖ Ela parou e pensou por um momento. ——e, oh, Bonnie, eu acho que ele matou Yangtze, também.‖

—Yangtze?‖ Os olhos de Bonnie alargaram-se. —Mas por que ele mataria um cachorro?‖

—Eu não sei, mas ele estava lá naquela noite, na sua casa. E ele estava... bravo. Desculpeme, Bonnie.‖

Bonnie sacudiu sua cabeça confusamente. Meredith disse, — Por que você não conta para a polícia?‖

A risada de Elena foi ligeiramente histérica. —Eu não posso. Não é algo que eles possam enfrentar. E isto é outra coisa que eu não posso explicar. Vocês disseram que ainda confiam em mim; bem, vocês terão apenas que confiar em mim sobre isto.‖

Bonnie e Meredith olharam uma para a outra, então para a colcha, onde os dedos nervosos de Elena estavam retirando fios do bordado. Finalmente, Meredith disse, —Tudo bem. No que nós podemos ajudar?‖

—Eu não sei. Nada, a menos que...‖ Elena parou e olhou para Bonnie. —A menos que,‖ ela disse, numa voz diferente, — você possa me ajudar a achar

Stefan.‖

Os olhos castanhos de Bonnie estavam genuinamente perplexos. —Eu? Mas o que eu posso fazer?‖ Então, com a inspiração de Meredith, ela disse, —Oh. Oh.‖

—Você sabia onde eu estava no dia em que eu fui para o cemitério,‖ falou Elena. —E você até

previu que Stefan estava vindo para a escola.‖

—Eu pensei que você não acreditasse em toda essa coisa psíquica,‖ disse Bonnie fracamente.

—Eu aprendi uma coisa ou duas desde então. Em todo o caso, eu estou disposta a acreditar em qualquer coisa se isto ajuda a achar Stefan. Se houver alguma chance realmente, isto irá

ajudar.

Bonnie foi se arqueando, como se tentasse fazer sua já minúscula forma a menor possível.

—Elena, você não entende,‖ ela disse infeliz. —Eu não sou treinada; não é algo que eu possa controlar. E—e não é um jogo, não mais. Quanto mais você usa estes poderes, mais eles usam você. Eventualmente, eles podem acabar usando você toda hora, você querendo ou não. É perigoso.‖

Elena levantou-se e andou até a cômoda com espelho de madeira de cerejeira, olhando para ela sem realmente ver. Enfim, ela se virou.

—Você está certa, não é um jogo. E eu acredito em você sobre o quanto perigoso isto pode ser. Mas não é um jogo para Stefan, também. Bonnie, eu acho que ele está lá fora, em algum lugar, terrivelmente ferido. E não há ninguém para ajudá-lo; ninguém nem ao menos procurando por ele, exceto seus inimigos. Ele pode estar morrendo agora mesmo. Ele—ele pode até estar...‖ Sua garganta fechou. Ela curvou sua cabeça sobre a cômoda e fez a si mesma tomar um longo suspiro, tentando firmar-se. Quando ela olhou para cima, ela viu que Meredith estava olhando para Bonnie.

Bonnie endireitou seus ombros, postando-se o mais alto que podia. Seu queixo

levantado e sua boca imobilizada. E nos seus olhos normalmente castanho, uma luz sinistra brilhou quando eles encontraram os de Elena.

—Nós precisamos de uma vela,‖ foi tudo o que ela disse.

O fósforo raspou e jogou faíscas na escuridão, e então a chama da vela queimou forte e clara. Ela emprestou um brilho dourado a face pálida de Bonnie enquanto ela se curvava sobre a vela.

—Eu irei precisar que ambas me ajudem a focar,‖ ela disse. —Olhem para a chama, e pensem sobre Stefan. Imaginem ele nas suas mentes. Não importa o que aconteça, continuem a olhar para a chama. E não importa o que vocês façam, não falem nada.‖

Elena inclinou a cabeça concordando, e então o único som no cômodo era de respiração suave. A chama cintilava e dançava, jogando desenhos* (patterns) de luz sobre as três garotas sentadas de pernas cruzadas em volta. Bonnie, com os olhos fechados, respirava profundamente e lentamente, como alguém se deixando levar pelo sono. Stefan, pensou Elena, olhando para a vela, tentando derramar todo o seu desejo dentro do pensamento. Ela o criou em sua mente, usando todos os seu sentidos, conjurando ele para ela. A aspereza de seu suéter de lã embaixo de sua bochecha, o cheiro de sua jaqueta de couro, a força de seus braços em volta dela. Oh, Stefan...

Os cílios de Bonnie vibraram e sua respiração acelerou, como uma pessoa dormindo e tendo pesadelos. Elena resolutamente manteve seus olhos na chama, mas quando Bonnie quebrou o silêncio um arrepio percorreu a sua espinha.

Primeiro, era apenas um gemido, o som de alguém em sofrimento. Então, enquanto Bonnie atirava sua cabeça para trás, sua respiração vindo em curtas rajadas, tornou-se palavras.

—Sozinho...‖ ela diz e parou. As unhas de Elena afundaram em sua mão.
—Sozinho... no escuro,‖ falou Bonnie. Sua voz estava distante e torturada.

Teve outro silêncio, e então Bonnie começou a falar rapidamente.

—Está escuro e frio. E estou sozinho. Há alguma coisa atrás de mim... pontuda e dura. Pedras. Elas costumavam me machucar—mas não agora. Eu estou sem sensibilidade, por causa do frio. Muito frio...‖ Bonnie se mexeu, como se para se

afastar de alguma coisa, e então ela riu, uma risada medonha quase como um soluço. —Isso é... engraçado. Eu nunca pensei que eu gostaria tanto de ver o Sol. Mas é sempre escuro aqui. E frio. Água até o meu pescoço, como gelo. Isto é engraçado também. Água em todo o lugar—e eu morrendo de sede. Tanta sede... dói...‖

Elena sentiu algo apertado em volta de seu coração. Bonnie estava dentro dos pensamentos de Stefan, e o que sabe o que ela poderia descobrir lá? Stefan, diga-nos onde você está, ela pensou desesperadamente. Olhe em volta; diga-nos o que você vê.

—Sede. Eu preciso de... vida?‖ A voz de Bonnie estava duvidosa, como se não estivesse certa de como transcrever algum conceito. —Estou fraco. Ele disse que eu sempre serei o mais fraco. Ele é forte... um matador. Mas isto é o que eu sou também. Eu matei Katherine; talvez eu mereça morrer. Por que apenas não deixar?...‖

—Não!‖ disse Elena antes que ela pudesse parar a si mesma. Neste momento, ela se esqueceu de tudo menos o sofrimento de Stefan. —Stefan——

—Elena!‖ Meredith gritou abruptamente no mesmo momento. Mas a cabeça de Bonnie caiu para frente, o fluxo de palavras cortado. Horrorizada, Elena percebeu o que tinha feito.

—Bonnie, você está bem? Você pode achá-lo de novo? Eu não queria...‖

A cabeça de Bonnie se levantou. Seus olhos estavam abertos agora, mas eles não olhavam nem para a vela nem para Elena. Eles observavam mais à frente, inexpressíveis. Quando ela falou, sua voz estava distorcida, e o coração de Elena parou. Não era a voz de Bonnie, mas era uma voz que Elena reconhecia. Ela ouviu a mesma vindo dos lábios de Bonnie uma vez antes, no cemitério.

—Elena,‖ a voz disse, —não vá para a ponte. É a Morte, Elena. Sua morte está esperando lá.‖

Então Bonnie caiu para frente.

Elena segurou os ombros dela e sacudiu —Bonnie!‖ ela quase gritou. —Bonnie!‖

—O que... oh, não. Deixe.‖ A voz de Bonnie estava fraca e abalada, mas era a

sua voz. Ainda dobrada, ela colocou uma mão na sua testa.

—Bonnie, você está bem?‖

—Eu acho... sim. Mas foi tão estranho.‖ O tom de sua voz elevou-se e ela olhou para cima, piscando. —O que foi isso, Elena, sobre ser um matador?‖

—Você lembra-se disto?‖

—Eu me lembro de tudo. Eu não posso descrever isto, foi terrível. Mas o que isto significa?‖

—Nada,‖ disse Elena. —Ele estava alucinando, é tudo.‖

Meredith se intrometeu. —Ele? Então você realmente acha que ela sintonizou em Stefan?‖

Elena balançou a cabeça em sinal de positivo, seus olhos violentos e ardentes enquanto ela olhava para longe. —Sim. Eu acho que era Stefan. Tinha que ser. E eu acho que ela até

mesmo contou-nos onde ele está. Embaixo da Ponte Wickery, na água.‖

Capítulo Três

Bonnie encarou-a. —Eu não me lembro de nada sobre a ponte. Não parecia como se fosse uma ponte.‖

—Mas você disse, no final. Eu pensei que você se lembrasse...‖ A voz de Elena se perdeu.

—Você não lembra esta parte,‖ ela disse insipidamente. Não era uma pergunta.

—Eu me lembro de estar sozinho, em algum lugar gelado e escuro, e sentindo-me fraca... e com sede. Ou era com fome? Eu não sei, mas eu precisava de... alguma coisa. E eu quase queria morrer. E então você me acordou.‖

Elena e Meredith trocaram olhares. —E depois disso,‖ Elena disse para Bonnie, —você disse mais uma coisa, em uma voz estranha. Você disse para não ir à ponte.‖

—Ela disse para você não ir à ponte.‖ Meredith corrigiu. —Você em particular, Elena. Ela disse que Morte estava esperando.‖

—Eu não me importo com o que está esperando,‖ disse Elena. —Se lá é onde Stefan está, é

para lá que estou indo.‖

—Então é para lá que nos todas estamos indo,‖ disse Meredith. Elena hesitou. —Eu não posso pedir para vocês fazerem isto,‖ ela disse devagar. —Lá pode ter perigo—de um tipo que vocês não conhecem. Pode ser melhor eu ir sozinha.‖

—Você esta brincando?‖ Bonnie disse, esticando o seu queixo. —Nós amamos perigo. Eu quero ser jovem e bonita na minha sepultura, lembra?‖

—Não,‖ disse Elena rapidamente. —Você foi quem disse que não era um jogo.‖

—E não é para Stefan também,‖ Meredith as lembrou. —Não estamos fazendo muito bem para ele paradas aqui.‖

Elena já estava tirando o seu quimono, movendo-se até o closet. —É melhor nos agasalharmos. Peguem qualquer coisa que você quiserem para se manterem quente,‖ ela disse.

Quando elas estavam mais ou menos vestidas para o tempo, Elena virou-se para a porta. Então ela parou.

—Robert,‖ ela disse. —Não tem como passarmos por ele para a porta da frente, mesmo se ele estiver dormindo.‖

Simultaneamente, as três viraram-se para a janela.

—Oh, maravilhoso,‖ disse Bonnie.

Enquanto elas escalavam o marmeleiro, Elena percebeu que tinha parado de nevar. Mas o ar frio na sua bochecha a fez lembrar-se das palavras de Damon. O inverno é uma estação rancorosa, ela pensou, ela tremeu.

Todas as luzes da casa estavam apagadas, incluindo as da sala de estar. Robert já devia ter ido dormir. Mesmo assim, Elena prendeu sua respiração enquanto elas

rastejavam pelas janelas escuras. O carro de Meredith estava um pouco mais para baixo na rua. No último minuto, Elena decidiu pegar uma corda, e ela abriu silenciosamente a porta de trás para a garagem. Havia uma rápida correnteza no Riacho Drowning, e atravessar seria perigoso. O caminho até o final da cidade foi tenso. Enquanto elas passavam pelos arredores da floresta, Elena se lembrou da maneira que as folhas caíram nela no cemitério. Particularmente folha de carvalho.

—Bonnie, as folhas de carvalho tem algum significado especial? Sua avó falou alguma vez sobre elas?‖

—Bem, elas são sagradas para os Druidas. Todas as árvores são, mas os carvalhos são os mais sagrados. Eles acham que o espírito das árvores deu a eles poderes.‖

Elena digeriu isto em silêncio. Quando elas alcançaram a ponte e saíram do carro, ela deu um olhar inquieto para os carvalhos no lado direito da estrada. Mas a noite estava clara e estranhamente calma, e nenhuma brisa agitou as folhas secas deixadas nos galhos.

—Procurem por um corvo,‖ ela disse para Bonnie e Meredith.

—Um corvo?‖ Meredith disse agudamente. —Como o corvo do lado de fora da casa de Bonnie na noite em que Yangtze morreu?‖

—Nesta noite Yangtze foi morto. Sim.‖ Elena se aproximou das águas escuras do Riacho Drowning com os batimentos acelerados. Tirando o seu nome, não era uma enseada, mas sim um rio de forte correnteza com bancos de argila vermelha nativa. Acima dela encontrava-se a Ponte Wickery, uma estrutura de madeira construída à quase um século atrás. Uma vez, tinha sido forte o suficiente para suportar vagões; agora era apenas uma passarela que ninguém usado, pois estava muito fora de caminho. Era um lugar inútil, solitário e hostil, Elena pensou. Aqui e ali havia porções de neve na terra. Apesar das palavras bravas mais cedo, Bonnie estava andando para trás. —Lembra da última vez que cruzamos essa ponte?‖ Ela disse.

Muito bem, Elena pensou. Na última vez que elas cruzaram a ponte, elas estavam sendo perseguidas por... alguma coisa...do cemitério. Ou alguém, ela pensou.

—Nós não vamos atravessar ainda,‖ ela disse. —Primeiro temos que olhar embaixo, deste lado‖

Os faróis do carro iluminaram apenas uma pequena porção da margem embaixo da ponte. Enquanto Elena saia do caminho estreito de luz, ela sentiu uma vibração nauseante de pressentimento. Morte estava esperando, a voz disse. Estava a Morte aí embaixo?

Seus pés escorregaram nas pedras úmidas e cheias de limo. Tudo o que ela podia ouvir era a pressa da água, e seu eco oco vindo da ponte sobre sua cabeça. E, embora ela tenha forçado sua visão, tudo o que ela pode ver no escuro foi à margem bruta e os cavaletes de madeira da ponte.

—Stefan?‖ ela murmurou, e ela estava quase feliz que o barulho da água cobriu sua voz. Ela se sentiu como uma pessoa chamando —quem está ai?‖ para uma casa vazia, ainda com medo do que poderia responder.

—Isto não está certo,‖ disse Bonnie atrás dela.

—O que você quer dizer?‖

Bonnie estava olhando em volta, agitando sua cabeça ligeiramente, seu corpo tenso de concentração. —Só parece errado. Eu não—bem, por uma coisa eu não ouvi o rio antes. Eu não podia ouvir nada realmente, apenas o silêncio morto.‖

O coração de Elena caiu com desânimo. Parte dela sabia que Bonnie estava certa, que Stefan não estava neste lugar selvagem e solitário. Mas parte dela estava muita assustada para ouvir.

—Temos que ter certeza,‖ ela disse através do aperto em seu peito, e ela moveu-se mais para dentro da escuridão, sentindo o seu caminho em frente, pó não poder ver. Mas no final ela teve que admitir que não havia nenhum sinal que alguma pessoa tivesse estado recentemente aqui. Nenhum sinal de uma cabeça escura na água, também. Ela limpou as mãos frias e enlameadas no seu jeans.

—Nós podemos checar o outro lado da ponte,‖ disse Meredith, e Elena concordou mecanicamente. Mas ela não precisa olhar a expressão no rosto de Bonnie para saber o que elas achariam. Este era o lugar errado.

—Vamos apenas sair daqui,‖ ela disse, escalando através da vegetação para a

cunha de luz além da ponte. Assim que tinha alcançado isto, Elena congelou. Bonnie engasgou. —Oh, Deus——

—Volte,‖ sibilou Meredith. —Até a margem.‖

Uma figura preta foi claramente representada contra os faróis do carro acima. Elena, olhando com o coração batendo descontroladamente, não podia dizer nada sobre isto além de que era um macho. A face estava na escuridão, mas ela teve um sentimento terrível. Estava se movendo até elas.

Abaixando-se rapidamente para ficar fora de vista, Elena encolheu-se contra a margem lamacenta embaixo da ponte, empresando a si própria o máximo que podia. Elas não podiam ver nada daqui, mas de repente houve um ruído de passos pesados na ponte. Mal ousando respirar, elas aderiram-se uma a outra, as faces para cima. Os passos pesados rangeram através das tábuas de madeira, movendo-se para longe delas. Por favor, deixe-o continuar indo, pensou Elena. Oh, por favor... Ela afundou seus dentes nos lábios, e então Bonnie choramingou suavemente, sua mão gelada agarrando a de Elena. Os passos estavam retornando.

Eu deveria ir lá, Elena pensou. Sou eu quem ele quer, não elas. Foi isso o que ele disse. Eu deveria ir lá e enfrentá-lo, e talvez ele deixe Bonnie e Meredith irem. Mas a raiva impetuosa que tinha sustentado-a esta manhã estava em cinzas agora. Com toda a sua força de vontade, ela não poderia soltar sua mão da de Bonnie, não poderia se separar. Os passos soaram logo acima delas. Então houve um silêncio, seguido por um som de algo escorregando na margem.

Não, pensou Elena, seu corpo carregado com medo. Ele estava descendo. Bonnie lamentou e enterrou sua cabeça contra os ombros de Elena, e Elena sentiu todos os seus músculos tensos enquanto ela via o movimento—pé, pernas—aparecendo da escuridão. Não...

—O que vocês estão fazendo aqui?‖

A mente de Elena recusou-se a processar esta informação de primeira. Ela estava em pânico ainda, e ela quase gritou enquanto Matt deu outro passo para a margem, fitando para baixo da ponte.

—Elena? O que você está fazendo?‖ ele disse de novo.

Bonnie levantou a cabeça. A respiração de Meredith explodiu em alívio. Elena se sentiu como se seus joelhos fossem ceder.

—Matt‖, ela disse. Foi tudo o que ela pode reproduzir.

Bonnie foi mais eloqüente. —O que você acha que você está fazendo? Ela disse em tons elevados. —Tentando nos dar um ataque do coração? O que você está fazendo aqui fora a está hora à noite?‖

Matt colocou uma mão no seu bolso, trocando rapidamente. Enquanto elas emergiam debaixo da ponte, ele olhou para fora além do rio. —Eu segui vocês.‖

—Você o que?‖ disse Elena.

Relutante, ele se balançou para encarar ela. —Eu segui vocês,‖ ele repetiu, seus ombros tensos. —Eu percebi que você encontraria uma maneira de enganar sua tia e sair de novo. Então eu sentei no meu carro do outro lado da rua e observei a sua casa. Certo o suficiente, vocês três desceram pela janela. Então eu segui vocês até aqui. Elena não sabia o que falar. Ela estava furiosa, é claro, ele tinha provavelmente deito isto só

para manter sua promessa com Stefan. Mas o pensamento de Matt sentado lá fora no seu velho e batido Ford, provavelmente congelando até a morte e sem suprimento... Isto deu a ela uma estranha angústia que ela não queria prolongar.

Ele estava olhando para o rio novamente. Ela se aproximou dele e falou calmamente.

—Desculpe-me, Matt,‖ ela disse. —Sobre como eu te tratei em casa, e—e sobre —‖ Ela procurou atrapalhadamente por um minuto e então desistiu. Sobre tudo, ela pensou desesperançada.

—Bem, desculpe-me por assustar vocês ainda pouco.‖ Ele se virou veloz para encará-la, como se isso resolvesse a questão. —Agora vocês podem, por favor, me contar o que vocês pensavam que estavam fazendo?‖

—Bonnie pensava que Stefan poderia estar aqui.‖

—Bonnie não,‖ disse Bonnie. —Bonnie disse logo que era o lugar errado. Nós estávamos procurando por um lugar quieto, sem barulho, e fechado. E me senti...

cercada.‖ Ela explicou para Matt.

Matt olhou para ela cuidadosamente, como se ele pudesse morder. —Certamente você

sentiu,‖ ele disse.

—Havia pedras em volta de mim, mas não como as pedras desse rio.‖

—Uh, não, é claro que não eram.‖ Ele olhou pelo canto dos olhos para Meredith, que teve pena dele.

—Bonnie teve uma visão,‖ ela disse.

Matt recuou um pouco, e Elena pode ver seu perfil nos faróis. Pela sua expressão, ela poderia dizer que ele não sabia se fugia ou se as levava para o manicômio mais próximo.

"Não é uma brincadeira." ela disse. "Bonnie é psíquica, Matt. Eu sei que eu sempre disse que não acreditava este tipo de coisa, mas eu estava errada. Você não sabe o quanto errada. Nesta noite, ela—ela sincronizou na mente de Stefan de alguma forma e teve um relança de onde ele está.

Matt deu um longo suspiro. "Eu vejo. Okay..."

"Não me proteja! Eu não sou burra, Matt, e eu estou te falando que é verdade. Ela estava lá, com Stefan; ela sabia de coisas que apenas ele saberia. E ela viu o lugar em que ele está

aprisionado."

"Aprisionado," disse Bonnie. "É isso. Não era definitivamente algo aberto como um rio. Mas havia água, água até o meu pescoço. O pescoço dele. E paredes de pedra em volta, coberta com musgo espesso. A água era gelada e cheirava mal também.

"Mas o que você viu?" Elena disse.

"Nada. Era como se estivesse cega. De alguma forma eu sabia que se houvesse até mesmo o mais fraco raio de luz eu seria capa de ver, mas eu não pude. Estava

negro como um túmulo."

"Como um túmulo..." Um fino arrepio passou por Elena. Ela pensou sobre a igreja arruinada acima do cemitério. Havia um túmulo lá, um túmulo que ela pensou ter se aberto uma vez.

"Mas um túmulo não seria tão molhado," Meredith falou.

"Não... mas eu não tenho idéia nenhuma de onde isto pode ser então," Bonnie disse. "Stefan não estava realmente em seu juízo perfeito; ele estava tão fraco e tão machucado. E com tanta sede—"

"Elena abriu a boca para parar Bonnie de continuar, mas no mesmo momento Matt interrompeu.

"Eu vou dizer com o que isto parece para mim," ele disse. As três garotas olharam para ele, ligeiramente separado do grupo como se fosse um ouvinte. Elas quase tinham se esquecido dele.

"Poço?" disse Elena.

"Exatamente," ele disse. "Quero dizer, isto parece com um poço." Elena piscou, excitação agitando-se nela. "Bonnie?"

"Poderia ser," disse Bonnie lentamente. "O tamanho, as paredes e tudo estariam certas. Mas um poço é aberto; eu seria capaz de ver as estrelas."

"Não se estivesse coberto," disse Matt. "Muitas das fazendas antigas por aqui têm poços que não são mais usados, e alguns fazendeiros cobrem eles para ter certeza que crianças pequenas não caiam. Meus avôs fazem isto."

Elena não podia conter sua agitação mais. "Pode ser isto. Tem que ser isto... Bonnie, lembre-se, você disse que é sempre escuro lá."

"Sim, e tinha uma sensação de subsolo." Bonnie estava agitada, também, mas Meredith interrompeu com uma pergunta seca.

"Quantos poços você acha que existe em Fell's Church, Matt?"

"Dúzias, provavelmente," ele disse. "Mas cobertos? Não tantos. E se você esta

sugerindo que alguém jogou Stefan nele, então não pode ser um lugar onde pessoas possam ver isto. Provavelmente algum lugar abandonado..."

"E o carro dele foi encontrado nesta rota," disse Elena.

"O velho lugar dos Francher," disse Matt.

Todos olharam de um para o outro. A casa da fazenda dos Francher tinha sido arruinada e abandonada por mais tempo que alguém podia lembrar. Encontrava-se no meio da floresta, e a mesma tinha se apossado dela há quase um século atrás.

—Vamos lá,‖ adicionou Matt simplesmente.

—Elena colocou uma mão no seu braço. —Você acredita—?‖

Ele olhou para longe por um momento. —Eu não sei em que acreditar,‖ ele disse por fim.

—Mas eu estou indo.‖

Eles se separaram e pegaram ambos os carros, Matt com Bonnie na frente, e Meredith seguindo com Elena. Matt pegou uma pequena e em desuso estradinha para dentro da floresta até ela desaparecer.

—A partir daqui a gente anda,‖ ele disse.

Elena estava feliz por ter pensado em trazer uma corda; eles precisariam dela se Stefan estivesse mesmo no poço dos Francher. E se ele não estivesse... Ela não se deixaria pensar sobre isto.

Era difícil seguir pelo meio da floresta, especialmente no escuro. A vegetação rasteira era espessa, e os galhos mortos chegavam a arranhar eles. Mariposas se agitavam em volta deles, roçando na bochecha de Elena com asas invisíveis.

Eventualmente, eles chegaram a uma clareira. As fundações da velha casa podiam ser vistas, construções de pedra amarradas ao chão, agora, por ervas daninhas e espinheiros. Na maior parte, a chaminé estava ainda intacta, com, com lugares ocos onde o concreto havia mantido junto uma vez, como um monumento em desintegração.

—O poço deve ser em algum lugar lá atrás,‖ Matt disse.

Foi Meredith que encontrou o poço e chamou os outros. Eles se reuniram em volta e olharam para a planície, blocos quadrados de pedra quase no nível do solo. Matt parou e examinou a sujeira e as ervas daninhas em volta. —Foi movido recentemente,‖

ele disse.

Foi neste momento que o coração de Elena começou a bater fervorosamente. Ela podia o sentir ecoando na sua garganta e nas pontas dos seus dedos. —Vamos tirar isto,‖ ela disse numa voz mal acima de um sussurro.

A laje de pedra era tão pesada que Matt nem podia deslocá-la. Finalmente todos os quatro puxaram, empurrando-se de encontro com o chão dela, até que, com um gemido, o bloco se moveu uma fração de polegada. Uma vez que havia uma minúscula abertura entre a pedra e o poço, Matt usou um galho morto para erguer como uma alavanca, alargando a abertura. Então eles todos puxaram de novo.

Quando houve uma abertura larga o suficiente para sua cabeça e ombros, Elena curvou-se, olhando para dentro. Ela estava quase amedrontada para confiar.

—Stefan?‖

Os segundos depois, pairando sobre esta abertura escura, olhando para baixo para a escuridão, ouvindo apenas os ecos dos seixos agitados pelo movimento dela, foram agonizantes. Então, incrivelmente, houve outro som.

—Quem—? Elena?‖

—Oh, Stefan!‖ O alívio a fez ficar fora de si. —Sim! Estou aqui, estamos aqui, e vamos tirá-lo daí. Você está bem? Você está machucado?‖ A única coisa que parou ela de tombar a si mesma no poço foi Matt pegando-a por trás. —Stefan, segure-se, nós temos uma corda. Diga-me que você está bem.‖

Houve um fraco, quase irreconhecível som, mas Elena soube o que era. Uma risada. A voz de Stefan estava abatida, mas inteligível. —Eu—já estive melhor,‖ ele disse. —Mas eu estou—vivo. Quem está com você?‖

—Sou eu. Matt,‖ disse Matt libertando Elena. Ele se curvou para o buraco. Elena, quase delirando de euforia, notou que ele estava com um olhar ligeiramente atordoado. —E

Meredith e Bonnie, que vai dobrar algumas colheres para nós depois. Eu vou atirar uma corda para você... Aí está, a não ser que Bonnie possa levitar você para fora.‖ Ainda de joelhos, ele se virou para olhar para Bonnie.

Ela deu um tabefe no topo da cabeça dele. —Não brinque sobre isto! Traga ele para cima!‖

—Sim, senhora (ma‘am),‖ disse Matt, um pouco tonto. —Aqui, Stefan. Você terá que amarrar isto em volta de você.‖

—Sim,‖ disse Stefan. Ele não podia argumentar sobre seus dedos insensíveis por causa do frio ou se eles conseguiriam ou não transportar o seu peso para cima. Não havia outra maneira.

—Não!‖ A voz estava fraca e rouca, e tinha vindo da figura sem força que Elena embalava. Ela sentiu Stefan se encolher, sentiu ele lentamente levantar a cabeça. Seus olhos verdes fixos nos dela, e ela viu urgência neles.

—Sem... médicos.‖ Aqueles olhos queimaram nos olhos dela. —Prometa... Elena.‖

Os próprios olhos de Elena arderam e sua visão embaçou. —Eu prometo,‖ ela murmurou. Então ela sentiu o que quer que estivesse mantendo ele consciente, a corrente de pura força de vontade e determinação, entrar em colapso. Ele caiu nos braços dela, inconsciente.

Capítulo Quatro

—Mas ele tem que ir ver um médico. Ele parece estar morrendo!‖ disse Bonnie.

—Ele não pode. Eu não posso explicar agora. Vamos simplesmente levá-lo para casa, certo?

Ele está molhado e congelando aqui. Então nós discutimos isso.‖

O trabalho de levar Stefan pela floresta foi o bastante para ocupar as mentes de

todo mundo por um tempo.

Ele permaneceu inconsciente, e quando eles finalmente o deitaram no banco traseiro do carro do Matt estavam todos machucados e exaustos, além de estarem molhados do contato com as roupas encharcadas dele. Elena segurou sua cabeça no seu colo enquanto eles dirigiam até a pensão. Meredith e Bonnie seguiram.

—Eu estou vendo luzes acesas,‖ Matt disse, parando na frente da grande construção em vermelho-ferrugem. —Ela deve estar acordada. Mas a porta está provavelmente trancada.‖

Elena gentilmente levantou a cabeça de Stefan e deslizou para fora do carro, e viu uma das janelas na casa ficar mais clara quando a cortina foi puxada de lado. Então ela viu uma cabeça e ombros aparecerem na janela, olhando para baixo.

—Sra. Flowers!‖ ela chamou, acenando. —É a Elena Gilbert, Sra. Flowers. Nós achamos o Stefan, e nós precisamos entrar!‖

A imagem na janela não se moveu ou de qualquer outra maneira reconheceu suas palavras. Ainda assim, por sua postura, Elena pôde dizer que ela ainda estava olhando para eles.

—Sra. Flowers, nós estamos com o Stefan," ela chamou novamente, gesticulando para o interior iluminado do carro. —Por favor!‖

"Elena! Já está destrancada!‖ A voz de Bonnie flutuou até ela da varanda da frente, distraindo Elena da imagem na janela. Quando ela olhou de volta para cima, ela viu que as cortinas tinham voltado ao lugar, e então a luz no quarto de cima foi apagada. Era estranho, mas ela não teve tempo para decifrar isso. Ela e Meredith ajudaram Matt a levantar Stefan e carregarem-no até os degraus da frente.

Lá dentro, a casa estava escura e quieta. Elena direcionou os outros pela escada que ficava do lado oposto a porta, e para o patamar do segundo andar. Dali eles foram para um quarto, e Elena fez com que Bonnie abrisse a porta que parecia com um closet. Ela revelava outra escada, muito escura e estreita.

—Quem deixaria a sua – porta da frente destrancada – depois de todo que aconteceu recentemente?‖ Matt resmungou enquanto eles rebocavam sua carga inconsciente. —Ela deve ser louca.‖

—Ela *é* louca,‖ Bonnie disse de cima, empurrando a porta no alto da escada para abrir. —Na última vez que estivemos aqui ela falou sobre a coisa mais estranha–‖ Sua voz quebrou com uma ofegação.

—O que foi?‖ disse Elena. Mas a medida em que eles alcançavam o piso do quarto de Stefan, ela viu por si mesma.

Ela tinha se esquecido da condição em que o quarto estivera na última vez que ela o vira. Baús cheios de roupas estavam de pé os deitados de lados, como se tivessem sido jogados por alguma mão gigante de uma parede à outra. Seus conteúdos estavam espalhados no chão, junto com artigos sobre cômodas e mesas. A mobília estava virada de cabeça para baixo, e uma janela estava quebrada, permitindo que um vento gelado soprasse. Havia apenas uma luminária acesa, em um canto, e sombras grotescas teciam-se contra o teto. — *O*

que aconteceu?‖ disse Matt.

Elena não respondeu até que eles tinham esticado Stefan na cama. —Eu não sei com certeza,‖ ela disse, e isso era verdade, embora muito pouco. —Mas já estava desse jeito ontem a noite. Matt, você me ajuda? Ele precisa se secar.‖

—Eu vou achar outra luminária,‖ disse Meredith, masElena falou rapidamente.

—Não, nós podemos ver direito. Por que você não tenta acender a lareira?‖

Caindo de um dos báus abertos estava um manto de tecido felpudo de alguma cor escura. Elena pegou-o, e ela e Matt começaram a tirar as roupas molhadas e coladas de Stefan. Ela conseguiu tirar seu suéter, mas uma olhada em seu pescoço foi o bastante para congelá-la no lugar.

—Matt, você poderia – você poderia me dar aquela toalha?‖

Assim que ele se virou, ela puxou o suéter por sobre a cabeça de Stefan e rapidamente enrolou a manta ao seu redor. Quando Matt se virou e lhe entregou a toalha, ela a envolveu ao redor da garganta de Stefan como um cachecol. Sua pulsação estava acelerando, sua mente trabalhando furiosamente.

Não era de se espantar que ele estivesse tão fraco, tão inconsciente. Ah, Deus. Ela tinha que examiná-lo, ver o quão ruim estava. Mas como ela poderia, com Matt e as outras aqui?

—Eu vou buscar um médico,‖ Matt disse em uma voz forçada, seus olhos no rosto de Stefan.

—Ele precisa de ajuda, Elena.‖

Elena entrou em pânico. —Matt, não... por favor. Ele – ele tem medo de médicos. Eu não sei o que aconteceria se você trouxesse um aqui.‖ Novamente, era a verdade, se não toda a verdade. Ela teve uma idéia do que poderia ajudar Stefan, mas ela não poderia fazer isso com os outros ali. Ela se inclinou por sobre Stefan, esfregando as mãos dele entre as delas, tentando pensar.

O que ela poderia fazer? Proteger o segredo de Stefan ao custo de sua vida? Ou traí-lo para poder salvá-lo? *Iria* salvá-lo contar a Matt e Bonnie e Meredith? Ela olhou para seus amigos, tentando imaginar as respostas deles se eles descobrissem a verdade sobre Stefan Salvatore.

Não era bom. Ela não podia arriscar. O choque e horror da descoberta quase deixou a própria Elena vacilante com loucura. Se ela, que amava Stefan, estivera pronta para correr dele gritando, o que esses três fariam? E então havia o assassinato do Sr. Tanner. Se eles soubessem o que Stefan era, eles seriam capazes de acreditar que ele era inocente? Ou, no fundo de seus corações, ele sempre iriam suspeitar dele?

Elena fechou seus olhos. Era perigoso demais. Meredith e Bonnie e Matt eram seus amigos, mas isso era uma coisa que ela não podia dividir com eles. Em todo o mundo, não havia ninguém em quem ela pudesse confiar esse segredo. Ela teria que mantê-lo sozinha. Ela se indireitou e olhou para Matt. —Ele tem medo de médicos, mas uma enfermeira talvez não tenha problema.‖ Ela se virou para onde Bonnie e Meredith estavam ajoelhadas perante a lareira. —Bonnie, e quanto a sua irmã?‖

"Mary?" Bonnie olhou para seu relógio. —Ela está com o turno noturno na clínica essa semana, mas ela provavelmente já está em casa. Só–‖

—Então é isso. Matt, vá com Bonnie e peça a Mary para vir aqui e dar uma olhada no Stefan. Se ela achar que ele precisa de um médico, eu não irei mais discutir.‖

Matt hesitou, então exalou severamente. —Está certo. Eu ainda acho que você está errada, mas – vamos, Bonnie. Vamos quebrar algumas leis de trânsito.‖

Enquanto eles saiam pela porta, Meredith permaneceu de pé ao lado da lareira, observando Elena com firmes olhos negros.

Elena forçou a si mesma encontrar-los. —Meredith... eu acho que todos vocês deviam ir.‖

—Você acha?‖ Aqueles olhos negros permaneceram nela firmemente, como se tentando penetrar e ler sua mente. Mas Meredith não fez nenhuma outra pergunta. Após um momento ela acenou, e seguiu Matt e Bonnie sem uma palavra.

Quando Elena ouviu a porta no fim da escada fechar, ela afobadamente endireitou uma luminária que estava deitada de ponta cabeça ao lado da cama e a ligou. Agora, por fim, ela podia avaliar os ferimentos do Stefan.

Sua cor parecia pior do que antes; ele estava literalmente quase tão branco quanto os lençois debaixo dele. Seus lábios estavam brancos, também, e Elena de repente pensou em Thomas Fell, o fundador de Fell‘s Church. Ou, ao invés, na estátua de Thomas Fell, deitada ao lado de sua esposa em uma tampa de pedra na tumba deles. Stefan estava da cor daquele mármore.

Os cortes e arranhões em suas mãos eram de um roxo lívido, mas eles não estavam mais sangrando. Ela gentilmente virou a cabeça dele para olhar seu pescoço. E ali estava. Ela tocou o lado de seu próprio pescoço automaticamente, como se para verificar a semelhança. Mas as marcas de Stefan não eram furos pequenos. Elas eram rasgos profundos e selvagens na carne. Ele parecia que tinha sido espancado por algum animal que havia tentado despedaçar sua garganta.

Raiva incandescente queimou por Elena de novo. E com isso, ódio. Ela percebeu que apesar de seu nojo e fúria, ela não havia realmente odiado Damon antes. Não realmente. Mas agora... agora, ela *odiava* . Ela o detestava com uma intensidade de emoções que nunca sentira por ninguém em sua vida. Ela queria machucá-lo, fazê-lo pagar. Se ela tivesse uma estaca de madeira no momento, ela teria martelado-a no coração de Damon sem arrependimento.

Mas agora ela tinha que pensar em Stefan. Ela estava tão terrivelmente quieto. Essa era coisa mais difícil de suportar, a falta de propósito ou resistência em seu corpo, o vazio. Era isso. Era como se ele tivesse demitido-se dessa forma e a deixado com um vaso vazio.

"Stefan!" Sacudí-lo não adiantou nada. Com uma mão no centro de seu peito frio, ela tentou detectar um batimento. Se tivesse um, era fraco demais para sentir. Fique calma, Elena, ela disse à si mesma, afastando a parte de sua mente que queria entrar em pânico. Essa parte estava dizendo, —E se ele estiver morto? E se ele realmente estiver morto, e nada que você possa fazer irá salvá-lo?‖

Espiando pela sala, ela viu a janela quebrada. Cacos de vidro estavam no chão debaixo dela. Ela foi até lá e pegou um, notando como brilhava na luz do fogo. Uma coisa linda, com uma ponta como a de uma lâmina, ela pensou. Então, deliberadamente, entrando de cabeça, ela cortou seu dedo com ele.

A dor a fez arfar. Após um instante, o sangue começou a fluir do corte, pingando pelo seu dedo como cera de um castiçal. Rapidamente, ela se ajoelhou ao lado de Stefan e colocou seu dedo nos lábios dele.

Com sua outra mão, ela prendeu a mão indiferente dele, sentindo a dureza do anel de prata que ele usava. Ela mesma imóvel como uma estátua, ajoelhou-se ali e esperou. Ela quase perdeu o primeiro minúsculo relampejo de resposta. Seus olhos estavam fixos no rosto dele, e ela capturou o minuto em que seu peito começou a se erguer somente na sua visão periférica. Mas então os lábios abaixo de seu dedo tremerem e se separaram ligeiramente, e ele engoliu automaticamente.

—É isso,‖ Elena sussurrou. —Vamos, Stefan.‖

Os cílios dele se agitaram, e com uma clara alegria ela sentiu os dedos dele retornarem a pressão dos dela. Ele engoliu novamente.

—Sim.‖ Ela esperou até que os olhos dele piscassem e lentamente abrissem antes de se sentar.

Então ela apalpou com uma mão a gola alta de seu suéter, deixando-o de fora do caminho. Aqueles olhos verdes estavam estupefatos e pesados, mas tão teimosos como ela os conhecia. —Não,‖ Stefan disse, sua voz um sussurro rachado.

—Você tem que fazer, Stefan. Os outros estão voltando e trazendo uma enfermeira com eles. Eu tive que concordar com isso. E se você não estiver bem o bastante para convencê-la que não precisa de um hospital...‖ Ela deixou a sentença inacabada. Ela mesma não sabia o que um médico ou um técnico de

laboratório achariam ao examinar Stefan. Mas ela sabia que ele sabia, e isso o faria ficar assustado.

Mas Stefan só pareceu mais obstinado, virando seu rosto para longe dela. —Não posso,‖ ele sussurrou. —É perigoso demais. Já tomei... demais… noite passada." Poderia ter sido na noite passada? Parecia há um ano. —Isso irá me matar?‖ ela perguntou.

—Stefan, me responda! Isso irá me matar?"

—Não...‖ Sua voz estava mal-humorada. —Mas–‖

—Então você tem que fazer isso. Não discuta comigo!‖ Inclinando-se sobre ele, segurando sua cabeça junto à dela, Elena pode sentir a sua necessidade dominante. Ela ficou impressionada que ele estava até mesmo tentando resistir. Era como um homem faminto em frente a um banquete, incapaz de tirar seus olhos dos pratos fumegantes, mas se recusando a comer.

—Não,‖ Stefan disse de novo, e Elena sentiu uma onda de frustração passar por ela. Ele era a única pessoa que já conhecera que era tão teimosa quanto ela.

—Sim. E se você não cooperar eu vou cortar outra coisa, como o meu pulso.‖ Ela estivera pressionando seu dedo no lençol para parar o sangue; agora ela o segurava na direção dele. As pupilas dele dilataram, seus lábios se separaram. —Demais... já foi,‖ ele murmurou, mas seu olhar permaneceu no dedo dela, na clara gota de sangue na ponta. —E eu não posso... controlar...‖

—Está tudo bem,‖ ela sussurrou. Ela passou o dedo pelos lábios dele novamente, sentindo-os abrir para recebê-lo; então, ela se inclinou por sobre ele e fechou seus olhos. Sua boca estava fria e seca enquanto tocava a garganta dela. Sua mão prendeu a parte de trás do pescoço dela enquanto os seus lábios procuravam os dois furinhos que já estavam lá. Elena forçou-se a não recuar da picada breve da dor. Então ela sorriu. Antes, ela tinha sentido a necessidade agonizante dele, sua fome impulsora. Agora, pelo laço que eles compartilhavam, ela sentia somente uma poderosa alegria e satisfação. Profunda satisfação a medida que a fome era gradualmente aliviada. Seu próprio prazer vinha de dar, de saber que estava sustentando Stefan com sua própria vida. Ela podia sentir a força fluindo por ele.

Em tempo, ela sentiu a intensidade da necessidade diminuir. Ainda assim, isso não queria dizer que ela se fora, e ela não pôde entender quando Stefan tentou

empurrá-la para longe.

—É o bastante,‖ ele rangeu, forçando os ombros dela para cima. Elena abriu seus olhos, seu prazer sonhador quebrado. Os próprios olhos dele estavam verdes como folhas de mandrágora, e em seu rosto ela viu a fome feroz de um predador.

—Não é o bastante. Você ainda está fraco–‖

—É o bastante para *você*.‖ Ele a empurrou de novo, e ela viu algo como desespero brilhar naqueles olhos verdes. —Elena, se eu tomar muito mais, você irá começar a mudar. E se você não se afastar, se você não se afastar de mim *agora*...‖

Elena retirou-se do pé da cama. Ela o observou se sentar e se ajustar ao manto escuro. Na luz da luminária, ela viu que sua pele tinha recuperado alguma cor, um rubor leve revestindo sua palidez. O cabelo dele estava secando em mar baderneiro de ondas escuras.

—Eu senti sua falta,‖ ela disse suavemente. Alívio palpitou por ela de repente, uma dor que era quase tão ruim quanto o medo e a tensão foram. Stefan estava vivo; ele estava falando com ela. Tudo ia ficar bem afinal.

—Elena...‖ Os olhos deles se encontraram e ela foi presa por um fogo verde. Inconscientemente, ela se moveu na direção dele, e então parou quando ela riu alto.

—Eu nunca te vi desse jeito antes,‖ ele disse, e ela olhou para baixo para si mesma. Seus sapatos e jeans estavam encrostados com lama vermelha, que estava também generosamente untada no resto dela. Sua jaqueta estava rasgada e estava vazando seu enchimento. Ela não tinha dúvida de que seu rosto estava manchado e sujo, e ela sabia que seu cabelo estava embaraçado e desordenado. Elena Gilbert, a imaculada fashionista da Robert E. Lee, estava uma bagunça.

—Eu gosto,‖ Stefan disse, e dessa vez ela riu com ele.

Eles ainda estavam rindo quando a porta abriu. Elena se endureceu alertamente, puxando sua gola rulê, olhando ao redor do quarto por alguma evidência que pudesse traí-los. Stefan sentou-se mais reto e lambeu seus lábios.

—Ele está melhor!‖ Bonnie celebrou enquanto entrava no quarto e via Stefan.

Matt e Meredith estavam logo atrás dela, seus rostos iluminados com surpresa e prazer. A quarta pessoa que entrou era só um pouco mais velha que Bonnie, mas ela tinha um ar refrescante de autoridade que camuflava sua juventude. Mary McCullough foi diretamente à seu paciente e alcançou seu pulso.

—Então é você que tem medo de médicos,‖ ela disse.

Stefan pareceu desconcertado por um momento; então, ele se recuperou. —É um tipo de fobia infantil,‖ ele disse, soando embaraçado. Ele olhou para o lado para Elena, que sorria nervosamente e dava um pequenino aceno. —De qualquer jeito, eu não preciso de um agora, como pode ver.‖

—Por que não me deixa julgar isso? Seu pulso está bem. De fato, está surpreendentemente lento, até mesmo para um atleta. Eu não acho que você está com hipotermia, mas ainda está

gelado. Vamos tirar a sua temperatura.‖

—Não, eu realmente não acho que isso seja necessário.‖ A voz de Stefan estava baixa, calma. Elena tinha ouvido ele usar aquele voz antes, e ela sabia o que ele estava tentando fazer. Mas Mary não tomou conhecimento algum.

—Abra, por favor.‖

—Aqui, eu faço,‖ disse Elena rapidamente, esticando a mão para pegar o termômetro de Mary.

De algum jeito, quando ela o fez, o pequeno tubo de vidro escapou de sua mão. Ele caiu no chão de madeira e quebrou em diversos pedaços. Er, sinto muito!

—Não importa,‖ Stefan disse. —Estou me sentindo muito melhor do que estava, e eu estou ficando mais quente.‖

Mary reparou na bagunça no chão, então olhou ao redor do quarto, percebendo seu estado pilhado. —Está certo,‖ ela exigiu, virando-se com as mãos no quadril.

—O que está acontecendo aqui?‖

Stefan nem ao menos piscou. —Nada demais. A Sra. Flowers é simplesmente uma dona de casa terrível,‖ ele disse, olhando-na diretamente nos olhos. Elena

queria riri, e ela viu que Mary queria, também. A garota mais velha fez uma careta e cruzou seus braços no peito ao invés. —Suponho que é inútil esperar uma resposta direta,‖

ela disse. —E está claro que você não está perigosamente doente. Eu não posso *forçá-lo* a ir para a clínica. Mas eu veementemente sugiro que você faça um checkup amanhã.‖

—Obrigado,‖ disse Stefan, o que, Elena notou, não era o mesmo que concordar.

—Elena, *você* está com cara de que precisa de um médico,‖ disse Bonnie. —Você está branca como um fantasma.‖

—Eu só estou cansada,‖ Elena disse. —Foi um longo dia.‖

—Meu conselho é ir para casa e deitar-se – e ficar lá,‖ Mary disse. —Você não está anêmica, está?‖

Elena resistiu ao impulso de colocar uma mão em sua bochecha. Ela estava tão pálida?

—Não, eu só estou cansada,‖ ela repetiu. —Nós podemos ir para casa agora, se Stefan estiver bem.‖

Ele concordou tranquilizadoramente, a mensagem em seus olhos somente para ela. —Dê-nos um minuto, sim?‖ ele disse para Mary e os outros, e eles recuaram para a escada.

—Tchau. Cuide de si mesmo,‖ Elena disse em voz alta enquanto o abraçava. Ela sussurrou,

—Por que você não usou os seus Poderes em Mary?‖

—Eu usei,‖ ele disse carrancudamente no ouvido dela. —Ou pelo menos eu tentei. Eu ainda devo estar fraco. Não se preocupe; passará.

—É claro, passará,‖ disse Elena, mas seu estômago embrulhou. —Tem certeza que deve ficar sozinha, contudo? E se–‖

—Eu vou ficar bem. Você é quem não deveria ficar sozinha.‖ A voz de Stefan

estava suave mas urgente. —Elena, eu não tive uma chance de alertá-la. Você estava certa sobre Damon estar em Fell‘s Church.‖

—Eu sei. Ele fez isso com você, não fez?‖ Elena não mencionou que ela fora procurar por ele.

—Eu – não me lembro. Mas ele é perigosos. Mantenha Bonnie e Meredith com você hoje a noite, Elena. Eu não quero você sozinha. E tenha certeza de que ninguém convide um estranho para a sua casa.‖

—Nós estamos indo direto para a cama,‖ Elena prometeu, sorrindo para ele. —Nós não iremos convidar ninguém.‖

—Tenha certeza disso.‖ Não havia nenhuma petulância em seu tom, ela concordou lentamente.

—Eu entendo, Stefan. Nós teremos cuidado.‖

—Bom.‖ Eles se beijaram, um mero encostar de lábios, mas suas mãos unidas se separaram reluntatemente. —Diga aos outros _obrigado‘,‖ ele disse.

—Eu direi.‖

Os cinco se reagruparam do lado de fora da pensão, Matt oferecendo-se para levar Mary e para casa para que Bonnie e Meredith pudessem voltar com Elena. Mary claramente ainda estava suspeita sobre os acontecimentos da noite, e Elena não podia culpá-la. Ela também não podia pensar. Ela estava cansada demais.

—Ele disse para dizer _obrigado‘ a todos vocês,‖ ela se lembrou depois de Matt ter partido.

—Ele... não tem de quê,‖ Bonnie disse, dividindo as palavras com um bocejo enorme enquanto Meredith abria a porta do carro para ela. Meredith não disse nada. Ela estivera muito quieta desde que deixara Elena sozinha com Stefan.Bonnie riu repentinamente.

—Uma coisa que todos esquecemos,‖ ela disse. —A profecia.‖

—Que profecia?‖ disse Elena.

—Sobre a ponte. Aquela que você disse. Bem, você foi para a ponte e a Morte não estava esperando lá afinal de contas. Talvez você entendeu mal as palavras.‖

—Não,‖ disse Meredith. —Nós ouvimos as palavras corretamente.‖

—Bem, então, talvez seja outra ponte. Ou... hmmm…‖ Bonnie aninhou-se em seu casaco, fechando seus olhos, e não se incomodou em terminar.

Mas a mente de Elena completou a sentença por ela. *Ou outra hora.* Uma coruja piou do lado de fora enquanto Meredith ligava o carro.

Capítulo Cinco

2 de Novembro, Sábado

Querido Diário,

Esta manhã eu acordei e me senti tão estranha. Eu não sei como descrever isto. Por um lado, eu estava tão fraca que quando eu tentei me levantar meus músculos não me suportaram. Mas por outro lado eu me sentia... agradável. Tão confortável, tão relaxada. Como se eu flutuasse numa cama de luz dourada. Eu não me importava se eu nunca mais me mexesse de novo.

Então eu me lembrei de Stefan, e eu tentei me levantar, mas tia Judith me colocou de volta na cama. Ela disse que Bonnie e Meredith tinham saído horas atrás, e que eu estava dormindo tão profundamente que eles não puderem me acordar. Ela disse que eu precisava de um descanso.

Então aqui estou. Tia Judith ligou a TV, mas eu não quero saber de ver TV. Eu prefiro deitar aqui e escrever, ou só deitar aqui.

Estou esperando que Stefan me ligue. Ele me disse que iria. Ou talvez não. Eu não consigo me lembrar. Quando ele ligar eu tenho que...

3 de Novembro, Domingo (10:30 p.m.)

Eu acabei de ler o que eu escrevi ontem e eu estou chocada. O que estava errado comigo?

Eu parei no meio de uma frase, e eu nem lembro o que eu ia dizer. E eu não

expliquei sobre o meu novo diário ou qualquer coisa. Eu deveria estar completamente drogada. De qualquer forma, este é o começo oficial do meu novo diário. Eu comprei este livro em branco na drogaria. Não é tão bonito quanto o outro, mas vai ter que servir. Eu já perdi as esperanças de ver o meu velho de novo. Quem quer que tenha roubado ele, não vai trazer de volta. Mas quando eu penso em alguém lendo ele, todos os meus mais profundos pensamentos e meus sentimentos sobre Stefan, eu quero matar esta pessoa. Enquanto simultaneamente eu quero morrer de humilhação.

Eu não estou com vergonha sobre como eu me sinto em relação à Stefan. Mas isto é

privado. E há coisas lá, sobre como é quando ele me beija, me abraça, que eu sei que ele não iria querer que ninguém lesse.

É claro, não tinha nada sobre o segredo dele lá. Eu não tinha descoberto ainda. Só a partir daquele dia eu realmente o entendi, e nós ficamos juntos, realmente juntos, finalmente. Agora somos parte um do outro. Eu sinto como se estivesse esperando por ele a minha vida inteira.

Talvez você pense que eu seja terrível por amar ele, considerando o que ele é. Ele pode ser violento, e eu sei que há coisas no seu passado que ele tem vergonha. Mas ele nunca poderia ser violento em relação a mim, e o passado está acabado. Ele tem tanta culpa e ele tem tantas feridas dentro de si. Eu quero curá-lo.

Eu não sei o que acontecerá agora; eu estou apenas tão feliz que ele esteja salvo. Eu fui para a pensão hoje e descobri que a polícia esteve lá ontem. Stefan ainda estava fraco e não pode usar os seus Poderes para se livrar deles, mas eles não o acusaram de nada. Apenas perguntaram algumas coisas. Stefan disse que eles agiram amigavelmente, o que me deixou com suspeitas. Todas as perguntas se resumiram realmente sobre: onde você

estava na noite em que o velho homem foi atacado embaixo da ponte, e na noite em que Vickie Bennet foi atacada nas ruínas da igreja, e na noite em que o Sr. Tanner foi morto na escola?

Eles não têm nenhuma evidência contra ele. Então os crimes começaram assim que ele veio para Fell's Church, então o quê? Isto não é prova de nada. Então ele discutiu com o Sr Tanner naquela noite. De novo, então o quê? Todo mundo

discuti com o Sr. Tanner. Então ele desaparece depois que o corpo do Sr. Tanner foi achado. Ele está de volta agora, e está bem claro que ele mesmo foi atacado, pela mesma pessoa que cometeu os outros crimes. Mary contou a polícia sobre a condição em que ele estava. E se eles viessem perguntar para nós, Matt e Bonnie e Meredith e eu podemos testemunhar como encontramos ele. Não havia nenhum caso contra ele realmente. Stefan e eu conversamos sobre isto, e sobre outras coisas. Era tão bom estar com ele de novo, mesmo se ele parecesse pálido e cansado. Ele ainda não lembrava como a noite de quinta terminou, mas a maior parte disto foi exatamente como suspeitei. Stefan saiu para encontrar Damon na noite de quinta depois que ele me levou para casa. Eles discutiram. Stefan acabou quase morto em um poço. Não precisa ser um gênio para descobrir o que aconteceu entre isto.

Eu ainda não contei para ele que saí procurando por Damon no cemitério sexta-feira de manhã. Eu suponho que seja melhor fazer isto amanhã. Eu sei que ele vai ficar com raiva, especialmente quando ele ouvir o que Damon falou para mim. Bem, isto é tudo. Estou cansada. Este diário vai ser bem escondido, por razões óbvias.

Elena parou e olhou para a última linha da página. Então ela acrescentou: *P.S. Quem será nosso novo professor de história européia?*

Ele guardou o diário sob o colchão e desligou a luz.

Elena andou pelo corredor em um vácuo curioso. Na escola, ela era normalmente recheada de saudações de todos os lados; era —olá, Elena,‖ atrás de —olá, Elena,‖ para qualquer lugar que ela fosse. Mas hoje os olhos deslizavam para longe furtivamente quando ela se aproximava, ou as pessoas de repente ficaram muito ocupadas fazendo coisas que requeriam que eles mantivessem as costas para ela. Isto aconteceu durante todo o dia. Ela parou no caminho para a porta da sala de história européia. Havia alguns alunos já

sentados, e no quadro estava um estranho.

Ele parecia quase como um estudante. Tinha um cabelo cor de areia, um pouco longo, e a estrutura de um atleta. No quadro ele tinha escrito —Alaric K. Saltzman.‖ Quando ele se virou, Elena viu que ele também tinha um sorriso de menino.

Elena continuou sorrindo enquanto Elena se sentava e outros estudantes

entravam. Stefan estava entre eles, e seus olhos encontraram os de Elena enquanto ele sentava do lado dela, mas eles não conversaram. Ninguém estava falando. A sala estava mortalmente silenciosa. Bonnie se sentou no outro lado de Elena. Matt estava distante há apenas algumas carteiras, mas ele estava olhando diretamente para frente.

As duas últimas pessoas a entrarem foram Caroline Forbes e Tyler Smallwood. Eles andaram juntos, e Elena não gostou da expressão na face de Caroline. Ela conhecia aqueles olhos semelhantes aos de gatos e aqueles estreitos olhos verdes bem demais. A beleza de Tyler, ou melhor, suas feições carnudas estavam brilhando de satisfação. A descoloração embaixo de seus olhos causada pelos punhos de Stefan já tinha quase desaparecido.

—Okay, para começar, por que não colocamos todas essas cadeiras em um círculo?‖

A atenção de Elena voltou-se para o estranho na frente da sala. Ele ainda estava sorrindo.

—Vamos lá, vamos fazer isto. Desta forma podemos todos ver o rosto de cada um enquanto falamos,‖ ele disse.

Silenciosamente, os alunos obedeceram. O estranho não sentou na cadeira do Sr. Tanner; em vez disso, ele puxou uma cadeira para o círculo e sentou-se de frente para as costas da cadeira*.

*Não sabia como escrever, mas se não entenderem, é como na imagem.

http://wwwdelivery.superstock.com/WI/223/1612/PreviewComp/SuperStock_161

20662.jpg

—Agora,‖ ele disse. —Eu sei que vocês todos devem estar curiosos sobre mim. Meu nome está no quadro: Alaric K. Saltzman. Mas quero que vocês me chamem de Alaric. Eu contarei para vocês um pouco mais de mim depois, mas primeiro eu quero dar a vocês a chance de falarem.

—Hoje é provavelmente um dia difícil para a maioria de vocês. Alguém que vocês gostavam se foi, e isto deve ser doloroso. Eu quero dar a vocês a chance para se abrirem e compartilharem estes sentimentos comigo e com seus colegas

de classe. Eu quero que vocês tentem entrar em contato com a dor. Então poderemos começar a construir nossa própria relação na verdade. Agora quem gostaria de ser o primeiro?‖

Eles olharam para ele. Ninguém moveu mais que um cílio.

—Bem, vamos ver... que tal você?‖ Ainda sorrindo, ele gesticulou encorajadoramente para uma garota bonita e loira. —Diga-nos seu nome e como você se sente sobre o que aconteceu.‖

Perturbada, a garota se levantou. —Meu nome é Sue Carson, e, uh...‖ Ele tomou um longo suspiro e continuou obstinada. —E eu estou com medo. Porque seja quem for este maníaco, ele ainda está à solta. E, na próxima vez, pode ser eu.‖ Ela se sentou.

—Obrigado, Sue. Estou certo que muitos dos seus colegas compartilham sua preocupação. Agora, estou certo de que alguns de vocês estavam na verdade lá quando a tragédia aconteceu?‖

Carteiras rangeram enquanto os estudantes moveram-se desconfortáveis. Mas Tyler Smallwood levantou-se, seus lábios se retraindo de fortes dentes branco em um sorriso.

—A maioria de nós estava lá,‖ ele disse, e seus olhos cintilaram em Stefan. Elena pode ver outras pessoas seguindo o seu olhar. —Eu cheguei lá logo depois que Bonnie descobriu o corpo. E o que eu sinto é preocupação para com a comunidade. Há um assassino perigoso nas ruas, e até agora ninguém fez nada para Pará-lo. E—‖ Ele parou. Elena não tinha certeza de como, mas ela sentiu que Caroline tinha sinalizado para ele fazer isto. Caroline jogou seu reluzente cabelo castanho-avermelhado para trás e recruzou suas longas pernas enquanto Tyler tomava seu lugar novamente.

—Okay, obrigado. Então a maioria de você estava lá. Isto faz as coisas duas vezes mais difíceis. Podemos ouvir a pessoa que realmente achou o corpo? Bonnie está aqui?‖ Ele olhou em volta.

—Bonnie levantou sua mão lentamente, então se postou em pé. —Eu *acho* que eu descobri o corpo,‖ ela disse. —Quero dizer, eu fui a primeira pessoa que soube que ele estava realmente morto, não apenas fingindo.‖

Alaric Saltzman olhou ligeiramente alarmado. —Não apenas fingindo? Ele costumava fingir estar morto?‖ Houve risadas abafadas, e ele lançou aquele sorrisinho de garoto novamente. Elena se virou e olhou de relance para Stefan, que estava com as sobrancelhas franzidas.

—Não—não,‖ disse Bonnie. —Veja, ele era um sacrifício. Na Casa Assombrada. Então ele estava coberto com sangue de qualquer forme, mas era sangue de mentira. E isto foi parcialmente minha culpa, porque ele não queria colocá-lo, e eu disse que ele tinha que colocar. Era para ele ser um Cadáver Sangrento. Mas ele dizia que era muito sujo, e continuou até que Stefan veio e discutiu com ele —‖ Ela parou. —Quero dizer, nós falamos com ele e ele finalmente aceitou em fazer isto, e então a Casa Assombrada começou. E um pouco depois eu percebi que ele não estava levantando e assustando as crianças como ele deveria fazer, e eu fui até lá e perguntei a ele o que havia de errado. E ele não me respondeu. Ele apenas—ele apenas continuou olhando fixamente para o teto. E então eu toquei nele—foi terrível. A cabeça dele apenas meio que caiu pesadamente...‖ A voz de Bonnie tremulou e desistiu. Ela engoliu.

Elena se levantou, assim como Stefan, Matt e algumas outras pessoas. Elena alcançou Bonnie.

—Bonnie, está tudo bem. Bonnie, não; está tudo bem.‖

—E sangue se espalhou por minhas mãos. Tinha sangue por todo o lugar, tanto sangue...‖

Ela fungou histericamente.

—Okay, tempo esgotado,‖ Alaric Saltzman falou. —Desculpe-me; eu não queria afligir você

tanto assim. Mas eu acho que você precisa trabalhar estes sentimentos em algum momento no futuro. Está claro que isto foi uma experiência bem devastadora.‖

Ele se levantou e andou compassadamente pelo centro do círculo, suas mãos abrindo e fechando nervosas. Bonnie ainda estava fungando levemente.

—Eu sei,‖ ele disse, o sorriso de menino voltando com força total. —Eu gostaria que a nossa relação aluno-professor tivesse um bom começo, longe de toda esta atmosfera. Que tal se todos vocês viessem para minha casa hoje à noite, e nós

podemos conversar informalmente? Talvez só para conhecer uns aos outros, talvez falar sobre o que aconteceu. Vocês podem até trazer um amigo se quiserem. Que tal?‖

Passaram aproximadamente trinta segundos apenas com os eles se olhando fixamente. Então alguém disse, —Sua casa?‖

—Sim... Oh, esqueci. Que estupidez minha. Estou na casa dos Ramsey, na Avenida Magnolia.‖ Ele escreveu o endereço no quadro. —Os Ramseys são amigos meus, e eles me emprestaram a casa enquanto eles estão de férias. Eu vim de Charlottesville, e o diretor me ligou na sexta para perguntar-me se eu poderia substituir. Eu pulei de cabeça na chance. Este é meu primeiro emprego de verdade como professor.‖

—Oh, isto explica,‖ sussurrou Elena.

—Explica?‖ falou Stefan.

—De qualquer forma, o que vocês acham? É um plano?‖ Alaric Saltzman olhou em volta para eles.

Ninguém teve um coração para recusar. Houve diversos —sins‖ e —claros‖.

—Ótimo, então está marcado. Eu providenciarei os petiscos e refrescos, e nós vamos todos conhecer uns aos outros. Oh, e por falar nisto...‖ Ele abriu um caderno de notas e olhou rapidamente. —Nesta aula, participação vai valer a metade de sua nota final.‖ Ele olhou de relance para cima e sorriu. —Vocês podem ir agora.‖

—Que nervo o dele,‖ alguém murmurou enquanto Elena saiu. Bonnie estava atrás dela, mas a voz de Alaric Saltzman a chamou de volta.

—Os alunos que compartilharam conosco poderiam ficar para trás por um minuto?

Stefan teve que ir também. —É melhor eu checar o treino de futebol,‖ ele disse.

—Provavelmente foi cancelado, mas é melhor eu ter certeza.‖

Elena estava interessada. —Se não foi cancelado, você acha que está disposto

para ir?‖

—Eu ficarei bem,‖ ele disse evasivamente. Mas ela notou que o rosto dele ainda parecia contraído, e ele se moveu como se estivesse com dor. —Encontro você nos armários,‖ ele disse.

Ela assentiu. Quando ela chegou aos armários, ela viu Caroline falando com duas outras garotas. Três pares de olhos seguiram todos os movimentos de Elena enquanto ela guardava os seus livros, mas quando Elena olhou de relance, dois deles olharam para longe de repente. Apenas Caroline continuou olhando para ela, com a cabeça ligeiramente ereta enquanto ela sussurrava para as outras garotas.

Elena já tinha tido o suficiente. Fechando o seu armário, ela andou diretamente até o grupo.

—Olá, Becky; olá, Sheila,‖ ela disse. Então, com forte ênfase: —Olá, Caroline.‖

Becky e Sheila murmuraram —olá‖ e adicionaram alguma coisa sobre terem que ir. Elena nem se virou para vê-las escapulindo. Ela manteve seus olhos nos de Caroline.

—O que está acontecendo?‖ ela mandou.

—Acontecendo?‖ Caroline obviamente estava curtindo isto, tentando prolongar o máximo possível. —Acontecendo com quem?‖

—Com você, Caroline. Com todo mundo. Não finja que você não está envolvida em alguma coisa, porque eu sei que está. As pessoas têm me evitado todo o dia como se eu tivesse uma praga, e você está parecendo como se tivesse ganhado na loteria. O que você fez?‖

A expressão de inquérito inocente de Caroline caiu e ela abriu um sorriso felino. —Eu te disse que quando a escola começasse as coisas seriam diferentes este ano, Elena,‖ ela disse.

—Eu te alertei que sua hora no trono iria acabar. Mas não é *meu* feito. O que está

acontecendo é simplesmente um seleção natural. A lei da natureza.‖

—Bem, vamos dizer que namorar um assassino pode atrapalhar a sua vida social.‖

O peito de Elena se apertou como se Caroline tivesse batido nela. Por um momento, o desejo de bater em Caroline foi quase irresistível. Então, com o sangue pulsando nas suas orelhas, ela disse por dentes cerrados. —Isto não é verdade. Stefan não fez nada. A polícia o questionou, e ele estava limpo.‖

Caroline deu de ombros. Seu sorriso estava agora paternalista. —Elena, eu conheço você

desde o jardim de infância,‖ ela disse, —então eu vou te dar um conselho pela consideração dos velhos tempos: largue Stefan. Se você fizer isto agora você evitará ser uma completa leprosa social. Se não você também pode comprar um sininho para tocar na rua.‖

A raiva prendeu Elena como refém enquanto Caroline se virou e tomou seu rumo, seu cabelo castanho-avermelhado movendo-se como líquido sob as luzes. Então Elena encontrou sua própria língua.

—Caroline.‖ A outra garota se virou. —Você vai para a festa na casa dos Ramseys hoje à

noite?‖

—Eu suponho que sim. Por quê?‖

—Porque eu estarei lá. Com Stefan. Vejo você na floresta.‖ Desta vez foi Elena quem se virou.

A dignidade de sua saída foi ligeiramente perturbada quando ela viu uma esbelta, sombreada figura na extremidade final do corredor. O paço dela vacilou por um instante, mas quando ela se aproximou ela reconheceu Stefan.

Ela sabia que o sorriso que ela deu para ele pareceu forçado, e ele olhou rapidamente de volta até os armários enquanto eles andavam lado a lado para fora da escola.

—Então o treino de futebol foi cancelado?‖ ela disse.

Ele confirmou. —O que foi tudo isso?‖ ele disse calmamente.

—Nada. Eu perguntei para Caroline se ela iria para a festa de hoje à noite.‖ Elena curvou sua cabeça para trás para olhar o cinza e horrendo céu.

—E isto era sobre o que vocês estavam conversando?‖

Ela lembrou o que ele tinha contado para ela no seu quarto. Ele podia ver melhor que um humano, e ouvir melhor também. Bem o bastante para pegar palavras faladas a 40 pés de distância?

—Sim,‖ ela disse provocante, ainda inspecionando as nuvens.

—E foi isto que fez você ficar com tanta raiva?‖

—Sim‖ ela disse novamente, no mesmo tom.

Ela podia sentir os olhos dele em cima dela. —Elena, isto não é verdade.‖

—Bom, se você lê mentes, você não precisa me fazer perguntas, precisa?‖

Eles estavam encarando um ao outro agora. Stefan estava tenso, sua boca fixada em uma linha desagradável. —Você sabe que eu não faria isto. Mas eu pensei que você era tão séria sobre honestidade em relações.‖

—Tudo bem. Caroline estava mostrando sua usual e megera personalidade e soltando sua boca sobre o assassinato. Então o quê? Por que você se importa?‖

—Porque,‖ disse Stefan simplesmente e brutalmente, —ela pode estar certa. Não sobre o assassinato, mas sobre você. Sobre você e eu. Eu deveria ter percebido que isto poderia acontecer. Não é só ela, é? Eu tenho sentido hostilidade e medo durante todo o dia, mas eu estava muito cansado para tentar e analisar isto. Eles acham que eu sou o assassino e eles estão descontando isto em você.‖

—O que eles acham não importa! Eles estão errados, e eles vão perceber por fim. Então tudo ficará da forma que era antes.‖

Um sorriso melancólico apareceu no canto da boca de Stefan. —Você realmente acredita nisto, não é?‖ Ele olhou para longe, e sua face se enrijeceu. —E se eles não perceberem? E

se isto apenas se tornar pior?‖

—O que você está dizendo?‖

—Pode ser melhor...‖ Stefan tomou um longo suspiro e continuou, cuidadosamente. —Pode ser melhor se nós não nos vermos mais por enquanto. Se ele acharem que nós não estamos mias juntos, eles vão deixar você em paz.‖

Ela o encarou. —E você acha que poderia fazer isto? Não me ver ou falar comigo por seja lá

quanto tempo?‖

—Se for necessário—sim. Poderíamos fingir que nós tivéssemos terminado.‖ Seu maxilar estava imóvel.

Elena olhou fixamente por outro momento. Então ela circulou em volta dele e se moveu para mais perto, tão perto que eles estavam quase se tocando. Ele teve que olhar para baixo para ela, os olhos dele apenas algumas polegadas dos dela.

—Há,‖ ela disse, —apenas uma forma de eu anunciar para o resto da escola que nós terminamos. E esta é se você me dizer que não me ama e que não quer me ver. Diga-me isto, Stefan, agora mesmo. Diga-me que você não quer ficar comigo nunca mais. Ele tinha parado de respirar. Ele a encarou, aqueles olhos verdes estriados como os de um gato em tons de esmeralda e malaquita* e azevinho.

*malaquita (malachita) é um mineral verde (http://pt.wikipedia.org/wiki/Malaquita)

—Diga,‖ ela falou para ele. —Diga-me o quanto você pode seguir sem mim, Stefan. Digame—‖

Ela nunca terminou a frase. A mesma foi cortada quando os lábios dele desceram nos dela.

Capítulo Seis

Stefan sentou-se na sala de estar dos Gilbert, concordando educadamente com o que quer que tia Judith estivesse dizendo. A mulher mais velha estava

desconfortável recebendo-o aqui; você não precisava ler mentes para saber disso. Mas ela estava tentando, e portanto Stefan estava tentando, também. Ele queria que Elena fosse feliz. Elena. Mesmo quando ele não estava olhando para ela, ele estava mais consciente dela do que de qualquer outra coisa na sala. Sua presença viva batia contra a pele dele como a luz solar contra pálpebras fechadas. Quando ele realmente deixava-se virar para encará-la, era um doce choque a todos os seus sentidos.

Ele a amava tanto. Ele não mais a via como Katherine; ele tinha quase se esquecido o quanto ela parecia com a garota morta. Em todo caso, havia tantas diferenças. Elena tinha o mesmo pálido cabelo dourado e a pele cremosa, os mesmos traços delicados de Katherine, mas aí a semelhança acabava. Os olhos dela, parecendo violeta na luz do fogo agora mas normalmente um azul tão escuro quanto lapis lazuli, não eram tímidos nem infantis como os de Katherine tinham sido. Ao contrário, eles eram janelas para sua alma, que brilhava como uma chama ávida por trás deles. Elena era Elena, e sua imagem tinha substituído o gentil fantasma de Katherine no coração dele.

Mas sua própria força fazia do amor deles perigoso. Ele não fora capaz de resistir a ela na semana passada quando ela oferecera à ele seu sangue. A verdade é que ele poderia ter morrido sem ele, mas tinha sido cedo demais para a segurança da própria Elena. Pela centésima vez, seus olhos se moveram pelo rosto de Elena, procurando pelos sinais reveladores da mudança. Aquela pele cremosa estava um pouco mais pálida? A expressão dela estava ligeiramente mais distante?

Eles teriam que tomar cuidado de agora em diante. Ele teria que tomar mais cuidado. Ter certeza de se alimentar regularmente, satisfazer-se com animais, para que não fosse tentado.

Nunca deixar a necessidade ficar forte demais. Agora que ele pensou nisso, ele estava com fome agora. A dor seca, a queimação, estava se espalhando pelo seu maxilar superior, sussurrando por suas veias e vasos capilares. Ele deveria estar na floresta – os sentidos alertas para capturar o mais ligeirar crepitar de ramos secos, os músculos prontos para a caça – não aqui perto do fogo observando o traçado de veias azuis pálidas na garganta de Elena.

Aquela garganta delgada virou-se enquanto Elena olhava para ele.

—Você quer ir àquela festa hoje a noite? Nós podemos pegar o carro da tia Judith,‖ ela disse.

—Mas você deve ficar para o jantar primeiro,‖ disse tia Judith rapidamente.

—Nós podemos pegar algo no caminho.‖ Elena quis dizer que eles poderiam pegar algo para ela, Stefan pensou. Ele mesmo podia mastigar e engolir comida comum se tivesse que, apesar de não fazer bem algum a ele, e ele há muito tinha perdido gosto por isso. Não, os... apetites… dele eram mais particulares agora, ele pensou. E se eles fossem para essa festa, isso significaria mais horas antes que ele pudesse se alimentar. Mas ele concordou em acordo com Elena.

—Se você quiser,‖ ele disse.

Ela queria; ela estava certa disso. Ele tinha visto isso desde o começo. —Tudo bem então, é

melhor eu me trocar.‖

Ele a seguiu até a base da escada. —Use algo com uma gola alta. Um suéter,‖ ele disse à ela numa voz baixa demais para ser conduzida.

Ela espiou para a entrada, para a sala de estar vazia, e disse, —Está tudo bem. Eles já estão quase curados. Viu?‖ Ela puxou seu colarinho rendado para baixo, girando sua cabeça para um lado.

Stefan encarou, hipnotizado, as duas marcas redondas na pele belamente granulada. Elas eram de uma cor muito leve e translúcida de burgundy, como um vinho muito aguado. Ele endireitou seus dentes e forçou seus olhos a se afastarem. Olhar por muito mais tempo para isso o enlouqueceria.

—Não foi isso que eu quis dizer,‖ ele disse bruscamente.

O brilhante véu de seu cabelo caiu sobre as marcas novamente, escondendo-as. —Ah.‖

—Entre!‖

Enquanto eles o faziam, entrando na sala, as conversas pararam. Elena olhou para os rostos virados na direção deles, para os olhos curiosos e furtivos e para

as expressões desconfiadas. Não o tipo de olhares que ela estava acostumada a receber quando fazia uma entrada.

Fora outro estudante que abrira a porta para eles; Alaric Saltzman não estava a vista. Mas Caroline estava, sentada em um banquinho de bar, que mostrava da melhor maneira suas pernas. Ela lançou um olhar zombeteiro a Elena e então fez alguma observação para o garoto a sua direita. Ele riu.

Elena pôde sentir seu sorriso começar a ficar dolorida, enquanto um rubor arrastava-se na direção de seu rosto. Então uma voz familiar chegou a ela.

"Elena, Stefan! Aqui.‖

Grata, ela avistou Bonnie sentada com Meredith e Ed Goff em um sofá de dois lugares no canto. Ela e Stefan sentaram-se em um pufê grande oposto a eles, e ela ouviu as conversas recomeçarem ao redor da sala.

Por um acordo tácito, ninguém mencionou a estranheza da chegada de Elena e Stefan. Elena estava determinada a fingir que tudo estava como de costume. E Bonnie e Meredith estavam apoiando-na. —Você está ótima,‖ disse Bonnie calorosamente.

—Eu simplesmente amo esse suéter vermelho.‖

—Ela está bonita mesmo. Não está, Ed?‖ disse Meredith, e Ed, parecendo vagamente assustado, concordou.

—Então a sua sala foi convidada para isso, também,‖ Elena disse para Meredith.
—Eu achei que fosse talvez só o sétimo período.‖

—Eu não sei se *convidada* é a palavra,‖ respondeu Meredith secamente.
—Considerando que a participação é metade da nossa nota.‖

—Você acha que ele estava falando sério sobre isso? Ele não pode estar falando sério,‖

interpos Ed.

Elena deu de ombros. —Ele pareceu estar falando sério para mim. Onde está o Ray?‖ ela perguntou a Bonnie.

"Ray? Ah, Ray. Eu não sei, por aí em algum lugar, creio. Tem um monte de gente aqui.‖

Isso era verdade. A sala de estar dos Ramsey estava lotada, e pelo que Elena podia ver a multidão fluía até a sala de jantar, no salão da frente, e provavelmente até a cozinha também. Cotovelos ficavam encostando no cabelo de Elena enquanto as pessoas circulavam atrás dela.

—O que o Saltzman queria com você depois da aula?‖ Stefan estava dizendo.

—Alaric,‖ Bonnie corrigiu recatadamente. —Ele quer que a gente chame-o de Alaric. Ah, ele só estava sendo gentil. Ele se sentiu mal por ter me feito reviver uma experiência tão agonizante. Ele não sabia exatamente como o Sr. Tanner morreu, e ele não tinha percebido que eu era tão sensível.

É claro, ele próprio é incrivelmente sensível, então ele entende como é. Ele é aquariano.‖

—Como ascendente de Lua em cantadas,‖ disse Meredith baixinho. —Bonnie você não acredita nesse lixo, acredita? Ele é um professor; ele não devia estar fazendo isso com estudantes.‖

—Ele não estava fazendo nada! Ele disse exatamente a mesma coisa para Tyler e Sue Carson. Ele disse que deveríamos formar um grupo de apoio um para o outro ou escrever uma composição sobre aquela noite para extravasar nossos sentimentos. Ele disse que adolescentes são muito impressionaveis e que ele não queria que a tragédia tivesse um impacto lastimável em nossas vidas.‖

—Ah, Deus,‖ disse Ed, e Stefan transformou uma risada em tosse. Ele não estava divertindose, porém, e sua pergunta à Bonnie não fora mera curiosidade. Elena sabia; ela podia sentir isso irradiando dele. Stefan sentia-se em relação a Alaric Saltzman do jeito que a maioria das pessoas nessa sala sentiam-se em relação a Stefan. Cautela e desconfiança.

— *Foi* estranho, ele agindo como se a festa fosse uma idéia espontânea da nossa sala,‖ ela disse, respondendo inconscientemente às palavras não ditas de Stefan, —quando obviamente fora planejado.‖

—O que é mais estranho é a idéia de que a escola fosse contratar um professor sem dizer à

ele como o professor anterior morreu,‖ disse Stefan. —Todo mundo estava falando disso; devia estar nos jornais.‖

—Mas não todos os detalhes,‖ disse Bonnie firmemente. —De fato, há coisas que a polícia ainda não revelou, porque eles acham que irá ajudá-los a pegar o assassino. Por exemplo,‖

ela abaixou sua voz, —você sabe o que a Mary disse? O Dr. Feinberg estava falando com o cara que fez a autópsia, o examinador médico. E ele disse que não havia nenhum sangue sobrando no corpo. Nem uma gota.‖

Elena sentiu um vento gelado assoprar através dela, como se ela estivesse de pé novamente no cemitério. Ela não conseguia falar. Mas Ed disse, —Onde que foi parar?‖

—Bem, por todo o chão, eu creio,‖ disse Bonnie calmamente. —Por todo o altar e tudo. É isso que a polícia está investigando agora. Mas não é comum um cadáver não ter *nenhum* sangue sobrando; geralmente, tem um pouco que se assenta na parte debaixo do corpo. Livor mortis, é o nome. Parecem grandes machucados roxos. O que foi?‖

—Sua incrível sensibilidade vai me fazer vomitar,‖ disse Meredith em uma voz estrangulada.

—Podemos falar sobre outra coisa?‖

—Não foi você que estava com sangue por tudo,‖ Bonnie começou, mas Stefan a interrompeu.

—Os investigadores chegaram a alguma conclusão pelo que eles aprenderam? Ele estão mais próximos de encontrar o assassino?‖

—Eu não sei,‖ disse Bonnie, e então ela se iluminou. —É isso mesmo, Elena, você disse que sabia–‖

—Cala a boca, Bonnie,‖ disse Elena desesperadamente. Se tivesse um lugar para *não* se discutir isso, era uma sala lotada cercada por pessoas que odiavam Stefan. Os olhos de Bonnie se arregalaram, e então ela acenou, aquietando-se. Elena não conseguia relaxar, contudo. Stefan não tinha matado o Sr. Tanner, e mesmo assim a mesma evidência que levaria a Damon poderia tão facilmente levar a ele.

E *iria* levar a ele, porque ninguém além dela e Stefan sabia da existência de Damon. Ele estava lá

fora, em algum lugar, nas sombras. Esperando por sua próxima vítima. Talvez esperando por Stefan – ou por ela.

—Eu estou com calor,‖ ela disse abruptamente. —Eu acho que vou ver que tipo de refrescos e petiscos *Alaric* providenciou.‖

Stefan começou a se levantar, mas Elena acenou para permanecer sentado. Ele não seria útil para batatas fritas e ponche. E ela queria ficar sozinha por alguns minutos, estar se movendo invés de sentada, acalmar-se.

Estar com Meredith e Bonnie tinha lhe dado uma sensação falsa de segurança. Deixandoas, ela foi novamente confrontada com olhares de esguelha e costas viradas repentinamente. Dessa vez isso a deixou nervosa. Ela moveu-se pela multidão com insolência deliberada, segurando qualquer olhar que ela acidentalmente capturasse. Eu já sou notória, ela pensou. Posso muito bem ser insolente, também.

Ela estava faminta. Na sala de jantar dos Ramsey alguém tinha providenciado algum tipo de petisco que parecia surpreendentemente bom. Elena pegou um prato de papel e colocou alguns palitinhos de cenoura nele, ignorando as pessoas ao redor da mesa branqueada de carvalho. Ela não ia falar com eles a não ser que eles falassem primeiro. Ela deu sua atenção total aos refrescos e petiscos, inclinando-se sobre as pessoas para selecionar triângulos de queijo e bolachas Ritz, esticando a mão na frente deles para puxar uvas, olhando ostentosamente para cima e para baixo para toda a exibição para ver se tinha algo que ela tinha deixado escapar.

Ela foi bem sucedida em rebater a atenção de todos, algo que ela sabia sem levantar seus olhos. Ela mordeu delicadamente um palitinho de pão, segurando-o entre seus dentes como um lápis, e virou-se da mesa.

—Importa-se se eu der uma mordida?‖

Choque estalando fez seus olhos se abrirem e congelou sua respiração. Sua mente comprimiu-se, recusando-se a reconhecer o que estava acontecendo, e deixando-a indefesa, vulnerável, ao encarar isso. Mas apesar do pensamento racional ter desaparecido, seus sentidos continuaram a gravar cruelmente: olhos

escuros dominando seu campo de visão, um sopro de algum tipo de colônia nas narinas dela, dois dedos longos inclinando seu queixo para cima. Damon inclinou-se, e, impecavel e precisamente, mordeu a outra ponta do palitinho de pão.

Naquele momento, os lábios deles estavam apenas a alguns centímetros de distância. Ele estava inclinando-se para uma segunda mordida antes que a sanidade mental de Elena reativasse o bastante para jogá-la para trás, sua mão agarrando a ponta do pão crocrante e jogando-o para longe. Ele o pegou no meio do ar, uma amostra virtuosa de reflexo. Os olhos dele ainda estavam nos dela. Elena inspirou por fim e abriu sua boca; ela não teve certeza do porque. Para gritar, provavelmente. Para alertar todas essas pessoas para correr para a noite. Seu coração estava golpeando como um martinete, sua visão embaçada.

—Pronto, pronto.‖ Ele tomou o prato dela e de algum modo pegou seu pulso. Ele estava segurando-o levemente, do jeito que Mary tinha sentido a pulsação de Stefan. Enquanto ela continuava a encarar e arfar, ele o acariciou com seu dedão, como se confortando-a. —Pronto. Está tudo bem.‖

O que você está fazendo aqui? ela pensou. A cena ao seu redor parecia assustadoramente clara e artificial. Era como um daqueles pesadelos onde tudo é comum, exatamente como a vida, então de repente algo grotesco acontecia. Ele ia matar a todos.

"Elena? Você está bem?‖ Sue Carson estava falando com ela, segurando seus ombros.

—Eu acho que ela se engasgou com algo,‖ Damon disse, soltando o pulso de Elena. —Mas ela está bem agora. Por que não nos apresenta?‖

Ele ia matar a todos...

—Elena, esse é Damon, hm...‖ Sue esticou uma mão como se pedindo desculpa, e Damon terminou por ela.

"Smith." Ele levantou um copo de papel na direção de Elena. " *La vita*."

—O que você está fazendo aqui?‖ ela sussurrou.

—Ele é um universitário,‖ Sue voluntariou-se, quando tornou-se aparente que

Damon não ia responder. —Da – Universidade da Virginia, não é? William and Mary*?‖

* *William and Mary* é como é conhecida coloquialmente a Faculdade de William & Mary na Virginia *(The College of William & Mary in Virginia).*

—Entre outros lugares,‖ Damon disse, ainda olhando para Elena. Ele não tinha olhado para Sue nenhuma vez. —Eu gosto de viajar.‖

O mundo tinha novamente voltado ao lugar ao redor de Elena, mas era um mundo assustador.

Havia pessoas de todos os lados, observando essa troca com fascinação, impedindo-a de falar livremente. Mas eles também estavam deixando-a a salvo. Por qualquer razão, Damon estava jogando um jogo, e fingindo ser um deles. E enquanto a mascarada continuava, ele não faria nada a ela na frente de uma multidão... ela esperava. Um jogo. Mas ele estava fazendo as regras. Ele estava aqui na sala de jantar dos Ramsey jogando com ela.

—Ele só está aqui por alguns dias,‖ Sue continuava proveitosamente. —Visitando – amigos, foi o que disse? Ou parentes?‖

—Sim,‖ disse Damon.

—Você tem sorte de ser capaz de ir embora quando quiser,‖ Elena disse. Ela não sabia o que a estava possuindo, fazê-la tentar e desmascará-lo.

—Sorte tem muito pouco a ver com isso,‖ disse Damon. —Você gosta de dançar? ‖

—No que está se formando?‖

Ele sorriu para ela. —Folclore americano. Você sabia, por exemplo, que uma verruga no pescoço significa que você será rica? Se importa se eu checar?‖

—Eu me importo.‖ A voz veio de trás de Elena. Era clara e fria e silenciosa. Elena tinha escutado Stefan falar nesse tom somente uma vez: quando ele tinha encontrado Tyler tentando atacá-la no cemitério. Os dedos de Damon aquietaram-se na garganta dela, e, libertada do feitiço dele, ela recuou.

—Mas você importa?‖ ele disse.

Os dois se encararam sob a fraca e vacilante luz amarela do candelabro de latão. Elena estava ciente de camadas de seus próprios pensamentos, como um parfait. Todos estavam encarando; isso devia ser melhor que filmes... Eu não percebi que Stefan era mais alto… Ali estão Bonnie e Meredith se peguntando o que está havendo... Stefan está nervoso mas ele ainda está fraco, ainda está machucado... Se ele atacar Damon agora, ele perderá... E na frente de todas essas pessoas. Seus pensamentos fizeram um barulho hesitante quando tudo se encaixou. Era por isso que Damon estava aqui, para fazer Stefan atacá-lo, aparentemente não provocado. Não importava o que acontecesse depois disso, ele ganharia. Se Stefan o empurrasse, isso simplesmente seria mais prova da —tendência violenta‖ de Stefan. Mais evidência para os acusadores do Stefan. E se Stefan perdesse a luta... Isso significaria sua vida, pensou Elena. Ah, Stefan, ele está tão mais forte agora; por favor não faça isso. Não caia no jogo dele.

Ele *quer* te matar; ele só está procurando uma oportunidade. Ela fez seus membros moverem-se, apesar deles estaram rígidos e desajeitados como os de uma marionete.

—Stefan,‖ ela disse, pegando sua mão fria na dela, —vamos para casa.‖

Ela podia sentir a tensão no corpo dele, como uma corrente elétrica correndo por baixo de sua pele. Nesse momento, ele estava completamente focado em Damon, e a luz nos olhos dele era como fogo refletindo em uma lâmina de adaga. Ela não o reconhecia nesse temperamente, não o conhecia. Ele a assustava.

— *Stefan*,‖ ela disse, chamando-o como se estivesse perdida na neblina e não pudesse achálo.

—Stefan, *por favor*.‖

E lentamente, lentamente, ela sentiu ele responder. Ela escutou ele respirar e sentiu seu corpo sair do estado de alerta, entrando em algum nível mais baixo de energia. A concentração mortal de sua mente foi divergida e ele olhou para ela, e a viu.

—Está certo,‖ ele disse suavemente, olhando-a nos olhos. —Vamos.‖

Ela manteve suas mãos nele enquanto eles se viravam, uma apertando a mão

dele, a outra enfiada dentro do braço dele. Por completa força de vontade, ela conseguiu não olhar por sobre seu ombro enquanto eles se afastavam, mas a pele nas costas dela latejava e rastejava como se esperando a apunhalação de uma faca.

Ao invés disso, ela ouviu a baixa voz irônica de Damon: —E você ouviu que beijar uma garota ruiva cura herpes?‖ E então a risada escandalosa e lisonjeada de Bonnie. No caminho da saída, finalmente eles encontraram seu anfitrião.

—Indo embora tão cedo?‖ Alaric disse. —Mas eu nem tive a chance de falar com vocês ainda.‖

Ele parecia tanto ávido quanto repreensivo, como um cachorro que sabe perfeitamente bem que não vai sair para passear mas se sacode de qualquer jeito. Elena sentiu preocupação florescer em seu estômago por ele e por todos os outros na casa. Ela e Stefan estavam deixando-os com Damon.

Ela teria simplesmente que esperar para que sua avaliação mais cedo estivesse certa e ele quisesse continuar a mascarada. Nesse momento ela tinha mais o que fazer tirando Stefan daqui antes que ele mudasse de idéia.

—Não estou me sentindo muito bem,‖ ela disse enquanto pegava sua bolsa onde estava no pufê. —Sinto muito.‖ Ela aumentou a pressão no braço de Stefan. Não precisaria de muito para fazê-lo virar e dirigir-se para a sala de jantar nesse momento.

—Eu sinto muito,‖ disse Alaric. —Tchau.‖

Eles estavam no solado da porta antes que ela visse a tirinha de papel violeta presa no bolso lateral de sua bolsa. Ela a puxou e desdebrou quase por reflexo, sua mente em outras coisas. Havia uma escrita nela, comum e em negrito e desconhecida. Só três linhas. Ela as leu a sentiu o mundo balançar. Isso era demais; ela não conseguia lidar com mais nada.

—O que foi?‖ disse Stefan.

—Nada.‖ Ela colocou o pedaço de papel de volta no bolso lateral, empurrando-o com seus dedos. —Não é nada, Stefan. Vamos para fora.‖

Eles foram para fora para a chuva.

Capítulo Sete

Da próxima vez,‖ disse Stefan calmamente, —eu não vou embora.‖

Elena sabia o que isso significava, e isso a aterrorizou. Mas bem agora suas emoções haviam se aquietado, e ela não quis discutir.

—Ele estava lá,‖ ela disse. —Dentro de uma casa ordinária cheia de gente ordinária, simplesmente como se tivesse todo o direito de estar. Eu não pensei que ele ousaria.‖

—Por que não?‖ Stefan disse brevemente, amargamente. —Eu estava lá em uma casa ordinária cheia de gente ordinária, simplesmente como se eu tivesse todo o direito de estar.‖

—Eu não quis dizer isso. É só que a única outra vez que eu o vi em público foi na Casa Assombrada quando ele estava usando máscara e fantasia, e estava escuro. Antes disso foi sempre em algum lugar deserto, como o ginásio naquela noite que eu estava sozinha, ou o cemitério...‖

Ela soube assim que disse a última parte que foi um erro. Ela ainda não tinha contado a Stefan sobre ter ido encontrar Damon três dias atrás. No banco do motorista, ele congelou.

—Ou no cemitério?‖

—Sim... Eu me referi àquele dia que Bonnie e Meredith e eu fomos perseguidas. Eu estou supondo que deve ter sido Damon quem nos perseguiu. E o lugar estava deserto a não ser por nós três.‖

Por que ela estava mentindo para ele? Porque, uma pequena voz em sua cabeça respondeu sinistramente que, caso contrário, ele podia surtar*. Sabendo o que Damon disse a ela, o que ele havia prometido que estava reservado, podia ser o tudo o que era necessário para levar Stefan ao seu limite.

*(a palavra aqui é snap, que significa: tentar morder, quebrar com estalo, tirar um instantâneo; mas achei que nenhuma delas faria muito sentido). Eu jamais poderei contar a ele, ela percebeu com um solavanco enjoativo. Não sobre aquele dia ou sobre qualquer coisa que Damon fizer no futuro. Se ele lutar com Damon, ele morre. Então ele nunca irá saber, ela prometeu a si mesma. Não

importa o que eu tenha que fazer, eu vou mantê-los fora de uma luta um com o outro por mim. Não importa o que. Por um momento, apreensão a tomou.

Quinhentos anos atrás, Katherine havia tentado mantê-los fora de uma luta, e tinha conseguido apenas força-los em uma luta mortal. Mas *ela* não cometeria o mesmo erro, Elena disse a si mesma ferozmente. Os métodos de Katherine haviam sido estúpidos e infantis. Quem mais além de uma estúpida criança se mataria na esperança de que os dois rivais pela a mão dela se tornassem amigos? Tinha sido o pior erro de todo o triste caso. Por causa disso, a rivalidade entre Stefan e Damon tinha virado ódio implacável. Além do mais, Stefan havia vivido com a sua culpa desde então; ele culpou a si mesmo pela estupidez e fraqueza de Katherine.

Procurando por um outro assunto, ela disse: —Você acha que alguém o convidou?‖

—Obviamente, já que ele *estava* lá.‖

—Então é verdade sobre – Pessoas como você. Vocês têm que ser convidados. Mas Damon foi ao ginásio sem um convite.‖

—Isso é porque o ginásio não é uma residência para moradia. Esse é o critério. Não importa se é uma casa ou uma tenda ou um apartamento em cima de um armazém. Se humanos vivos comem e dormem lá, nós precisamos ser convidados a entrar‖.

—Mas eu não convidei você para a *minha* casa.‖

—Sim, você convidou. Aquela primeira noite, quando eu te levei para casa, você empurrou a porta para abrir e inclinou a cabeça para mim. Não precisa ser um convite verbal. Se há

intenção, é o suficiente. E a pessoa que está convidando você não precisa ser alguém que realmente vive na casa. Qualquer humano pode fazer.‖

Elena estava pensando. —E quanto a uma casa flutuante?‖

—Mesma coisa. Embora água corrente possa ser um obstáculo por si só. Para alguns de nós, é quase impossível cruzar.‖

Elena teve uma súbita visão dela e Meredith e Bonnie correndo pela ponte Wickery. Porque de algum jeito ela soube que se elas chegassem ao outro lado do rio elas estariam salvas de o que quer que fosse que estivesse atrás delas.

—Então é por *isso*,‖ Ela sussurrou. Isso ainda não explicava como ela soube, no entanto. Foi como se o conhecimento tivesse sido posto em sua cabeça vindo de outra fonte externa. Então ela percebeu algo.

—Você me levou através da ponte. Você pode atravessar água corrente.‖

—Isso é porque eu sou fraco,‖ ele disse categoricamente, sem nenhuma emoção. —É irônico, mas quanto mais fortes são seus Poderes, mais você é afetado por certas limitações. Quando mais você permanece no escuro, mais as regras da escuridão se vinculam a você.‖

—Quais outras regras existem?‖ Disse Elena. Ela estava começando a ver o vislumbre de um plano. Ou pelo menos da esperança de um plano.

Stefan olhou para ela. —Sim,‖ ele disse, —Eu acho que já passou da hora de você saber. Quanto mais você souber sobre Damon, mais chances você terá de se proteger.‖

De me proteger? Talvez Stefan soubesse mais do que ela imaginava. Mas quando ele virou o carro em uma rua lateral e estacionou, ela apenas disse: —Ok. Eu devo estocar alho?‖

Ele riu. —Só se você quiser ser impopular. Há certas plantas, no entanto, que podem ajudar você. Como verbena.* É uma erva que supostamente protege você contra encantos, e pode manter sua mente clara mesmo se alguém estiver usando Poderes contra você. As pessoas costumam usa-las em volta do pescoço. Bonnie amaria isso; era sagrado para os Druidas.‖

*pra quem não sabe que planta é essa:
http://www.sensibilidadeesabor.com.br/verbena.html

—Verbena,‖ disse Elena, provando a não familiar palavra. —O que mais?‖

—Luz forte, ou luz do sol direta, pode ser muito dolorosa. Você perceberá a mudança do tempo.‖

—Eu percebi,‖ disse Elena depois de uma batida. —Você quer dizer que Damon está fazendo isso?‖

—Ele deve estar. É preciso poderes enormes para controlar os elementos, mas isso facilita para ele andar na luz do dia. Enquanto ele mantém nublado, ele nem sequer precisa proteger os olhos.‖

—E nem você,‖ Elena disse, —E quanto a — bem, cruzes e outras coisas?‖

—Não tem efeito,‖ Disse Stefan. —A não ser que a pessoa segurando-a *acredite* que é uma proteção, isso pode fortalecer a força de vontade delas de resistir enormemente.‖

—Uh... Balas de prata?‖

Stefan riu uma risada curta de novo. —Estas são para lobisomens. Pelo que eu ouvi dizer eles não gostam de prata em qualquer forma. Umas estaca de madeira no coração é ainda o método mais aprovado para a minha espécie. Têm outros meios que são mais ou menos efetivos, no entanto: queima, decapitação, impulsionar pregos através das têmporas. Ou, o melhor de todos—‖

—Stefan!‖ O solitário, amargo sorriso em sua face a desanimou. —E quanto à se transformar em animais?‖ Ela disse. —Antes, você disse que com Poder suficiente você podia fazer isso. Se Damon pode ser qualquer animal de que ele goste, como vamos reconhecê-lo?‖

—Não qualquer animal de que ele goste. Ele é limitado a um animal, ou no máximo dois. Mesmo com os Poderes dele eu não acho que ele pudesse sustentar nada mais que isso‖

—Então nós continuamos procurando por um corvo.‖

—Certo. Você pode ser capaz de dizer se ele está por perto, também, olhando animais regulares. Eles geralmente não reagem muito bem a nós; eles sentem que nós somos caçadores.‖

—Yangtze ficou latindo para o corvo. Foi como se ele soubesse que tinha algo errado naquilo.‖ Elena lembrou. —Ah... Stefan,‖ ela adicionou em um tom diferente com um novo pensamento atingindo-a, —E quando aos espelhos? Eu não lembro de já ter visto você em um.‖

Por um momento ele não respondeu. Então ele disse, —Lendas dizem que os espelhos refletem a alma da pessoa que o está olhando. Por isso pessoas antigas têm medo dos espelhos; elas têm medo que suas almas sejam aprisionadas e roubadas. Minha espécie supostamente não tem reflexo – porque nós não temos alma.‖ Lentamente, ele estendeu o braço para o espelho do retrovisor e o inclinou para baixo, ajustando-o de modo que Elena pudesse olhá-lo. No vidro prateado, ela viu seus olhos, perdidos, assombrados e infinitamente tristes.

Não havia nada a fazer a não ser segurá-lo, e Elena o fez. —Eu te amo,‖ ela sussurrou. Era o único conforto que ela podia dar a ele. Era tudo o que eles tinham. Os braços de Stefan apertaram em volta dela; sua face estava enterrada em seus cabelos.

—Você é o espelho,‖ ele sussurrou de volta.

Foi bom sentir ele relaxar, a tensão fluindo para fora de seu corpo enquanto calor e conforto fluíam para dentro. Ela estava confortável, também, uma sensação de paz penetrando-na, rodeando-a. Foi tão bom que ela esqueceu de perguntar a ele o que ele quis dizer até que eles estavam na frente da porta de sua casa, se despedindo.

—Eu sou o espelho?‖ ela disse então, olhando para ele.

—Você roubou minha alma,‖ ele disse. —Tranque a porta atrás de si, e não a abra de novo essa noite.‖ E então ele tinha ido.

—Elena, graças aos céus,‖ disse tia Judith. Quando Elena olhou para ela, ela acrescentou,

—Bonnie ligou da festa. Ela disse que você saiu inesperadamente, e quando você não voltou para casa eu fiquei preocupada.‖

—Eu e Stefan fomos dar uma volta.‖ Elena não gostou da expressão no rosto de sua tia quando ela disse isso. —Algum problema?‖

—Não, não. É só que...‖ Tia Judith não sabia como terminar a frase. —Elena, eu me pergunto se poderia ser uma boa idéia... não continuar a passar tanto tempo com Stefan.‖

Elena ficou quieta. —Você, também?‖

—Não é que eu acredite nos boatos,‖ Tia Judith assegurou a ela. —Mas, para o seu próprio bem, poderia ser melhor ficar a uma certa distância dele, para... —‖

—Largá-lo? Abandoná-lo porque as pessoas estão espalhando rumores sobre ele? Manter-me longe da sujeira no caso de alguma coisa cair sobre mim?‖ A cólera libertou-se, e as palavras se acumularam na garganta de Elena, tudo tentando sair de uma só vez. —Não, eu *não* acho que é uma boa idéia, tia Judith. E se fosse sobre Robert que nós estivéssemos falando, você não acharia também. Ou talvez sim!‖

—Elena, eu não vou admitir você falando comigo nesse tom—‖

—Eu acabei, de qualquer jeito!‖ Elena gritou, e subiu às cegas pelas escadas. Ela conseguiu conter as lagrimas até estar no seu próprio quarto com a porta trancada. Então ela caiu na cama e chorou.

Ela levantou-se arrastando um tempo depois para ligar para Bonnie. Bonnie estava excitada e volúvel. O que diabos Elena queria dizer, se alguma coisa inesperada tinha acontecido depois que ela e Stefan saíram? A coisa inesperada foi eles saírem! Não, aquele garoto novo, Damon, não tinha dito nada sobre Stefan posteriormente; ele apenas ficou lá por um tempo e depois desapareceu. Não, Bonnie não tinha visto se ele saiu com alguém. Por quê?

Elena estava com ciúmes? Sim, isso era pra ser uma brincadeira. Mas, sério, ele era deslumbrante, não era? Quase mais deslumbrante que Stefan, isso supondo que você gosta de cabelos e olhos escuros. Claro, se você gosta de cabelos mais claros e olhos cor de avelã...

Elena imediatamente deduziu que os olhos de Alaric Saltzman eram cor de avelã. Ela desligou o telefone por fim e só então lembrou do bilhete que ela encontrou em sua bolsa. Ela devia ter perguntado à Bonnie se alguém tinha estado perto de sua bolsa enquanto ela estava na sala de jantar. Mas também, Bonnie e Meredith tinham estado na sala de jantar parte do tempo também. Alguém deve ter colocado lá então. A visão do papel violeta a fez sentir gosto de estanho na boca. Ela mal podia suportar olhálo. Mas agora que ela estava sozinha ela *tinha* que desdobrá-lo e lê-lo novamente, o tempo todo esperando que a essa altura as palavras pudessem estar diferentes, que ela pudesse estar errada antes.

Mas elas não estavam diferentes. A nítida, clara letra maiúscula destacou-se

contra o pálido fundo como se elas fossem dez vezes maiores.

Eu quero tocá-lo. Mais do que qualquer garoto que eu já conheci. E eu sei que ele quer isto, também, mas ele está se segurando.

As palavras dela. Do seu diário. O que havia sido roubado.

No dia seguinte Meredith e Bonnie tocaram sua campainha.

—Stefan me ligou ontem à noite,‖ disse Meredith. —Ele disse que queria estar certo de que você não iria andando sozinha para a escola. Ele não irá à escola hoje, então ele perguntou se eu e Bonnie podíamos vir aqui e ir com você.‖

—Te escoltar,‖ disse Bonnie, que claramente estava de bom humor. —Acompanhar você. Eu acho que é terrivelmente doce da parte dele ser tão protetor.‖

—Ele provavelmente é de aquário, também.‖ Disse Meredith. —Vamos, Elena, antes que eu a mate para fazê-la se calar sobre Alaric.‖

Elena andou em silêncio, imaginando o que Stefan estava fazendo que o deteve de ir à

escola. Ela se sentiu vulnerável e exposta hoje, como se sua pele estivesse ao avesso. Um daqueles dias em que ela estava pronta para chorar por qualquer motivo. Sobre o quadro de avisos estava um pedaço de papel violeta.

Ela deveria saber. No fundo ela *tinha* sabido. O ladrão não estava satisfeito com deixar ela saber que suas palavras privadas tinham sido lidas. Ele a estava mostrando que isso podia vir a público.

Ela rasgou o bilhete para fora do quadro e o amassou, mas não antes de ter vislumbrado as palavras. De relance elas foram gravadas em seu cérebro.

Eu sinto como se alguém o tivesse ferido terrivelmente no passado e ele nunca tivesse superado isso. Mas eu também acho que há algo de que ele tem medo, algum segredo que ele tema que eu descubra.

—Elena, o que é isto? Qual é o problema? Elena volte aqui!‖

Bonnie e Meredith a seguiram até o banheiro feminino, onde ela parou perto da lixeira, rasgando o papel em pedaços microscópicos, respirando como se ela tivesse acabado de correr uma corrida. Elas se olharam e em seguida viraram para examinar os boxes do banheiro.

—Ok,‖ Meredith disse ruidosamente, —privilégios dos veteranos. Você!‖ Ela deu um soco na única porta fechada, —Saia.‖

Um farfalhar, e então uma primeiranista perplexa apareceu. —Mas eu ainda nem —‖

—Sai. Fora,‖ Bonnie ordenou, —E *você*,‖ ela disse para a garota lavando as mãos, —Saia daqui e tenha certeza de que ninguém entre aqui.‖

—Mas por quê? O que vocês—‖

—Anda, criança. Se alguém passar por aquela porta nós a responsabilizaremos.‖

Quando a porta estava de novo fechada, elas se viraram para Elena.

—Ok, isso é um assalto,‖ disse Meredith, —Vamos, Elena. Entregue.‖

Elena rasgou o ultimo minúsculo pedaço de papel, surpreendida entre gargalhadas e lágrimas. Ela quis dizer-lhes tudo, mas ela não pôde. Ela resolveu por dizer a elas sobre o diário.

Elas ficaram tão bravas, tão indignadas, como ela estava.

—Tem que ter sido alguém na festa,‖ Meredith disse então, uma vez que cada uma delas tinha expressado sua opinião sobre a personalidade do ladrão, moralidade, e o provável destino pós-vida. —Mas qualquer um pode ter feito isso. Eu não lembro de ninguém em particular perto da sua bolsa, mas aquela sala estava cheia de gente, e pode ter acontecido sem eu perceber.‖

—Mas por que alguém iria querer fazer isso?‖ Bonnie colocou. —A não ser que... Elena, na noite em que nós encontramos Stefan você estava insinuando algumas coisas. Você disse que você achava que sabia quem era o assassino.‖

—Eu não acho que eu *sei*; eu sei. Mas se você está perguntado se isso pode estar conectado, eu não tenho certeza. Eu acho que pode estar. A mesma pessoa pode

ter feito isto.‖

Bonnie estava horrorizada. —Mas isso significa que o assassino é um estudante da escola!‖

Quando Elena sacudiu a cabeça, ela prosseguiu. —As únicas pessoas que estavam na festa que não eram estudantes eram aquele garoto novo e Alaric.‖ Sua expressão mudou. —Alaric não matou o Sr. Tanner! Ele nem estava em Fell‘s Church.‖

—Eu sei. Alaric não fez isso.‖ Ela tinha ido longe demais para parar agora; Bonnie e Meredith já sabiam demais. —Damon matou.‖

—O garoto era o *assassino*? O garoto que me *beijou*?‖

—Bonnie, calma.‖ Como sempre, a histeria de outras pessoas fez Elena se sentir mais controlada. —Sim, ele é o assassino, e nós três devemos ficar alertas contra ele. É por isso que eu estou contando a vocês. Nunca, nunca o convidem para ir às suas casas.‖

Elena parou, observando as faces das suas amigas. Elas estavam olhando fixo para ela, e por um momento ela teve um revoltante sentimento de que elas não tinham acreditado nela. Que elas estavam questionando sua sanidade.

Mas tudo o que Meredith perguntou, numa voz até imparcial foi: —Você tem certeza disso?‖

—Sim. Eu tenho certeza. Ele é o assassino e quem colocou Stefan no poço, e ele pode ir atrás de uma de nós da próxima vez. E eu não sei se há um modo de pará-lo.‖

—Bem, então,‖ disse Meredith, erguendo as sobrancelhas. —Não surpreende que você e Stefan estivessem com tanta pressa para sair da festa.‖

Caroline deu a Elena um sorriso afetado na cafeteria. Mas Elena mal notou. Uma coisa ela percebeu logo, no entanto. Vickie Bennett estava lá. Vickie não tinha ido para a escola desde a noite em que Matt e Bonnie e Meredith a haviam encontrado errante na estrada, delirando sobre neblina e olhos e alguma coisa terrível no cemitério. Os médicos que a examinaram posteriormente disseram que não havia nada muito ruim com o seu psicológico, mas ela ainda não tinha

retornado à escola Robert E. Lee. As pessoas sussurravam sobre psicólogos e os remédios que eles estavam tentando. Ela não parecia louca, no entanto, Elena pensou. Ela parecia pálida e moderada e com um tipo de amassado em suas roupas. E quando Elena passou por ela e ela a olhou, seus olhos eram como os de filhotes assustados.

Foi estranho sentar numa mesa semi-vazia com somente Bonnie e Meredith como companhia. Geralmente as pessoas ficavam apertadas para pegar lugares ao redor delas três.

—Nós não terminamos de conversar esta manhã,‖ Meredith disse. —Pegue algo para comer, e então nós vamos descobrir o que fazer com esses bilhetes.‖

—Eu não estou com fome,‖ disse Elena categoricamente. —E o que nós *podemos* fazer? Se for Damon, não há como pará-lo. Confiem em mim, não é um caso para polícia. É por isso que eu não disse a eles que ele é o assassino. Não há nenhuma prova, além disso, eles nunca iriam... Bonnie, você não está ouvindo.‖

—Desculpa,‖ disse Bonnie, que estava olhando para trás da orelha esquerda de Elena. —Mas algo estranho está acontecendo logo ali.‖

Elena virou. Vickie Bennett estava de pé na frente da cafeteria, mas ela já não parecia amassada e moderada. Ela estava olhando em volta da sala com um sorriso malicioso e avaliativo sorriso.

—Bem, ela não parece normal, mas eu não diria que ela está parecendo estranha, exatamente.‖ Meredith disse. Então ela adicionou, —Espere um minuto.‖

Vickie estava desabotoando seu casaquinho. Mas era o *modo* como ela estava fazendo isso... Com deliberados e pequenos movimentos rápidos de seus dedos, tudo enquanto olhava em volta com aquele sorriso secreto — era estranho. Quando o ultimo botão estava desabotoado, ela pegou o pulôver delicadamente entre o dedo indicador e o polegar e deslizou para baixo ao longo de um braço, e depois do outro. Ela jogou o pulôver no chão.

—Estranha é a palavra,‖ confirmou Meredith.

Estudantes passando na frente Vickie com bandejas carregadas deram uma olhadela para ela com curiosidade e então olharam para trás, para seus ombros,

quando já tinham passado. Eles não pararam de andar exatamente, no entanto, até ela tirar seus sapatos. Ele fez isso graciosamente, pegando o calcanhar de um na ponta dos pés do outro e tirando. E então ela tirou o segundo.

—Ela não pode continuar isso,‖ Bonnie murmurou, quando os dedos de Vickie moveram-se para o botão de imitação de pérola na sua blusa de seda branca. Cabeças estavam virando; as pessoas estavam cutucando uns aos outros e gesticulando. Em volta de Vickie um pequeno grupo tinha se recolhido, permanecendo longe o suficiente que eles não interferiram na visão de ninguém.

A blusa de seda branca foi tirada, tremulando como um fantasma no chão. Vickie estava vestindo um sutiã rendado de branco _sujo‘ por baixo. Não tinha nenhum barulho na cafeteria exceto alguns sussurros. Ninguém estava comendo. O grupo em volta de Vickie tinha ficado mais largo.

Vickie sorriu recatadamente e começou a desabotoar a fivela em sua cintura. Sua saia pregueada caiu no chão. Ela saiu de dentro dela e a empurrou para o lado com o seu pé. Alguém levantou no fundo da cafeteria e cantou: — *Tira!* Tira!‖ Outras vozes se juntaram.

—Ninguém vai pará-la?‖ Revoltou-se Bonnie.

Elena levantou-se. A última vez que ela estivera perto de Vickie a garota gritara e a expulsara. Mas agora, quando ela chegou mais perto, Vickie lhe deu um sorriso conspiratório. Seus lábios se moveram, mas Elena não pôde entender o que ela estava dizendo acima da cantoria.

—Vamos, Vickie. Vamos,‖ ela disse.

O cabelo castanho claro de Vickie balançou e ela deslizou a alça de seu sutiã. Elena abaixou-se para pegar o casaquinho e embrulhou-o em volta dos ombros delgados da menina. Quando ela o fez, quando ela tocou Vickie, aqueles olhos semi-cerrados abriram como os de um filhote assustado de novo. Vickie a fitou selvagemente, como se ela tivesse acabado de despertar de um sonho. Ela olhou para baixo para si mesma e sua expressão se tornou desacreditada. Pondo seu casaquinho em volta dela mais apertado, ela recuou, tremendo.

A sala estava silenciosa novamente.

—Está tudo bem,‖ disse Elena, acalmando-a. —Vamos.‖

Ao som de sua voz, Vickie pulou como se tivesse sido tocada por um arame farpado. Ela olhou fixo para Elena, e então explodiu em gritos.

—Você é uma deles! Eu vi você! Você é má!‖

Ela virou e correu descalça para fora da cafeteria, deixando Elena atordoada.

Capítulo Oito

—Sabe o que é estranho sobre o que a Vickie fez na escola? Quer dizer, fora todas as coisas óbvias,‖ Bonnie disse, lambendo cobertura de chocolate de seus dedos.

—O quê?‖ disse Elena tediosamente.

—Bem, a maneira como ela terminou, em seu sutiã. Ela parecia exatamente como estava quando nós a encontramos na estrada, só que então ela estava toda arranhada, também.‖

—Arranhões de gatos, nós achamos,‖ disse Meredith, terminando a última mordida de seu bolo. Ela parecia estar em um dos seus humores quietos e pensativos; nesse momento ela estava observando Elena de perto. —Mas isso não parece muito provável.‖

Elena olhou diretamente de volta para ela. —Talvez ela tenha caído em alguns arbustos,‖ ela disse.

—Agora, se vocês terminaram de comer, querem ver o primeiro bilhete?‖

Elas deixaram seus pratos na pia e subiram a escada para o quarto de Elena. Elena sentiu-se corando enquanto as outras meninas liam a nota. Bonnie e Meredith eram suas melhores amigas, talvez suas únicas amigas agora. Ela tinha lido passagens de seu diário para elas antes. Mas isso era diferente. Era a sensação mais humilhante que ela já tinha sentido.

—Bem?‖ ela disse para Meredith.

—A pessoa que escrevey isso tem um metro e oitenta, anda mancando ligeiramente, e usa um bigode falso,‖ Meredith entoou. —Desculpa,‖ ela acrescentou, vendo o rosto de Elena.

—Não é engraçado. Na verdade, não há muito o que seguir, tem? A escrita parece a de um garoto, mas o papel parece feminino.‖

—E o negócio todo tem um tipo de toque feminino,‖ interpôes Bonnie, balançando ligeiramente na cama de Elena.

—Bem, tem,‖ ela disse defensivamente. —Citar pedacinhos dos seu diário de volta para você

é o tipo de coisa que uma mulher pensaria. Homens não ligam para diários.‖

—Você só não quer que seja o Damon,‖ disse Meredith. —Eu achei que você ficaria mais preocupada com ele sendo um assassino psicótico do que um ladrão de diário.‖

—Eu não sei; assassinos são meio românticos. Imagine você morrendo com as mãos dele ao redor da sua garganta. Ele estrangularia a vida de você, e a última coisa que você veria seria o rosto dele.‖ Colocando suas próprias mãos na garganta, Bonnie arfou e expirou tragicamente, acabando drapejada na cama. —Ele pode me ter a hora que quiser,‖ ela disse, os olhos ainda fechados.

Estava nos lábios de Elena dizer, —Você não entende, isso é *sério*,‖ mas ao invés ela bufou.

—Ah, *Deus*,‖ ela disse, e correu até a janela. O dia estava úmido e sufocante, e a janela fora aberta. Lá fora nos galhos esqueléticos de um marmeleiro estava um corvo. Elena jogou o caixilho para baixo tão forte que o vidro chacoalhou e trincou. O corvo olhou para ela através da vidraça tremeluzente com olhos de obsidiana. Arco-íris brilharam na sua suave plumagem preta.

—Por que você *disse* isso?‖ ela disse, virando-se para Bonnie.

—Ei, não tem ninguém lá fora,‖ disse Meredith gentilmente. —A não ser que você conte os pássaros.‖

Elena deu as costas para elas. A árvore estava vazia agora.

—Sinto muito,‖ disse Bonnie em uma voz baixa, depois de um momento. —É só que nem parece real as vezes, mesmo o Sr. Tanner estar morto não parece real. E Damon pareceu... bem, excitante. Mas perigoso. Eu posso acreditar que ele é

perigoso.‖

—E além do mais, ele não apertaria a sua garganta; ele cortaria,‖ Meredith disse. —Ou pelo menos foi o que ele fez com o Tanner. Mas o velho debaixo da ponta teve sua garganta aberta, como se algum animal tivesse feito isso.‖ Meredith procurou Elena por esclarecimento. —Damon não tem um animal, tem?‖

—Não. Eu não sei.‖ De repente, Elena sentiu-se muito cansada. Ela estava preocupada com Bonnie, sobre as consequências dessas palavras tolas.

—Eu posso fazer qualquer coisa com você, com você e com aqueles que ama,‖ ela lembrou. O que Damon faria agora? Ela não o entendia. Ele estava diferente toda vez que eles se encontravam. No ginásio ele estava zombeteiro, rindo dela. Mas da próxima vez ela juraria que ele estava sério, citando poesia para ela, tentando fazer com que ela fosse com ele. Na semana passada, com o gelado vento do cemitério fustigando ao redor dele, ele fora ameaçador, cruel. E debaixo de suas palavras zombeteiras na noite passada, ela sentiu a mesma ameaça. Ela não conseguia prever o que ele faria a seguir. Mas, o que quer que acontecesse, ela tinha que proteger Bonnie e Meredith dele. Especialmente já que ela não conseguia avisá-las propriamente. E o que Stefan estava aprontando? Ela precisava dele agora, mais do que tudo. Onde *estava* ele?

Começou nessa manhã.

—Deixa eu entender isso,‖ Matt disse, inclinando-se contra o corpo cicatrizado de seu velho Ford sedã quando Stefan aproximou-se dele antes da escola.

—Você quer emprestar o meu carro.‖

—Sim,‖ Stefan disse.

—E a razão pela qual você quer emprestá-lo é flores. Você quer pegar algumas flores para Elena.‖

—Sim.‖

—E essas flores em particular, essas flores que você simplesmente tem que conseguir, não crescem por aqui.‖

—Talvez elas cresçam. Mas a estação da florescência é bem para o norte. E o

gelo teria acabado com elas de qualquer jeito.‖

—Então você quer ir para o sul – quão sul você não sabe - para achar algumas dessas flores que você simplesmente tem que dar para Elena.‖

—Ou pelo menos algumas das plantas,‖ Stefan disse. —Eu preferia ter as flores de verdade, contudo.‖

—E já que a polícia ainda tem o seu carro, você quer emprestar o meu, por quanto tempo demorar até você chegar ao sul e achar essas flores que você simplesmente tem que dar para Elena.‖

—Eu imaginei que dirigir é o jeito menos evidente de deixar a cidade,‖ Stefan explicou. —Eu não quero a polícia me seguindo.‖

—Ah hã. E é por isso que você quer o meu carro.‖

—Sim. Você vai me dá-lo?‖

—Se eu vou dar meu carro pro cara que roubou a minha namorada e agora quer dar um passeio no sul para dar para ela algum tipo especial de flor que ela simplesmente tem que ter? Você está louco?‖ Matt, que estivera encarando os telhados das casas de madeira do outro lado da rua, virou por fim para olhar para Stefan. Seus olhos azuis, geralmente alegres e diretos, estavam cheios de total descrédito, e coroados por sobrancelhas tortas e enrugadas.

Stefan desviou o olhar. Ele devia ter sabido. Depois de tudo que Matt já tinha feito por ele, esperar mais era ridículo. Especialmente esses dias, quando as pessoas hesitavam ao som de seus passos e evitavam seus olhos quando ele chegava perto.

Esperar Matt, que tinha as melhores razões para se ressentir dele, fazer tal favor sem explicação, na base somente da fé, realmente *era* insano.

—Não, eu não estou louco,‖ ele disse silenciosamente, e virou-se para ir.

—Nem eu,‖ Matt tinha dito. —E eu teria que ser louco para dar o meu carro para você. Diabos que não. Eu vou com você.‖

No momento em que Stefan havia se virado de novo, Matt estava olhando para o

carro ao invés dele, seu lábio inferior para frente em um beicinho desconfiado e criterioso.

—Afinal de contas,‖ ele disse, esfregando o vinil descascado do teto, —você pode arranhar a pintura ou algo assim.‖

Elena colocou o telefone de volta no gancho. *Alguém* estava na pensão, porque alguém ficava atendendo quando o telefone tocava, mas depois só havia silêncio e então o clique desligando. Ela suspeitou que fosse a Sra. Flowers, mas isso não dizia a ela nada sobre onde Stefan estava. Instintivamente, ela queria ir com ele. Mas estava escuro lá fora, e Stefan tinha avisado-a especificamente para não sair no escuro, especialmente não em algum lugar perto do cemitério ou da floresta. A pensão era perto de ambos.

—Sem resposta?‖ disse Meredith quando Elena voltou e sentou na cama.

—Ela fica desligando na minha cara,‖ Elena disse, e resmungou algo em voz baixa.

—Você disse que ela é uma fruta?‖

—Não, mas rima com isso,‖ disse Elena.

—Olha,‖ disse Bonnie, sentando-se. —Se Stefan for ligar, ele vai ligar para cá. Não há razão para você vir e passar a noite comigo.‖

Havia uma razão, apesar de Elena não conseguir explicá-la nem para si mesma. Afinal de contas, Damon tinha beijado Bonnie na festa de Alaric Saltzman. Era culpa de Elena que Bonnie estava em perigo em primeiro lugar. De algum jeito ela sentia que se pelo menos estivesse no cenário, ela poderia ser capaz de proteger a Bonnie.

—Minha mãe e meu pai e Mary estão todos em casa,‖ Bonnie persistiu. —E nós trancamos nossas portas e janelas e tudo desde que o Sr. Tanner foi assassinado. Esse final de semana papai pôs até mesmo fechaduras extras. Eu não vejo o que *você* pode fazer.‖

Elena também não. Mas ela ia do mesmo jeito.

Ela deixou uma mensagem para Stefan com a tia Judith, dizendo a ele onde ela

estava. Ainda havia uma restrição restando entre ela e sua tia. E ainda haveria, Elena pensou, até

que tia Judith mudasse de idéia sobre Stefan.

Na casa de Bonnie, ela ficou com um quarto que pertencera a uma das irmãs de Bonnie que estava agora na faculdade.

A primeira coisa que ela fez foi checar a janela. Estava fechada e trancada, e não havia nada fora na qual alguém conseguisse escalar, com um cano de drenagem ou uma árvore. Tão discretamente quanto possível, ela também checou o quarto de Bonnie e os outros em que conseguiu entrar. Bonnie estava certa; eles estavam todos bem fechados de dentro. Nada de fora podia entrar.

Ela ficou deitada na cama por um tempão naquela noite, encarando o teto, incapaz de dormir. Ela ficou lembrando de Vickie sonhadoramente fazendo um striptease na cantina. O que tinha de errado com a garota? Ela se lembraria de perguntar isso a Stefan na próxima vez que ela o visse.

Pensamentos sobre Stefan era agradáveis, mesmo com todas as coisas terríveis que tinham acontecido ultimamente.

Elena sorriu na escuridão, deixando sua mente vagar. Algum dia todo essa importunação iria acabar, e ela e Stefan poderia planejar uma vida juntos. É claro, ele na verdade não tinha falado nada sobre isso, mas a própria Elena tinha certeza. Ela ia se casar com Stefan, ou com ninguém. E Stefan ia se casar com ninguém além dela... A transição para o sonho foi tão suave e gradual que ela dificilmente notou. Mas ela sabia, de algum jeito, que ela *estava* sonhando. Era como se um pedacinho dela estivesse de lado e observando o sonho como uma peça.

Ela estava sentada em um longo corredor, que estava coberto por espelhos em um lado e janelas no outro. Ela estava esperando por alguma coisa. Então ela viu um tremor de movimento, e Stefan estava de pé do lado de fora da janela. Seu rosto estava pálido e seus olhos estavam magoados e nervosos. Ela foi até a janela, mas ela não conseguia ouvir o que ele estava dizendo por causa do vidro. Em uma mão, ele estava segurando um livro com uma capa de veludo azul, e ele ficava gesticulando para ele e perguntando algo para ela. Então ele derrubou o livro e se virou.

—Stefan, não vá! Não me deixe!" ela gritou. Seus dedos se achataram alvamente no vidro. Então ela notou que havia um caixilho de um lado da janela e ela abriu, chamando-o. Mas ele tinha desaparecido e lá fora ela viu apenas uma névoa branca serpenteando. Desconsolada, ela deu as costas a janela e começou a andar pelo corredor. Sua própria imagem brilhou em espelho atrás de espelho enquanto ela passava por eles. Então algo em um dos reflexos chamou sua atenção.

Os olhos eram os seus, mas havia um novo olhar neles, um olhar predator e dissimulado. Os olhos de Vickie estavam daquele jeito quando ela estava se despindo. E havia algo perturbador e faminto em seu sorriso.

Enquanto ela observava, parada de pé, a imagem de repente girou continuamente, como se estivesse dançando. O horror lavou Elena. Ela começou a correr pelo corredor, mas agora todos os reflexos tinha vida própria, dançando, chamando ela, rindo dela. Juso quando ela pensou que seu coração e pulmões fossem explodir de terror, ela alcançou o final do corredor e abriu a porta de supetão.

Ela estava de pé em uma sala ampla e bonita. O eminente teto era talhado complexamente e incrustado de ouro; as portas eram foliadas com mármore branco. Estátuas clássicas estavam de pé em nichos pelas paredes. Elena nunca tinha visto uma sala com tanto esplendor, mas ela sabia onde estava. Na Itália da Renascença, quando Stefan estava vivo. Ela olhou para si mesma e viu que estava usando um vestido como aquele que ela tinha feito para o Dia das Bruxas, o vestido de baile da Renascença azul gelo. Mas esse vestido era de um profundo vermelho rubi, e ao redor de sua cintura ela usava uma corrente fina com pedras vermelhas brilhantes. As mesmas pedras estavam em seu cabelo. Quando ela se moveu, a seda brilhou como chamas na luz de cem tochas. Bem no final da sala, dois enormes portas abriram para dentro. Uma figura apareceu entre elas. Andou na direção dela, e ela viu que era um jovem vestido em roupas da Renascença, uma roupa justa com meias e com um colete de pele animal apertado. Stefan! Ela foi na direção dele avidamente, sentindo o peso de seu vestido balançando em sua cintura. Mas quando ela chegou mais perto ela parou, inalando rapidamente. Era Damon.

Ele continuou andando na direção dela, confiante, casual. Ele estava sorrindo, um sorriso de desafio. Alcançando-a, ele colocou uma mão em cima de seu coração e saudou-a. Então ele estendeu a mão para ela como se estivesse desafiando-a a pegá-la.

—Você gosta de dançar?‖ ele disse. Exceto que seus lábios não se moveram. A voz estava na mente dela.

Seu medo foi drenado, e ela riu. O que estava errado com ela, para já ter tido medo dele?

Eles se entendiam muito bem. Mas ao invés de pegar a mão dele, ela virou de costas, a seda de seu vestido virando atrás dela. Ela moveu-se levemente na direção de uma das estátuas perto da parede, não olhando para trás para ver se ele estava seguindo-a. Ela sabia que ele iria. Ela fingiu estar absorta na estátua, esquivando-se novamente bem quando ele a alcançou, mordendo seu lábio para segurar a risada. Ela se sentiu maravilhosa agora, tão viva, tão linda. Perigoso? É claro, esse jogo era perigoso.

Mas ela sempre gostou do perigo.

Da próxima vez que ele chegou perto dela, ela olhou provocantemente para ele enquanto se virava. Ele estendeu a mão, mas pegou apenas a corrente de pedras na cintura dela. Ele soltou-a rapidamente, e, olhando para trás, ela viu que a moldura de uma das pedras tinha cortado-o.

A gota de sangue no dedo dele era exatamente da cor do vestido. Os olhos dele relampejaram para os lados dela, e seus lábios se curvaram num sorriso derrisório enquanto ele levantava o dedo machucado. Você não ousaria, aqueles olhos diziam. Ah, eu não ousaria? Elena disse a ele com seus próprios olhos. Ousadamente, ela tomou a mão dele e a segurou por um momento, provocando-o. Então ela levou o dedo aos seus lábios.

Depois de alguns instantes, ela o soltou e olhou para ele. —Eu *gosto* de dançar,‖ ela disse, e descobriu que, como ele, ela podia falar com sua mente. Era uma sensação eletrizante. Ela moveu-se para o centro da sala e esperou.

Ele a seguiu, gracioso como uma besta caçando. Os dedos dele estavam quentes e duros quando seguraram os dela.

Havia música, apesar dela esvair-se e soar muito distante. Damon colocou sua outra mão na cintura dela. Ela podia sentir o calor de seus dedos lá, a pressão. Ela pegou sua saia, e eles começaram a dançar.

Era adorável, como voar, e seu corpo sabia todos os movimentos a fazer. Eles

dançavam continuamente ao redor da sala vazia, num momento perfeito, juntos. Ele estava rindo para dela, seus olhos escuros brilhando com alegria. Ela se sentiu tão bonita; tão envenenada e alerta e pronta para tudo. Ela não conseguia se lembrar de quando se divertira tanto.

Gradualmente, contudo, seu sorriso dissipou, e a dança deles ficou lenta. Por fim ela ficou sem se mover no círculos dos braços dele. Os olhos escuros dele não estavam mais divertidos, mas ferozes e esquentados. Ela olhou para ele sobriamente, sem medo. E então pela primeira vez ela sentiu como se *estivesse* sonhando; ela sentiu-se ligeiramente tonta e muito lânguida e fraca.

O quarto ao redor dela estava borrando. Ela conseguia ver apenas seus olhos, e eles a estavam fazendo se sentir mais e mais sonolenta.

Ela permitiu que seus próprios olhos se fechassem parcialmente, sua cabeça cair para trás. Ela suspirou.

Ela podia *sentir* o olhar dele agora, nos lábios dela, em sua garganta. Ela sorriu para si mesma e deixou seus olhos fecharam completamente.

Ele estava segurando o peso dela agora, impedindo-a de cair. Ela sentiu os lábios dele na pele do pescoço dela, pelando quente como se ele estivesse com febre. Então ela sentiu a picada, como a injeção de duas agulhas. Acabou rapidamente, contudo, e ela relaxou ao prazer de ter seu sangue drenado.

Ela lembrou dessa sensação, da sensação de flutuar numa cama de uma luz dourada. Uma languidez deliciosa infiltrou-se por todos os seus membros. Ela se sentiu sonolenta, como se fosse muito problemático se mover. Ela nem mesmo queria se afastar; ela sentiu-se bem demais.

Os dedos dela estava descansando no cabelo dele, prendendo a cabeça dele a dela. Preguiçosamente, ela moveu-os pelos suaves fios de cabelo escuro. O cabelo dele era como seda, quente e vivo debaixo dos dedos dela. Quando ela abriu seus olhos um pouquinho, ela viu que ele refletia arco-íris na luz de vela. Vermelho e azul e roxo, bem como – bem como as penas…

E então tudo desmoronou. Houve uma dor repentina em sua garganta, como se sua alma estivesse sendo arrancada dela. Ela estava empurrando Damon, arranhando-o, tentando forçá-lo a se afastar. Gritos ecoaraam nos ouvidos dela. Damon estava lutando com ela, mas não era Damon; era um corvo. Asas

enormes batiam contra ela, batendo no ar. Os olhos dela estavam abertos. Ela estava acordada e gritando. O salão se fora, e ela estava em um quarto escurecido. Mas o pesadelo tinha seguido-a. Mesmo quando ela alcançava a luz, vinha até ela novamente, asas batendo em seu rosto, um bico afiado mergulhando até

ela.

Elena golpeou-o, uma mão lançando-se para proteger seus olhos. Ela ainda estava gritando. Ela não conseguia fugir disso, aquelas asas terríveis continuavam batendo freneticamente, com um som como o de mil maços de cartas sendo embaralhados ao mesmo tempo. A porta abriu de supetão, e ela ouviu gritos. O corpo quente e pesado de um corvo golpeoua e seus gritos ficaram mais altos. Então alguém estava puxando-a para fora da cama, e ela estava sendo protegida atrás do pai de Bonnie. Ele tinha uma vassoura e ele estava batendo no pássaro com ela.

Bonnie estava de pé na entrada da porta. Elena correu para seus braços. O pai de Bonnie estava gritando, e então veio a pancada de uma janela.

—Está fora,‖ o Sr. McCullough disse, respirando com dificuldade. Mary e a Sra. McCullough estavam do lado de fora do corredor, cobertas por roupões.

—Você está machucada,‖ a Sra. McCullough disse para Elena em espanto. —O nojentinho te bicou.‖

—Estou bem,‖ Elena disse, roçando uma mancha de sangue no rosto dela. Ela estava tremendo tanto que seus joelhos estavam prestes a ceder.

—Como isso *entrou*?‖ disse Bonnie.

O Sr. McCullough estava inspecionando a janela. —Você não devia ter deixado aberta,‖ ele disse. —E por que você quis tirar as trancas?‖

—Eu não tirei,‖ Elena gritou.

—Estava destrancada e aberta quando eu ouvi você gritando e entrei,‖ o pai de Bonnie disse.

—Eu não sei quem mais poderia ter aberto exceto você.‖

Elena engoliu seus protestos. Hesitantemente, cautelosamente, ela moveu-se para a janela. Ele estava certo; as trancas foram desparafusadas. E só poderia ter sido feito de dentro.

—Talvez você seja sonâmbula,‖ disse Bonnie, guiando Elena para longe da janele enquanto o Sr. McCullough começou a colocar as trancas de volta.

—É melhor limparmos você.‖

Sonâmbula. De repente o sonho inteiro inundou Elena. O corredor de espelhos, e o salão, e Damon. Dançando com Damon. Ela se soltou do aperto de Bonnie.

—Eu faço isso sozinha,‖ ela disse, ouvindo sua própria voz tremer na beira da histeria.

—Não – sério – eu quero.‖ Ela escapou para o banheiro e ficou de pé com suas costas para a porta fechada, tentando respirar.

A última coisa que ela queria fazer era olhar no espelho. Mas por fim, lentamente, ela aproximou do em cima da pia, tremendo enquanto via a margem de seu reflexo, movendo centímetro a centímetro até que estava emoldurada na superfície prateada. Sua imagem encarou de volta, um pálido fantasmagórico, com olhos que pareciam machucados e assustados.

Havia sombras profundas debaixo deles e manchas de sangue em seu rosto. Lentamente, ela virou sua cabeça ligeiramente e levantou seu cabelo. Ela quase chorou alto quando ela viu o que estava por baixo.

Dois machucadinhos, frescos e abertos na pele de seu pescoço.

Capítulo Nove

-Sei que vou lamentar ter perguntado – disse Matt, tirando os olhos avermelhados fixos na estrada para Stefan sentado no assento do passageiro junto a ele. – Mas, pode me dizer por que queremos esta super-especial, não disponível localmente, erva daninha semi-tropical para Elena?

Stefan olhou o assento posterior, onde repousavam os resultados da busca através de sebes e zonas herbáceas. As plantas, com seus talos verdes ramificados e suas pequenas folhas dentadas, elas se pareciam com ervas daninhas mais do que qualquer coisa. Os secos restos de flores nos extremos dos talos eram quase invisíveis, e ninguém podia fingir se quer que os brotos eram decorativos.

-E se eu dissesse que podem ser usadas para produzir um colírio totalmente natural? –

sugeriu depois de um momento de reflexão. – Ou um chá de ervas?

-Por que? Estava pensando em dizer algo parecido?

-Na realidade, não.

-Bem. Porque se fosse, eu provavelmente ti derrubaria com um soco. Sem olhar realmente para Matt, Stefan sorriu. Havia algo novo que se agitava em seu interior, algo que não fazia sentido durante quase cinco séculos, exceto com Elena. Aceitação. Cordialidade e amizade compartilhadas com outro ser humano que não conhecia a verdade sobre ele mas que confiava nele de qualquer forma. Não estava seguro se merecia, mas não podia negar o que significava para ele. Quase se sentia... humano outra vez.

Elena contemplou fixamente a imagem no espelho. Não havia sido um sonho. Não por completo. As feridas no pescoço lhe provavam. E agora que as havia visto, advertiu-lhe a sensação de tontura, de letargia.

Era sua culpa. Havia se preocupado tanto em advertir Bonnie e Meredith de que não convidassem conhecidos a entrar em suas casas... E havia se esquecido que ela mesma havia convidado Damon a entrar na casa de Bonnie. Tinha feito naquela noite em que havia organizado o jantar silencioso na mesa de Bonnie e gritada para a escuridão: —Entra‖. E o convite iria se manter para sempre. Ele podia regressar a qualquer momento se quisesse, inclusive agora. Especialmente

agora, que ela estava frágil e poderia ser hipnotizada facilmente para que voltasse a abrir a janela.

Saiu cambaleante do banheiro, passando junto a Bonnie no caminho ao quarto de hospedes. Agarrou sua bolsa e começou a botar suas coisas nela.

-Elena, não pode sair assim!

-Não posso ficar aqui – respondeu ela.

Passou uma olhada no quarto procurando os sapatos, os descobriu perto da cama e foi até

eles. Então se deteve, com um som abafado. Descansando sobre as roupas havia uma solitária pluma negra. Era enorme, horrivelmente enorme e real e sólida, com um grosso cunho de aspecto ceroso. Resultava quase obcena descansando ali sobre os brancos lençóis de percal.

Uma sensação de náusea se apoderou de Elena, que virou sua cabeça. Não podia respirar.

-Ok, ok – disse Bonnie – Se se sente assim, farei papai leva-la para sua casa.

-Você também tem que vir.

A Elena acabara de vir a mente que Bonnie não estava mais segura naquela casa do que ela estava. —Você e seus entes queridos‖, recordou, e girou para pegar o braço da amiga.

-Tem que vir. Preciso de você comigo.

E no final ela foi. Os McCullough pensavam que estava histérica, que reagiu de forma exagerada, que possivelmente estava com uma crise nervosa. Mas finalmente cederam. O

Sr. McCoullough levou ela e Bonnie em seu carro para a casa dos Gilbert, onde, sentindose igual um ladrão, abriu a porta com a chave e deslizou para o interior para não acordar ninguém.

Inclusive aqui, Elena não podia dormir, e permaneceu acordada ao lado de

Bonnie, que respirava pausadamente, olhando em direção da janela do quarto. No exterior, as ramas do galho chicoteavam contra o vidro, mas nada mais se moveu até o amanhecer. Foi então que olhou o carro. Havia reconhecido o sibilante som do motor de Matt em qualquer parte. Alarmada, foi na ponta dos pés até a janela e olhou fora a quietude Alba de outro dia nublado. Logo correu escada abaixo e abriu a porta principal.

-Stefan!

Em toda a sua vida, nunca tinha se alegrado tanto em ver alguém. Se abraçou a ele antes de que pudesse fechar a porta do carro. Ele balançou para trás pela força do impacto, e ela pôde perceber sua surpresa. No geral, ela não era tão intensa em público.

-Hey! – disse ele, devolvendo o abraço com suavidade – Eu também me alegro, mas não esmague as flores.

-Flores?

Se afastou para olhar o que ele segurava; então, olhou-o no rosto. Logo depois a Matt, que emergia do outro lado do carro. O rosto de Stefan estava pálido e emaciado; o de Matt esgotado pelo cansaço e com os olhos avermelhados.

-Será melhor que entre – disse por fim, desconcertada. – Os dois estão com um aspecto horrível.

-É verbena – explicou Stefan mais tarde.

Elena e ele estavam sentados na mesa da cozinha. Através do vão aberto da porta, podia ver Matt estendido no sofá da sala de estar, roncando com suavidade. Se deixou cair ali depois de três tigelas de cereal. Tia Judith, Bonnie e Margareth seguiam no andar de cima, dormindo, mas Stefan manteve a voz baixa mesmo assim.

-Lembra do que eu disse sobre ela? – perguntou.

-Disse que ajuda a manter a mente clara inclusive quando alguém está usando o Poder para influenciar.

Elena se sentiu orgulhosa da firmeza que soou sua voz.

-Correto. E essa é uma das coisas que Damon podia tentar. Pode usar o poder da sua mente inclusive à distancia, e pode fazer tanto se estiver acordada como se estiver dormindo. As lágrimas inundaram os olhos da garota, e ela os baixou para ocultá-las, contemplando os largos e finos talos os restos secos das diminutas flores lilás nas pontas.

-Dormindo? – perguntou, temendo que nesse momento sua voz não estivesse tão firme.

-Sim; poderia influenciar para que saia da casa, digamos, ou para que o deixe entrar. Mas a verbena deve impedi-lo.

Stefan parecia cansado mas satisfeito consigo mesmo.

—Ah, Stefan, se você soubesse‖, pensou Elena. O presente havia chegado com uma noite de atraso. Apesar de todos os esforços, uma lagrima caiu, gotejando sobre as folhas verdes.

-Elena! – sua voz soou sobresaltada – O que aconteceu? Me conta. Tentava olhar seu rosto, mas ela inclinou a cabeça, pressionando-a contra seu ombro. Ele a rodeou com seus braços, sem tentar obriga-la a levantar outra vez.

-Conte-me – repetiu em voz baixa.

Era o momento. Se ia contar alguma vez, devia ser agora. Sentia a garganta ardente e inflamada, e desejava deixar as palavras que levava dentro sair. Mas não podia. —Não importa o que aconteça, não permitirei que briguem por mim‖, pensou.

-É só que... estava preocupada contigo – conseguiu dizer. – Não sabia onde tinha ido ou quando ia voltar.

-Devia ter ti contado. Mas, isso é tudo? Não há nada mais que a esteja transtornando?

-Isso é tudo.

Agora tinha que conseguir que Bonnie jurasse manter segredo sobre o corvo. Por que uma mentira sempre levava a outra?

-Que devemos fazer com a verbena? – perguntou sentando-se para trás.

-Mostrarei esta noite. Uma vez que tenha extraído o azeite das sementes, pode esfregar na pele ou adicionar na água da banheira. E pode colocar as folhas secas na bolsa e leva-la com você ou coloca-la embaixo da almofada pela noite.

-Será melhor que dê a Bonnie e Meredith. Precisarão de proteção. Ele assentiu.

-Por agora... – rompeu um galho e depositou na mão de Elena – Limite-se a levar isto ao colégio com você. Vou voltar a pousada para extrair o azeite – Calou um instante e logo disse: - Elena...

-Sim?

-Se creese que iria servir de algo, eu iria. Não exporia você a Damon. Mas não creio que ele iria me seguir se eu fosse, não mais. Creio que poderia ficar... devido a você.

-Nem pense em ir embora – disse ela com ferocidade, alcançando os olhos dele. – Stefan, isso é a única coisa que eu não poderia suportar. Promete que não fará, prometa-me.

-Não ti deixarei sozinha com ele – replicou Stefan, que não era exatamente o mesmo. Mas não servia de nada insistir mais.

Em vez disso, ele ajudou a acordar Matt e os acompanhou até a porta. Então, com um talo de verbena seca na mão, subiu as escadas e se preparou para ir para o colégio. Bonnie bocejou sem parar durante o café e realmente não acabou de despertar até que estivessem na rua, andando para o colégio com uma brisa fresca as golpeando no rosto. Ia ser um dia frio.

-Tive um sonho muito estranho esta noite – disse Bonnie.

O coração de Elena deu um pulo. Já havia colocado um galhinho dentro da mochila da amiga, bem no fundo, onde Bonnie não podia vê-lo. Mas se Damon havia chegadoa te Bonnie na noite anterior...

-Sobre o que? – inquiriu, se apoiando.

-Sobre você. A vi de pé embaixo de uma arvore e o vento soprava. Por algum

motivo, tinha medo e não queria se aproximar mais de mim. Parecia... diferente. Muito pálida, mas quase resplandecia. E então um corvo desceu voando da arvore, e você alongou o braço e o agarrou no ar. Foi tão rápida que parecia incrível. E continuava a olhar para mim, com essa expressão rara. Sorria, mas o sorriso me fez ter vontade de fugir. E logo retorceu o pescoço do corvo e este morreu.

Elena que havia escutado aquilo com crescente horror, respondeu:

-É um sonho repugnante.

-É, não é? – disse Bonnie com serenidade. – Me pergunto o que significa. Os Corvos são pássaros de mau agouro nas lendas. Podem predizer a morte.

-Provavelmente sabia o quão transtornada que estava depois de encontrar aquele corvo no quarto.

-Sim – disse Bonnie – Exceto por uma coisa. Tive o sonho antes de que nos despertassem com os gritos.

Esse dia, na hora do almoço, havia outro pedaço de papel violeta no mural de comunicados. Este, não obstante, limitava-se a dizer: OLHE NOS ANUNCIOS PESSOAIS.

-Que anúncios pessoais? – perguntou Bonnie.

Meredith que se aproximava naquele momento com um exemplar Wildcat Weekly, o jornal da escola, proporcionou a resposta.

-Viram isso? – inquiriu.

Estava na sessão pessoal, completamente anônimo, sem titulo nem assinatura. —Não suporto a idéia de ti perder. Mas ele está sempre tão infeliz com alguma coisa, e se ele não disser o que é, se ele não confiar em mim o suficiente, eu não vejo esperança para nós.‖

Ao ler, Elena sentiu um estalo de energia nova por cima de todo cansaço. Deus, como odiava quem estava fazendo aquilo. Ela se imaginou batendo neles, apunhalando-os, contemplando como cairiam. E logo, vividamente, imaginou algo mais. Agarrar por trás dos cabelos do ladrão e afundar os dentes na garganta

indefesa. Foi uma visão estranha e inquietante, mas por um momento pareceu quase real.

Ela notou que Meredith e Bonnie olhavam para ela.

-Bem? – disse, sentindo-se ligeiramente incomoda.

-Me dei conta de que não escutava – suspirou Bonnie. – Acabo de dizer que continua sem parecer obra de Da... obra do assassino. Não creio que um assassino possa ser tão mesquinho.

-Por mais que eu odeie concordar com ela; ela está certa – disse Meredith. – Isso cheira a alguém sorrateiro. Alguém que guarda rancor de modo pessoal e realmente quer fazer você

sofrer.

Havia acumulado saliva na boca de Elena, e ela a tragou.

-Também alguém que esteja familiarizado com o colégio. Tiveram que preencher um formulário para pôr uma mensagem pessoal em uma das aulas de jornalismo – disse.

-E alguém que sabia que tinha um diário, supondo que o roubaram de propósito. Talvez estava em uma das tuas aulas aquele dia que trouxeste para o colégio. Lembra? Quando o Sr. Tanner quase o pegou – acrescentou Bonnie.

-A Srta. Halpern conseguiu pagá-lo; inclusive leu uma parte em voz alta, algo sobre Stefan. Isso foi justo depois que Stefan e eu começamos a sair. Espera um minuto. Essa noite em sua casa, quando roubaram o diário, quanto tempo estiveste fora da sala?

-Só uns poucos minutos. Yangtze havia deixado de latir, e foi até a porta para deixa-lo entrar, e... – Bonnie apertou os lábios e se deu de ombros.

-Assim que o ladrão tinha estado familiarizado com a casa – disse Meredith rapidamente -; ou ele ou ela, não haviam entrado, pegou o diário e saiu antes que voltássemos. Muito bem, então, estamos procurando alguém sorrateiro e cruel que provavelmente está nas suas aulas, Elena, e que provavelmente está familiarizado com a casa de Bonnie. Alguém que tem algo pessoal contra você e

não parará até ti prejudicar... Ah, meu Deus!

As três olharam fixamente.

-Tem que ser – murmurou Bonnie – Tem que ser.

-Somos tão estúpidas! Tínhamos que ter visto logo – disse Meredith. Para Elena significou a repentina compreensão de que toda a ira que havia sentido antes não era nada comparada com a ira que era capaz de sentir. A chama de uma vela comparada com o sol.

-Caroline – disse, e apertou os dentes com tanta força que a mandíbula doeu. Caroline. Naquele instante Elena realmente se sentiu capaz de matar a garota de olhos verdes. E tinha saído correndo para tentar faze-lo se Bonnie e Meredith não a tivessem detido.

-Depois da aula – disse Meredith com firmeza -, quando podermos leva-la a algum lugar privado. Espere só isso, Elena.

Mas quando foram para o refeitório, Elena reparou na cabeça de cabelos castanho avermelhado que desaparecia pelo corredor de arte e musica. E recordou algo que Stefan havia dito tempos atrás naquele mesmo ano, sobre que Caroline o levava a aula de fotografia na hora do almoço. Para ter intimidade, dissera Caroline.

-Vocês duas continuem; esqueci algo – disse enquanto Bonnie e Meredith tinham comida em suas bandejas do refeitório.

Logo fingiu está surda enquanto saia rapidamente e retrocedia até a ala de arte. Todas as salas estavam escuras, mas a porta da sala de fotografia não estava fechada com chave. Algo fez Elena girar a maçaneta com cautela e se moveu silenciosamente ao estar lá

dentro, no lugar de entrar de uma vez para iniciar uma briga como havia planejado. Caroline estava ali dentro? Se estava, o que estava fazendo na escuridão sozinha?

No principio, a sala parecia estar vazia. Logo, Elena olhou o murmúrio de vozes que saiam de um pequeno oco situado ao fundo e viu que a porta do quarto escuro estava entreaberta. Em silêncio, furtivamente, se encaminhou até

encontrar o outro lado da entrada, e o murmúrio de sons se transformaram em palavras.

-Mas como podemos estar seguros de que será ela a quem escolheram? – Aquela era Caroline.

-Meu pai está no conselho escolar. A escolheram, está certo – E aquela era a voz de Tyler Smallwood, cujo padre era advogado e estava em todos os conselhos que existiam. – Além do mais, quem mais podia ser? – prosseguiu ele. – O Espírito de Fell‘s Church supõe ser inteligente, além de ter um bom tipo.

-E pensa que eu não sou inteligente?

-Eu disse isso? Olha, se quer que seja você que desfile vestida de branco no Dia do Fundador, ótimo. Mas se quer ver como tiram Stefan Salvatore da cidade devido o testemunho do diário de sua própria namorada...

-Mas por que esperar tanto tempo?

A voz de Tyler soou impaciente.

-Porque desse modo arruinará também os festejos. A festa dos Fell. Por que eles tinham que levar o crédito de haver fundado a cidade? Os Smallwood estavam aqui primeiro.

-Ah, quem se importa quem fundou a cidade? Tudo o que eu quero é ver Elena humilhada perante todo o colégio.

-E a Salvatore.

O puro ódio e malicia da voz de Tyler fizeram Elena enlouquecer.

-Terá sorte se não acabar pendurada em uma árvore. Tem certeza que as provas estão aí?

-Quantas vezes tenho que dizer? Primeiro, disse que ela perdeu a fita dois de setembro no cemitério. Logo depois, disse que Stefan a recolheu esse dia e a guardou. A ponte Wickery está justo ao lado do cemitério. Isso significa que Stefan estava perto da ponte no dia dois de setembro, na noite que atacaram o velho. Todo mundo sabe que estava perto quando os ataques a Vicky e a Tanner.

O que quer mais?

-Jamais se sustentaria em um júri. Talvez devêssemos conseguir alguma prova que o comprometesse. Como perguntar a Sr. Flowers a que horas chegou em casa naquela noite.

-Ah, quem se importa? A maioria das pessoas já o considera culpado. O diário fala de algum grande segredo que ocultava de todos. O pessoal captará a idéia.

-O guarda em um lugar seguro?

-Não, Tyler, o guardo na mesa do café. Até que ponto acha que sou estúpida?

-O bastante estúpida para enviar a Elena notas que a põe sob aviso – olhou o papel do jornal. – Olha isto, é incrível. E tem que parar agora. E se ela deduzir quem o tem?

-O que fará, chamar a policia?

-Ainda quero que fique quieta. Espere até o Dia do Fundador, então verá como se derrete a princesa de gelo.

-E direi ciao (tchau em italiano) a Stefan. Tyler... ninguém vai machuca-lo realmente, não é?

-Quem se importa? – Tyler imitou o tom que ela havia usado antes – Você deixou isso para mim e meus amigos, Caroline. Limite-se a fazer sua parte, de acordo?

A voz de Caroline desceu até se converter em um sussurro gutural.

-Me convença.

Depois de uma pausa, Tyler lançou uma risada.

Escutou o som de roupas e um suspiro. Elena girou e escapou da sala tão silenciosamente como havia entrado.

Foi para o seguinte corredor e logo se apoiou contra os armários que havia ali, tentando pensar.

Era quase demais para absorver tudo de uma vez. Caroline, que em uma ocasião tinha sido sua amiga, a havia traído e queria vê-la humilhada perante todo o colégio. Tyler que sempre parecia mais um imbecil que uma ameaça autentica, planejava conseguir que tirassem Stefan da cidade... ou o matassem. E o pior era que estavam usando o próprio diário de Elena para fazer tudo isso.

Agora compreendia o inicio do sonho da noite anterior. Havia tido um sonho parecido no dia anterior que descobriu que Stefan havia desaparecido. Em ambos os casos, Stefan a havia olhado com olhos enraivecidos e acusadores, e logo depois havia jogado um livro em seus pés e lhe havia dado as costas.

Não era um livro. Era seu diário. Diário que continha provas que podiam ser fatais para Stefan. Em três ocasiões pessoas tinham sido atacadas em Fell‘s Church, e nas três ocasiões Stefan havia estado na cena do crime. O que isso podia parecer para a cidade, a policia?

E não existia um modo de contar a verdade. Supondo que ela dissesse:

—Stefan não é culpado. É seu irmão Damon, que o odeia e sabe o quanto que Stefan odeia a idéia de ferir e matar. E que tem seguido Stefan por todas as partes e atacado gente para que Stefan pensasse que talvez tivesse sido ele que o fizera, para enlouquece-lo. E que está aqui na cidade, em alguma parte, o busquem no cemitério ou no bosque. Mas, ah, não procurem somente um garoto bem afeiçoado, porque poderia ser um corvo no momento‖.

—A propósito, ele é um vampiro‖.

Nem sequer ela acreditava. Soava absurdo.

Uma pulsada no lado do seu pescoço a recordou que era absurda a historia, na realidade. Se sentia estranha hoje, quase como se estivesse doente. Era mais que simplesmente a tensão e a falta de sono. Se sentia ligeiramente enjoada, e em algumas ocasiões o solo parecia esponjoso, cedendo embaixo dos seus pés e logo voltando a recuperar sua posição. Eram sintomas de gripe, exceto que tinha certeza de que não tinha nenhum vírus em sua corrente sanguínea.

Culpa de Damon, outra vez. Tudo era culpa de Damon, exceto o diário. Não tinha ninguém a quem culpar por isso, a não ser ela mesma. Se ao menos não tivesse escrito sobre Stefan, se ao menos não tivesse levado o diário para o colégio. Se ao menos não o tivesse deixado na sala de Bonnie. Se ao menos, se

ao menos...

Naquele momento, tudo que importava era que tinha que recupera-lo.

Capítulo Dez

Soou a sineta. Não havia tempo para voltar ao refeitório e informar a Bonnie e Meredith. Elena foi a sua próxima aula, passando pelos rostos indiferentes e os olhares hostis que estavam se transformando em familiares demais por esses dias. Foi difícil, na aula de história, não olhar fixamente para Caroline, não deixar que Caroline soubesse o que sabia. Alaric perguntou por Matt e Stefan, que estavam ausentes pelo segundo dia consecutivo, e Elena se deu de ombros, sentindo-se desprotegida e exposta. Não confiava naquele homem de sorriso juvenil e olhos avelã e sua ânsia de informação sobre a morte do Sr. Tanner. E Bonnie, que se limitava a contemplar a Alaric espiritualmente, não servia de nenhuma ajuda.

Depois da aula, ela captou um pedaço da conversa de Sue Carson.

-...está de férias da faculdade..., não lembro exatamente de onde... Elena já estava cansada de manter um discreto silêncio. Girou de volta e falou diretamente com Sue e a garota com quem ela falava, interrompendo-as sem ser convidada na discussão.

-Se eu fosse você – disse a Sue -, manteria distancia de Damon. Falo sério. Houve uma risada sobresaltada e embarassada. Sue era uma das poucas pessoas do colégio que não tinha evitado Elena, e agora parecia querer tê-lo feito.

-Quer dizer – disse a outra garota em tom vacilante – que ele também ti pertence? Ou... O riso da própria Elena foi discordante.

-Quero dizer que é perigoso – respondeu. – E não estou brincando. Se limitaram a olha-la, e Elena guardou a violência de ter que responder girando os calcanhares e se distanciando. Escolheu a Bonnie no grupo extra-escolar de seguidores de Alaric e se encaminhou ao armário de Meredith.

-Aonde vamos? Pensávamos que íamos falar com Caroline.

-Agora não – respondeu Elena – Espere até que cheguemos em casa. Então direi o motivo.

-Não posso acreditar – disse Bonnie uma hora mais tarde – Quero dizer, acredito, mas não posso acreditar. Não de Caroline.

-É Tyler – disse Elena – Foi ele que teve o grande plano. Depois dizem que os homens não se interessam por diários.

-Na verdade, devíamos agradecer – comentou Meredith – Graças a ele pelo menos temos até o Dia do Fundador para fazer alguma coisa. Por que vai ser no Dia do Fundador, Elena?

-Tyler tem algo contra os Fell.

-Mas estão todos mortos – disse Bonnie.

-Bom, isso não parece importante para Tyler.Lembro que ele também falou dele no cemitério quando olhávamos a tumba dele. Ele acha que roubaram de seus antepassados o lugar que lhes corresponde como fundadores da cidade, ou algo assim.

-Elena – disse Meredith em tom sério -, tem alguma coisa mais que possa prejudicar Stefan? Além da coisa do velho, quero dizer.

-Não é o suficiente?

Com aqueles olhos firmes e escuros fixos nela, Elena sentiu o desconforto de um molestar em suas costas. O que Meredith estava perguntando?

-Suficiente para tirar Stefan da cidade, como eles disseram – concordou Bonnie.

-Suficiente para que recuperemos o diário que Caroline tem em seu poder – disse Elena. –

A única questão é como.

-Caroline disse que tinha escondido em algum lugar seguro. Isso provavelmente significa sua casa. – Meredith mordeu o lábio pensativamente. – Ela só tem esse irmão que está na oitava, não é? E sua mãe trabalha, mas vai comprar na Roanoke com assiduidade. Eles tem empregada?

-Por que? – disse Bonnie. – O que isso importa?

-Bom, não queremos que entre ninguém enquanto roubamos a casa.

-Enquanto o que? – A voz de Bonnie se lançou em um agudo guincho. – Não pode está

falando sério!

-O que sugere que possamos fazer, simplesmente sentar e esperar até o Dia do Fundador e deixar que ela leia o diário para toda a cidade? Ela roubou da sua casa. Simplesmente temos que traze-lo de volta – respondeu Meredith com exasperante tranqüilidade.

-Nos pegarão. Nos expulsarão do colégio..., se é que não vamos acabar na cadeia. –Bonnie virou a cabeça para Elena em atitude suplicante. – Diga, Elena.

-Bom...

Honestamente, a perspectiva intranqüilizava um pouco Elena. Não era tanto a idéia da expulsão, ou inclusive a cadeia, como a idéia de ser pega. O rosto altivo da Sra. Forbes flutuou ante seus olhos, cheio de justificada indignação. Logo mudou para o de Caroline, rindo com rancor enquanto sua mãe apontava com o dedo acusador para Elena. Além do mais, parecia tal... violação entrar na casa de alguém quando não tinha ninguém ali para remexer suas coisas. Odiaria que alguém lhe fizesse isso. Entretanto, já haviam feito. Caroline violado a casa de Bonnie, e naquele momento teve em suas mãos a coisa mais íntima de Elena.

-Vamos fazer – disse Elena em voz pausada – Mas faremos com cuidado.

-Não podemos conversar? – inquiriu Bonnie com tom débil, passando os olhos do rosto decidido de Meredith para o de Elena.

-Não há nada o que conversar. Você vem – a indicou Meredith. – Você prometeu –

acrescentou quando Bonnie tomou ar para voltar a discutir, e levantou seu dedo indicador.

-O juramento de sangue foi só para ajudar Elena a conquistar Stefan! – exclamou Bonnie.

-Pense de novo – disse Meredith. – Você jurou que faria qualquer coisa que Elena pedisse em relação a Stefan. Não havia nada sobre um limite de tempo ou sobre —só até que Elena o consiga‖.

Bonnie ficou boquiaberta. Olhou para Elena que quase sorria diferente dela.

-Está certo – respondeu ela, solenemente – E você mesma disse —jurar solenemente com sangue significa que mantenha sua promessa aconteça o que acontecer‖. Bonnie fechou a boca e ergueu o queixo.

-Ok – replicou com tom sombrio. – Agora estou obrigada durante a minha vida a fazer o que Elena quiser que eu faça em relação a Stefan. Maravilhoso.

-Está é a ultima coisa que eu ti pedirei – disse Elena. – Eu prometo. Juro que...

-Não diga isso! – interveio Meredith, repentinamente séria. – Não diga isso, Elena. Poderá

lamentar mais tarde.

-Agora você também está se afeiçoando com as profecias? – inquiriu Elena, e logo perguntou: - Então, como vamos conseguir a chave da casa de Caroline durante uma hora pelo menos?

Sábado, 9 de novembro

Querido diário:

Sinto por ter passado tanto tempo. Ultimamente tenho estado ou ocupada demais ou deprimida demais – ou ambas as coisas – para escrever.

Além do mais, com tudo o que aconteceu, tenho quase um medo de ter um diário. Mas preciso de alguém a quem recorrer, por que justamente agora não existe um só ser humano, uma só pessoa na Terra, a quem eu não esteja ocultando algo. Bonnie e Meredith não podem saber a verdade sobre Stefan. Stefan não pode saber a verdade sobre Damon. Tia Judith não pode saber nada de nada. Bonnie e Meredith sabem sobre Caroline estar com o diário; Stefan, não. Stefan sabe da verbena que uso todo dia agora; Bonnie e Meredith, não. Inclusive que suas bolsas estão repletas dela. Uma boa coisa: parece funcionar, ou ao menos não voltei a andar sonâmbula pela noite. Mas seria uma mentira

dizer que não tenho sonhado com Damon. Aparece em todos os meus pesadelos.

Minha vida está cheia de mentiras nesse momento, e preciso de alguém com quem possa ser totalmente honesta. Vou esconder o diário embaixo da tabua solta do closet, de modo que ninguém o encontre, ainda que eu morra e esvaziem meu quarto. Além do mais algum dos netos de Margareth brincará ali dentro algum dia e vai levantar a tábua e tira-lo, mas até então, ninguém. Este diário é meu último segredo.

Não sei porque penso na morte e em morrer. Essa é a mania de Bonnie; é ela que seria romântico. Eu sei o que realmente é: não houve nada de romântico quando mamãe e papai morreram. Simplesmente, as piores sensações do mundo. Quero viver por muito tempo, casar com Stefan e ser feliz. E não há motivo para que não possa, uma vez que todos esses problemas fiquem para trás.

Exceto que há vezes em que me assusto e acredito nisso. E há coisas que não deveriam me importar, mas que preocupam. Como por que Stefan ainda leva o anel de Katherine pendurado no pescoço, embora eu saiba que me ama. Como por que nunca disse que me ama, apesar de que eu saiba que sim.

Não importa. Tudo sairá bem. Tem que sair bem. Então estaremos juntos e seremos felizes. Não há motivos para que não sejamos. Não há motivos para que não sejamos. Não há

motivo.

Elena deixou de escrever, tentando manter as letras da página centradas. Mas só se bagunçavam mais, e fechou o livro antes que uma lágrima acusadora pudesse cair sobre a tinta. Foi até o closet, levantou a tábua solta com uma lima para unhas e colocou o diário debaixo.

Levava a lima de unhas no bolso uma semana mais tarde, quando as três, Bonnie, Meredith e ela, se detiveram ante a porta dos fundos da casa de Caroline.

-Depressa! – sibilou Bonnie desesperada, passando os olhos no pátio como se esperasse que algo saltasse entre elas. – Vamos, Meredith!

-Pronto – disse Meredith quando a chave encaixou por fim corretamente na fechadura com a lingüeta e a maçaneta cedeu com o giro de seus dedos. –

Estamos dentro.

-Tem certeza que não estão em casa? Elena, e se voltarem cedo? Por que não podemos fazer isso outro dia, ao menos?

-Bonnie, quer entrar de uma vez? Já falamos sobre isso. A empregada está sempre aqui durante o dia. E não voltarão cedo hoje, ao menos que alguém passe mal em Chez Louis. Agora vamos! – disse Elena.

-Ninguém ousaria ficar doente no jantar de aniversario do Sr. Forbes – disse Meredith com tom consolador a Bonnie enquanto a menor das meninas entrava. – Estamos a salvo.

-Se tem dinheiro o suficiente para ir a restaurantes caros, era de se pensar que deixariam umas luzes acesas – replicou Bonnie, negando-se a se deixar consolar. Em si, Elena se deu uma razão para isso. Parecia estranho e desconcertante vagar pela casa de outra pessoa na escuridão, e seu coração martelou asfixiantemente enquanto subiam as escadas. Sua palma, que se fechava na lanterna do chaveiro que mostrava o caminho, estava úmido e escorregadio. Mas alem de todos os sintomas de pânico, sua mente continuava funcionando friamente, quase com indiferença.

-Tem que está em seu quarto – disse.

A janela de Caroline dava para a rua, o que significava que tinham que ser mais cuidadosas ainda para que não vissem nenhuma luz ali. Elena balançou o diminuto feixe da lanterna de um lado para o outro com a sensação de desalento. Uma coisa era planejar revistar o quarto de alguém, imaginar mentalmente a revisão eficiente e metódica das gavetas, e outra era está realmente ali de pé, rodeada pelo que parecia um milhão de lugares para esconder algo, e sentir medo de tocar em alguma coisa e Caroline perceber que estava mexido. As outras duas garotas também estavam totalmente imóveis.

-Talvez devêssemos ir para casa – sugeriu Bonnie em voz baixa. Meredith não a contradisse.

-Temos que tentar. Ao menos tentar – disse Elena, ouvindo o quão oca e baixa que soava sua voz.

Abriu com cuidado uma gaveta de uma cômoda alta e passou a luz por cima dos

delicados montes de roupas intimas. Uns instantes de busca entre eles bastaram para comprovar que não havia nada parecido com livro. Colocou os montinhos de volta e fechou a gaveta. Logo depois soltou o ar.

-Não é tão difícil – disse – O que precisamos é dividir o quarto e revista-lo, cada gaveta, cada móvel, cada objeto bastante grande para esconder um diário. Ela assinalou o closet e a primeira coisa que fez foi apalpar as tabuas do chão com sua lima de unha. Mas as tabuas de Caroline pareciam estar todas bem pregadas e as paredes do armário embutido soaram sólidas. Procurando entre as roupas de Caroline, encontrou varias coisas que ela havia deixado a outra garota no ano anterior. Se sentiu tentada a leva-las mas, é claro, que não podia. Examinou os sapatos e os bolsos de Caroline, mas nada revelaram, inclusive quando arrastou uma cadeira até ali para investigar a estante superior do closet.

Meredith estava sentada no chão examinando um monte de animais de pelúcia que haviam sido relegados junto a outras recordações infantis. A garota passou os largos e sensíveis dedos sobre cada um procurando fendas no material. Quando chegou a um poodle fofo, se deteve.

-Eu lhe dei isso – murmurou. – Acho que em seu décimo aniversario. Pensava que o tinha jogado fora.

Elena não pode ver seus olhos, a própria lanterna de Meredith estava dirigida para o poodle. Mas soube como a amiga se sentiu.

-Tentei fazer as pazes com ela – disse em voz baixa – Eu tentei, Meredith, na Casa Maldita. Mas praticamente me disse que jamais me perdoaria por lhe tirar Stefan. Eu desejei que as coisas fossem diferentes, mas ela não quis deixar que elas fossem.

-E agora é guerra.

-E agora é guerra – disse Elena, categórica e contundente.

Observou enquanto Meredith deixava o poodle em um lado e pegava o próximo animal; depois voltou para sua própria revista.

Mas não teve melhor sorte na penteadeira do que no closet. E a cada minuto que transcorria se sentia mais inquieta, com mais certeza de que estavam a ponto de escutar um carro chegando na entrada de acesso dos Forbes.

-Não serve de nada – disse Meredith por fim, apalpando debaixo do colchão de Caroline. –

Deve ter escondido... Espera. Há algo aqui. Sinto um canto.

Elena e Bonnie a olharam fixamente dos lados opostos do quarto, momentaneamente paralisadas.

-Achei. Elena, é um diário!

O alivio descendeu como uma exalação através de Elena e fez que se sentisse como um pedaço de papel enrugado que alisam e estiram. Podia voltar a se mover. Respirar era maravilhoso. Ela sabia, sabia todo o tempo que nada realmente terrível podia acontecer com Stefan. A vida não podia ser tão cruel, não com Elena Gilbert. Todos estavam a salvo agora.

A voz de Meredith soou perplexa.

-É um diário. Mas é verde e não azul. É o diário errado.

-Que?

Elena lhe arrancou o pequeno caderno e dirigiu sua lanterna sobre ele, tentando converter o verde esmeralda em azul safira. Não funcionou. Aquele diário era quase exatamente como o seu, mas não era o seu.

-É o de Caroline – disse estupidamente, ainda sem querer acreditar. Bonnie e Meredith se empoleiraram junto a ela. Todas olhavam o livro fechado e se olharam.

-Pode haver pistas – disse Elena devagar.

-É muito justo – concordou Meredith.

Mas foi Bonnie quem realmente tomou o diário e abriu.

Elena esquadrinhou por cima do seu ombro a letra pontiaguda e inclinada para trás de Caroline, tão diferente das maiúsculas de notas violetas. Ao principio seus olhos não conseguiram focar bem mas logo um nome lhe saltou a vista: Elena.

-Espera, o que é isso?

Bonnie, que era a única que realmente estava em uma posição que permitia ler mais de uma ou duas palavras, permaneceu em silêncio um momento, movendo os lábios.Logo depois suspirou.

-Escuta isso – disse e leu –: Elena é a pessoa mais egoísta que já conheci. Todo mundo pensa que é equilibrada, mas é certo que seja só frieza. Dá nojo o modo como as pessoas babam por ela, sem pensar que ela jamais se importa com nada nem ninguém que não seja Elena.

-Caroline disse isso? Olha quem fala!

Elena sentiu seu rosto ardendo. Era praticamente o que Matt disse quando ela ia atrás de Stefan.

-Vamos, tem mais - disse Meredith, dando tapinhas em Bonnie, que prosseguiu em tom ofendido.

-—Bonnie está quase igual de impossível esses dias, sempre tentando se fazer de importante. A ultima é fingir que é médium para que a gente a note. Se realmente fosse médium, descobriria que Elena só a está usando‖.

Houve uma pausa embaraçosa e logo Elena disse:

-Isso é tudo?

-Não, há algo sobre Meredith: Meredith não faz nada para detê-lo. Na verdade, Meredith não faz nada a não ser observar. É como se não pudesse atuar; só pudesse reagir as coisas. Alem do mais, ouvi meus pais falarem sobre sua família..., não me surpreende que ela nunca os mencione‖. O que significa isso?

Meredith não se moveu e Elena via unicamente seu pescoço e seu queixo na tênue luz. A garota falou em voz baixa e firme.

-Não importa. Continue olhando, Bonnie, procure algo sobre o diário de Elena.

-Procure por volta de dezoito de outubro. Foi quando o roubaram – indicou Elena, deixando de lado suas perguntas; já que as faria a Meredith.

Não tinha nenhuma anotação para dezoito de outubro nem o fim de semana seguinte. Nenhuma delas mencionava o diário.

-Bom, então é isso – disse Meredith sentando-se atrás. – Este livro não serve. A menos que queiramos chantagea-la com ele.Você sabe, algo como que não mostremos o seu e ela não mostra o seu.

Era uma idéia tentadora, mas Bonnie detectou uma falha.

-Não há nada ruim sobre Caroline aqui; não são mais que queixas sobre outras pessoas. Principalmente nós. Aposto que encantaria Caroline que fosse lido em voz alta no colégio. Animaria seu dia.

-Então, o que faremos com ele?

-Devolve-lo a seu lugar – respondeu Elena com a voz cansada. Passou a luz da lanterna pelo quarto, que a seus olhos parecia estar repleto de sutis diferenças em comparação com a que tinham encontrado.

-Simplesmente teremos que continuar fingindo que não sabemos que ela tem meu diário e esperar outra oportunidade.

-Concordo – disse Bonnie, mas continuou olhando o livro dando risadas soltas de vez em quando e uma bufada ou um sibilar indignados. – Quer ouvir isso? – exclamou.

-Não há tempo – disse Elena.

Havia dito algo mais, mas nesse momento Meredith falou e seu tom exigiu a imediata atenção de todo mundo.

-Um carro.

Foi só um segundo para determinar que o veículo estava na entrada de acesso dos Forbes. Os olhos e a boca de Bonnie estavam abertos e redondos e a garota parecia paralisada ajoelhada junto a cama.

-Anda! Vamos – disse Elena tirando-lhe o diário – Apaga as lanternas e sai pela porta dos fundos.

Já se moviam, Meredith estando a frente de Bonnie. Elena se deixou cair de joelhos e levantou o lençol da cama até o colchão de Caroline. Com a outra mão empurrou o diário para frente, encaixando-o entre o colchão e a parte que circundava a parte baixa da cama. As molas finalmente recobertas se cravavam no braço que estava abaixo, ainda pior era o peso do colchão que caia em cima. Deu ao livro mais alguns empurrões com os dedos e logo extraiu o braço debaixo do colchão, estirando o lençol para deixa-lo como estava. Deu uma olhada frenética de novo no quarto enquanto saia; não havia tempo para arrumar mais nada. Enquanto descia veloz e em silêncio as escadas, olhou a chave da porta principal.

Logo em seguida foi uma espécie de pega-pega espantoso. Elena sabia que não a estavam perseguindo deliberadamente, mas a família Forbes parecia decidida a esquadrinhar sua casa. Regressou por onde havia vindo enquanto luzes e vozes se materializavam no vestíbulo se dirigindo para as escadas. Foi até o interior da ultima entrada do corredor abaixo, e eles pareciam segui-la. Cruzaram o hall; estavam justo ante o quarto principal. Girou em direção ao banheiro, mas viu acender a luz de repente por baixo da porta fechada, cortando a fugida.

Estava atrapalhada. Os pais de Caroline podiam entrar a qualquer momento. Viu as portas envidraçadas que davam para a varanda e tomou sua decisão nesse instante. Fora o ar era fresco e sua respiração arquejante resultava ligeiramente invisível. Uma luz amarela surgiu do quarto onde estava e se agachou a esquerda mantendo-se fora do caminho. Logo, o som que estava temendo se escutou com terrível claridade: o deslize da maçaneta da porta, seguida por um ondular de cortinas produzido ao abrir as portas envidraçadas.

Olhou ao redor freneticamente. A distância era grande demais para saltar e não havia nada que a segurasse na descida. Isso deixava só o telhado, mas não havia nada para subir. Contudo, algum instinto a fez tentar e já estava sobre o corrimão da varanda, procurando no tato algum lugar para subir quando uma sombra apareceu entre as vaporosas cortinas. Uma mão a separou, uma figura começou a sair e então Elena sentiu que algo agarrava com força sua mão fechando-se no seu pulso e içando-a para o alto. Deu um impulso automaticamente com os pés e se encontrou no telhado de telhas de madeira. Enquanto tentava tranqüilizar a irregular respiração, olhou adiante agradecida para ver quem era seu salvador... e ficou gelada.

Capítulo Onze

—O nome é Salvatore. Como em Salvador‖, ele disse. Tinha um breve flash de dentes brancos na escuridão.

Elena olhou para baixo. A tapeçaria pendurada no telhado obscurecia a varanda, mas ela podia ouvir uma mistura de sons lá embaixo. Mas eles não eram sons de uma perseguição, e não havia sinais de que as palavras de seus companheiros haviam sido escutadas por acaso. Um minuto depois ela ouviu as portas de vidro se fecharem.

—Eu pensei que era Smith,‖ ela disse, ainda olhando para baixo na escuridão. Damon sorriu. Era um sorriso terrivelmente envolvente, sem a amargura do de Stefan. A fez pensar na luz de arco-íris na pena do corvo.

Apesar de tudo, ela não era tola. Encantador como parecia, Damon era perigoso como quase além da imaginação. Esse gracioso, longínquo corpo era dez vezes mais forte do que o de um humano. Aqueles olhos escuros preguiçosos eram adaptados para ver perfeitamente à noite. A mão de dedos longos que a tinha puxado para o telhado podiam se mover com uma rapidez impossível. E, mais perturbador que tudo, sua mente era a mente de um assassino. Um predador.

Ela podia sentir isso abaixo da superfície dele. Ele era diferente de um humano. Ele tinha vivido tanto tempo caçando e matando que ele tinha esquecido qualquer outro meio de viver. E ele apreciava isso, não combatendo sua natureza como Stefan combateu, mas se vangloriando dela. Ele não tinha moral nem consciência, e ela estava aprisionada aqui com ele no meio na noite.

Ela se acomodou sobre o calcanhar, pronta para pular a qualquer minuto. Ela devia estar brava com ele agora, depois do que ele tinha feito com ela no sonho. Ela estava, mas não havia nada expressando isso. Ele sabia o quão furiosa ela devia estar, e ele apenas riria dela se ela dissesse isso para ele.

Ela o assistiu quietamente, intensamente, esperando pelo seu próximo movimento. Porém, ele não se moveu. Aquelas mãos podiam disparar tão rapidamente quanto uma cobre imóvel repousada nos seus joelhos. Sua expressão a lembrou do modo como ele a tinha olhado uma vez antes. A primeira vez que eles tinham se encontrado ela tinha visto o mesmo prudente, relutante respeito em seus olhos – exceto que naquela vez tinha tido também surpresa neles. Agora não tinha nenhuma.

—Você não vai gritar comigo? Ou desmaiar?‖ Ele disse, como se lhe oferecendo

opções padrões.

Elena ainda estava assistindo ele. Ele era muito mais forte do que ela, e mais rápido, mas se ela precisasse, ela pensou, ela podia chegar à borda do telhado antes dele a alcançar. Eram dez metros de queda se ela perdesse a varanda, mas ela podia decidir correr o risco. Tudo dependia de Damon.

—Eu não desmaio,‖ ela disse brevemente. —E por que eu deveria gritar com você? Nós estávamos jogando um jogo. Eu fui estúpida aquela noite e por isso eu perdi. Você me avisou no cemitério sobre as consequencias‖.

Os lábios dele se separaram em um fôlego rápido e ele olhou para longe. —Eu posso simplesmente ter que te fazer minha Rainha das Sombras‖, ele falou e, praticamente falando consigo mesmo, ele continuou. —Eu já tive muitas companheiras, garota, tão jovens quanto você e mulheres que eram as mais bonitas da Europa. Mas você é a que eu quero ao meu lado. No poder, fazendo o que quisermos quando quisermos. Temidos e adorados por todos, as almas mais fracas. Isso seria tão ruim?‖

—Eu sou uma das almas mais fracas,‖ Elena disse. —E você e eu somos inimigos, Damon. Nós não podemos nunca ser outra coisa‖.

—Você tem certeza?‖ Ele olhou para ela, e ela pôde sentir a força da mente dele quando tocou a dela, como o atrito daqueles dedos longos. Mas não havia vertigem, nem sentimento de fraqueza ou de sucumbir. Naquela tarde ela tinha ficado de molho por um longo tempo, como ela sempre havia feito nesses dias, numa banheira quente salpicada com verbena.

Os olhos de Damon lampejaram com entendimento, mas ele se recompôs com graça. —O

que você está fazendo aqui?‖ Ele falou casualmente.

Foi estranho, mas ela não sentiu necessidade de mentir para ele. —Caroline pegou algo que me pertence. Um diário. Eu vim pagá-lo de volta‖.

Um novo olhar tremulou em seus olhos negros. —Indubitavelmente para proteger meu irmão imprestável de algum jeito‖ disse ele, contrariado.

—Stefan não está envolvido nisso!‖

—Oh, não está?‖ Ela ficou com medo de que ele tivesse entendido maus do que ela tencionava. —Estranho, ele parece estar sempre envolvido quando tem confusão. Ele cria problemas. Agora, se ele estivesse fora do filme...‖

Elena falou firmemente. —Se você machucar Stefan de novo eu vou fazer você se arrepender. Eu acharei um jeito de fazer você desejar não ter feito isso, Damon. Eu juro.‖

—Eu vejo. Bem, então eu vou ter simplesmente que trabalhar em você, não é?‖

Elena não disse nada. Ela tinha se auto encurralado, concordando em jogar esse jogo mortal deve de novo. Ela olhou para longe.

—Eu vou ter você no final, você sabe‖, ele falou suavemente. Essa era a voz que ele usou na festa, quando disse, —Devagar, devagar‖. Não havia zombaria ou malícia agora; ele estava simplesmente declarando um fato. —Custe o que custar, como sua gente diz – é uma linda frase – você será minha antes que a próxima nevasca caia‖.

Elena tentou dissimular o frio que sentir, mas ela sabia que ele viu de qualquer jeito.

—Bom‖ ele disse. —Você tem alguma sensatez, você tem razão em ter medo de mim; eu sou a coisa mais perigosa que você provavelmente vai encontrar na sua vida, mas agora eu tenho uma proposta de negocio para você.‖

—Uma proposta de negócio?‖

—Exatamente. Você veio aqui para pegar um diário. Mas você não o pegou.‖ Ele indicou as mãos vazias dela. —Você fracassou, não é?‖ Quando Elena não respondeu, ele continuou.

—E já que você não quer meu irmão envolvido, ele não pode ter ajudar. Mas eu posso. E eu vou.‖

—Você vai?‖

—É claro. Por um preço.‖

Elena o fitou. Sangue flamejou em seu rosto. Quando ela conseguiu colocar as

palavras para fora, elas vieram somente como um murmúrio.

—Que – preço?‖

um sorriso cintilou fora da escuridão. —Alguns minutos do seu tempo, Elena. Algumas goras do seu sangue. Mais ou menos uma hora gasta comigo, sozinhos.‖

—Seu...‖ Elena não conseguiu achar a palavra certa. Todos os adjetivos que ela conhecia eram muito suaves.

—Eu vou ter isso de qualquer jeito, no final,‖ ele disse em um tom sensato. —Se você for honesta, vai admitir isso para você mesma. A última vez não foi a última. Por que não aceita isso?‖ A voz dele caiu para um timbra quente, íntimo. —Lembre-se...‖

—Eu preferiria cortar minha garganta,‖ ela disse.

—Um pensamento intrigante. Mas eu posso fazer isso se um jeito muito mais agradável.‖

Ele estava rindo dela. De algum jeito, acima de todo o resto, hoje isso era demais. —Você é

nojento, você sabe disso‖ ela disse. —Você é nojento‖. Ela estava tremendo agora, e não conseguia respirar. —Eu morreria antes de me entregar a você. Eu preferiria...‖

Ela não estava certa do que a fez fazer isso. Quando ela estava com Damon um pouco de instinto tomava conta dela. E naquele momento, ela sentiu que preferiria arriscar qualquer coisa a vê-lo vencer desta vez. Ela percebeu, com metade de sua mente, que ele estava sentado, relaxando, apreciando o rumo que seu jogo estava tomando. A outra metade da mente dela estava calculando o quanto o telhado ultrapassava a varanda.

—Eu preferiria fazer isso,‖ ela disse, e se arremessou de lado. Ela estava certa; ele estava fora de guarda e não pôde se mexer rápido o suficiente para pará-la. Ela sentiu espaço livre embaixo de seus pés e percebeu que a varanda era mais para trás do que ela havia pensado. Ela ia falhar.

Mas ela não tinha contado com Damon. Sua mão se lançou, não rápida o suficiente para mantê-la no telhado, mas fazendo-a parar de cair mais. Era como se o peso dela não fosse nada para ele. Reflexivamente, Elena agarrou a borda do telhado e tentou dar um impulso com o joelho.

A voz dele estava furiosa. — Sua pequena tola! Se você está tão ansiosa para conhecer a morte eu posso lhe apresenta-la eu mesmo.‖

—Me larga,‖ disse Elena entre dentes. Alguém sairia para aquela varanda a qualquer segundo, ela estava certa disso. —Me larga.‖

—Aqui e agora?‖ Olhando dentro daqueles insondáveis olhos pretos, ela percebeu que ele estava sério. Se ela dissesse que sim ele a largaria.

—Seria um jeito rápido de acabar as coisas, não seria?‖ ela disse. Seu coração estava batendo de medo, mas ela se recusou a deixa-lo ver isso.

—Mas um desperdício‖. Com um movimento, ele a puxou para a segurança. Para ele. Seus braços se apertaram em volta dela, a pressionando para a dureza magra de seu corpo, e de repente Elena não pôde ver nada. Ela estava envolvida. Então ela sentiu aqueles músculos planos se recolhendo como os de um gato, e eles dois se lançaram no espaço. Ela estava caindo. Ela não podia fazer nada a não ser agarrar-se a ele como a única coisa sólida no apressado mundo em volta dela. E então ele pousou, felino, absorvendo o impacto facilmente.

Stefan tinha feito algo similar uma vez. Mas Stefan não a tinha segurado dessa maneira, confusamente perto, com os seus lábios quase em contato com os dela.

—Pense sobre minha proposta,‖ ele disse.

Ela não pôde se mover ou desviar o olhar. E dessa vez ela sabia que não era nenhum Poder que ele estava usando, mas simplesmente a louca atração entre eles. Era inútil negar isso; o corpo dela respondia ao dele. Ela podia sentir a respiração dele em seus lábios.

—Eu não preciso de você para nada,‖ ela disse a ele.

ela pensou que ele iria beija-la depois, mas ele não o fez. Acima deles tinha um som de portas de vidro se abrindo e uma voz furiosa na varanda. —Hey! O que está acontecendo?

Tem alguém aí fora?‖

—Dessa vez eu te fiz um favor,‖ Damon disse, muito suave, ainda segurando ela. —Dá

próxima vez eu vou cobrar.‖

Ela não poderia ter virado sua cabeça para longe. Se ele a tivesse beijado, ela teria deixado. Mas de repente a dureza de seus braços se dissolveram em volta dela e o rosto dele pareceu um borrão. Era como se a escuridão o estivesse levando para dentro dela. As asas pretas capturaram e bateram o ar e um enorme corvo estava se afastando. Alguma coisa, um livro ou um sapato, foi arremessado depois pela varanda. Perdeu-se no quintal.

—Malditos pássaros!‖ disse a voz da senhora Forbes acima. —Eles devem estar construindo ninhos no telhado.‖

Tremendo, com os seus braços apertados em volta dela, Elena se lançou na escuridão até

que ela estivesse de volta dentro.

Ela encontrou Meredith e Bonnie agachadas no portão. —O que te fez demorar tanto?‖

Bonnie sussurrou. —Nós pensamos que você tinha sido pega!‖.

—Eu quase fui. Eu tive que ficar até que estivesse segura.‖ Elena estava tão acostumada a mentir sobre Damon que ela fazia isso agora sem um esforço consciente. —Vamos para casa,‖ ela sussurrou. —Não há nada mais que nós possamos fazer‖. Quando elas estavam na porta de Elena, Meredith disse, —São só duas semanas até o Dia do Fundador.‖

—Eu sei.‖ Por um momento a proposta de Damon nadou na mente de Elena. Mas ela sacudiu a cabeça para limpa-la. —Eu vou pensar em alguma coisa‖ ela disse. Ela não tinha pensado em nada até o próximo dia de escola. O fato encorajador era que Caroline não parecia ter percebido nada de errado em seu quarto – mas era tudo o que Elena podia encontrar de encorajador. Teve uma assembléia naquela manhã, na qual foi anunciada que a escola tinha escolhido Elena como a estudante para representar —A Primavera de Fell‘s Church‖. Durante todo o

discurso do diretor sobre isso, o sorriso de Caroline tinha brilhado distante, triunfante e malicioso.

Elena tentou ignora-lo. Ela fez o melhor que pôde para ignorar is insultos e as ofensas que vieram em seqüência à assembléia, mas não foi fácil. Não foi nada fácil, e teve dias que ela pensava que bateria em alguém ou simplesmente começaria a gritar, mas ela rapidamente se controlava.

Aquela tarde, esperando pela aula de história do sexto período para poder sair, Elena estudou Tyler Smallwood. Desde que voltou para a escola, ele não tinha destinado a ela nem uma palavra diretamente. Ele sorriu tão obscenamente como Caroline durante o anúncio do diretor. Agora, como tivesse capturado a visão de Elena permanecendo sozinha, ele empurrou Dick Carter com o cotovelo.

—O que é aquilo?‖ Ele disse. —Uma flor de parede?‖

Stefan, onde você está? Pensou Elena. Mas ela sabia a resposta para isso. na metade da frente da escola, na aula de astronomia.

Dick abriu a boca para dizer algo, mas então sua expressão mudou. Ele estava olhando para além de Elena, para o corredor sul. Elena virou e viu Vickie. Vickie e Dick tinham ficado juntos antes do baile. Elena supôs que eles ainda estavam. Mas Dick olhou incerto, como se ele não estivesse certo do que esperar da garota que estava se movendo rumo a ele.

Tinha algo estranho sobre o rosto de Vickie, sobre o jeito de ela andar. Ela estava se movendo como se seus pés não tocassem o chão. Seus olhos estavam dilatados e sonhadores.

—Oi,‖ Disse Dick timidamente, e ele se pôs de frente para ela. Vickie passou por ele sem olhar e foi em direção a Tyler. Elena assistiu o que aconteceu depois com um crescente desassossego. Isso devia ser engraçado, mas não era.

Começou com Tyler olhando um pouco perplexo. Depois Vickie colocou uma mão no peito dele. Tyler sorriu, mas tinha um olhar forçado em relação a isso. Vickie deslizou sua mão para dentro na jaqueta dele. O sorriso de Tyler oscilou. Vickie pôs sua outra mão no peito dele. Tyler olhou para Dick.

—Hey, Vickie, vá com calma,‖ disse Dick precipitadamente, mas ele não chegou mais perto. Vickie deslizou suas duas mãos para cima, tirando a jaqueta de Tyler

de seus ombros. Ele tentou manear os ombros e coloca-la de volta sem deixar seus livros ou parecer muito preocupado. Ele não conseguiu. Os dedos de Vickie penetraram embaixo da sua camisa.

—Pare com isso. Você vai pará-la?‖ Disse Tyler a Dick. Ele estava em apuros.

—Hey, Vickie, pare. Não faça isso‖. Mas Dick manteve uma distância segura. Tyler lançou a ele um olhar fulminante e tentou afastar Vickie.

Um barulho tinha começado. De inicio parecia se uma freqüência quase muito baixa para um humano ouvir, mas ficou mais e mais alto. Um rosnado, sinistramente ameaçador, que gelou a espinha de Elena. Tyler estava olhando admirado com descrença, e ela logo percebeu isso. O som estava vindo de Vickie.

Então tudo aconteceu de uma vez. Tyler estava no chão com os dentes de Vickie a centímetros da garganta de Tyler e tentando mordê-la. Elena, com todas as brigas esquecidas, estava tentando ajudar Dick a tira-la de lá. Tyler estava uivando. A porta da sala de história foi aberta e Alaric estava gritando.

—Não a machuquem! Sejam cuidadosos! É epilepsia, nós apenas precisamos mantê-la deitada agora!‖.

Os dentes de Vickie tentaram morder de novo quando ele alcançou uma mão no combate. A esguia garota era mais forte do que todos eles juntos, e eles estavam perdendo o controle sobre ela. Eles não seriam capazes de controlar-la por muito mais tempo. Foi com grande alivio que Elena ouviu uma voz familiar sobre seu ombro.

—Vickie, calma. Está tudo bem. Apenas relaxe agora.‖

Com stefan prendendo os braços de Vickie e conversando com ela de modo calmante, Elena ousou afrouxar o seu próprio aperto. E pareceu, a principio, que a estratégia de Stefan estava funcionando. Os dedos de Vickie afrouxaram, e eles puderam desliza-los para fora de Tyler. Como Stefan continuou falando com ela, ela ficou mole e seus olhos se fecharam.

—Muito bom. Você está se sentindo cansada agora. É bom ir dormir.‖

Mai então, abruptamente, parou de funcionar, e fosse qual fosse o Poder que

Stefan estava exercendo sobre ela estava quebrado. Os olhos de Vickie se abriram, e eles perfuraram sem nenhuma semelhança com os olhos de filhote assustado que Elena tinha visto na cafeteria. Eles estavam fulgurantes com intensa fúria. Ela rosnou para Stefan e estourou lutando com a força renovada.

Precisou de cinco ou seis deles para controla-la enquanto alguém chamava a polícia. Elena permaneceu onde ela estava, conversando com Vickie, de vez em quando berrando com ela, até a polícia chegar. Nada disso fez bem algum.

Então ela andou para trás e viu a multidão de expectadores pela primeira vez. Bonnie estava na frente da fila, fitando boquiaberta. Assim como Caroline.

—O que aconteceu?‖ disse Bonnie quando os oficiais carregaram Vickie para longe. Elena, ofegando suavemente, tirou uma mecha de cabelo dos seus olhos. —Ela ficou louca e tentou despir Tyler.‖

Bonnie franziu os lábios. —Bem, ela teria que estar louca para querer, não é?‖ E ela lançou um sorriso tolo sobre os ombros diretamente para Caroline.

Os joelhos de Elena estavam moles e suas mãos estavam tremendo. Ela sentiu um braço envolvê-la, e ela apoiou-se contra Stefan gratamente. Então ela olhou para cima para ele.

—Epilepsia?‖ Ela disse com descrente desdém.

Ele estava olhando fixo para o lado sul atrás de Vickie. Alaric Saltzman, ainda gritando instruções, estava aparentemente indo com ela. O grupo virou no corredor seguinte.

—Eu acho que a turma acabou de ser dispensada,‖ Stefan disse. —Vamos‖. Eles andaram para a pensão em silêncio, cada um perdido em pensamentos. Elena franziu a testa, e muitas vezes lançou olhares para Stefan, mas não foi até que eles estavam sozinhos no quarto dele que ela falou.

—Stefan, o que é tudo isso? O que está acontecendo com Vickie?‖

—É o que eu estava me perguntando. Só há uma explicação na qual eu posso pensar, e é que ela ainda está sob ataque.‖

—Você quer dizer que Damon ainda está – Oh, meu Deus! Oh, Stefan, eu devia

ter dado a ela um pouco de verbena. Eu devia ter percebido...‖

—Não teria feito nenhuma diferença acredite em mim.‖ Ela tinha virado para a porta como se para ir atrás de Vickie naquele minuto, mas ele a puxou de volta gentilmente. —Algumas pessoas são mais facilmente influenciadas que outras, Elena. Vickie nunca foi muito forte. Pertence a ele, agora.‖

Lentamente, Elena sentou. —Então ninguém pode fazer nada? Mas, Stefan, ela vai ficar –

como você e Damon?‖

—Isso depende.‖ Seu tom era desolado. —Isso não é só uma questão de quanto sangue ela perde. Ela precisa do sangue dele nas suas veias fazer a transformação completa. De outro modo, ela vai apenas terminar como o Sr. Tanner. Drenada, usada. Morta.‖

Elena tomou um longo fôlego. Tinha algo mais que ela queria perguntar a ele sobre isso, algo que ela queria perguntar a ele a um longo tempo. —Stefan, quando você conversou com Vickie lá, eu pensei que estava funcionando. Você estava usando seus Poderes nela, não estava?‖

—Sim.‖

—Mas então ela simplesmente enlouqueceu de novo. O que eu quero dizer... Stefan, você

está bem, não está? Seus Poderes voltaram?‖

Ele não respondeu. Mas isso era resposta o suficiente para ela. —Stefan, por que você não me contou? Qual é o problema?‖ Ela foi até ele e se ajoelhou para que ele tivesse que olhar para ela.

—Está me levando um tempo para recuperar, isso é tudo. Não se preocupe com isso.‖

—Eu estou preocupada. Não há nada que nós possamos fazer?‖

—Não,‖ ele disse. Mas seus olhos fecharam.

Compreensão inundou Elena. —Oh,‖ Ela sussurrou, sentando de novo. Então ela se estendeu para ele de novo, tentando pegar suas mãos. —Stefan, me escuta ——

—Elena, não. Você não vê? É perigoso, perigoso para nós dois, mas especialmente para você. Isso podia lhe matar, ou pior.‖

—Só se você perder o controle,‖ ela disse. —E você não vai. Me beija.‖

—Não,‖ disse Stefan novamente. Ele adicionou, menos rudemente, —Eu vou sair para caçar essa noite assim que escurecer.‖

—É a mesma coisa?‖ Ela disse. Ela sabia que não era. Era sangue humano que dava Poderes.

—Oh, Stefan, por favor; você não vê que eu quero? Você não quer?‖

—Não é justo,‖ Ele disse, seus olhos torturados. —Você sabe que não é, Elena. Você sabe o quanto —— Ele se virou para longe dela novamente, suas mãos cerradas em punhos.

—Mas por que não? Stefan, eu preciso...‖ Ela não podia terminar. Ela não podia explicar para ele o que ela precisava; era uma necessidade de conexão com ele, de proximidade. Ela precisava lembrar o que era estar com ele, limpar sua memória dança com Damon em seu sonho e dos braços de Damon apertados em volta dela. —Eu preciso de nós dois juntos novamente,‖ Ela sussurrou.

Stefan ainda estava longe, e ele sacudiu a cabeça.

—Tudo bem,‖ Elena sussurrou, mas ela sentiu uma onda de tristeza e medo como derrota penetrar nos seus ossos. O maior medo era por Stefan, que estava vulnerável sem seus Poderes, vulnerável o suficiente que podia ser ferido pelos ordinários cidadãos de Fell‘s Church. Mas parte do medo era por ela mesma.

Capítulo Doze

Uma voz falou enquanto Elena pegava uma lata da prateleira da loja.

—Molho de oxicoco, já?‖

Elena olhou para cima. —Oi, Matt. Sim, tia Judith gosta de fazer uma prévia no

domingo antes do Dia de Ação de Graças, lembra?

Se ela pratica, tem menos chance de fazer algo horrível.‖

—Como esquecer de comprar o molho de oxicoco até que sejam quinze minutos antes do jantar?‖

—Até que sejam cinco minutos antes do jantar,‖ disse Elena, consultando seu relógio, e Matt riu.

Era um som gostoso, e um que Elena não ouvia há muito. Ela moveu-se em direção ao caixa, mas depois de ter pago por sua compra ela hesitou, olhando para trás. Matt estava parado ao lado da prateleira das revistas, aparentemente absorto, mas havia algo na inclinação de seus ombros que a fez querer ir até ele. Ela deu um cutucão na revista. —O que *você* vai fazer no jantar?‖ ela disse. Quando ele olhou incertamente em direção a frente da loja, ela acrescentou, —Bonnie está

esperando no carro; ela estará lá.‖ Fora isso é só a família. E Robert, é claro; ele deve estar lá a essa hora.‖ Ela quis dizer que Stefan não estava indo. Ela ainda não estava certa de como as coisas estavam entre Matt e Stefan esses dias. Pelo menos eles falavam um com o outro.

—Estou evitando perguntas diretas hoje a noite; mamãe não está se sentindo muito bem,‖ ele disse. Mas então, como se para mudar de assunto, ele continuou, —Onde está Meredith?‖

—Com a família dela, visitando alguns parentes ou algo assim.‖ Elena foi vaga porque a própria Meredith fora vaga; ela raramente falava sobre sua família. —Então o que acha?

Quer se arriscar com a comida da tia Judith?‖

—Pelos bons e velhos tempos?‖

—Pelos bons e velhos *amigos*,‖ disse Elena após um momento de hesitação, e sorriu para ele.

Ele pestanejou e desviou o olhar. —Como eu posso recusar um convite desses?‖ ele disse em uma voz estranhamente atenuada. Mas quando ele colocou a revista

de volta e a seguiu para fora ele estava sorrindo, também.

Bonnie o cumprimentou alegremente, e quando chegaram em casa tia Judith pareceu satisfeita por vê-lo entrar na cozinha.

—O jantar está quase pronto,‖ ela disse, tomando a sacola de compras de Elena. —Robert chegou há alguns minutos. Por que vocês não vão direto para a sala de jantar? Ah, e pegue outra cadeira, Elena. Com Matt são sete.‖

—Seis, tia Judith,‖ disse Elena, divertida. —Você e Robert, eu e Margaret, Matt e Bonnie.‖

—Sim, querida, mas Robert trouxe um convidado, também. Eles já estão sentados.‖

Elena registrou as palavras enquanto entrava na sala de jantar, mas houve um atraso instantâneo antes de sua mente reagir a elas. Mesmo assim, ela *sabia*; passando por aquela porta, de algum jeito ela sabia o que estava esperando por ela. Robert estava lá, ocupando-se com uma garrafa de vinho branco e parecendo jovial. E sentado na mesa, no lado mais distante do enfeite de outono e das altas velas acesas, estava Damon.

Elena percebeu que ela parara de se mover quando Bonnie deu um encontrão com ela por trás. Daí ela forçou suas pernas a se moverem. Sua mente não estava tão obediente; ela permaneceu congelada.

—Ah, Elena,‖ Robert disse, estendendo uma mão. —Essa é Elena, a garota de quem eu estava te falando,‖ ele disse para Damon. —Elena, esse é Damon... hã…‖

—Smith,‖ disse Damon.

—Ah, sim. Ele é da minha alma mater*, William and Mary, e eu simplesmente esbarrei nele do lado de fora da farmácia.

* universidade ou faculdade onde uma pessoa estudou

Já que ele estava procurando algum lugar para comer, eu o convidei para cá para uma refeição caseira. Damon, esses são alguns amigos da Elena, Matt e Bonnie.‖

—Oi,‖ disse Matt. Bonnie simplesmente encarou-o; então, ela moveu olhos enormes para Elena.

Elena estava tentando se segurar. Ela não sabia se berrava, marchava para fora da sala, ou jogava o copo de vinho que Robert estava servindo na cara de Damon. Ela ficou nervosa demais, no momento, para ficar assustada.

Matt foi trazer uma cadeira da sala de estar. Elena ficou curiosa com a aceitação casual dele com Damon, e então percebeu que ele não estivera na festa de Alaric. Ele não sabia o que tinha acontecido entre Stefan e o —visitante da faculdade.‖

Bonnie, contudo, parecia pronta para entrar em pânico. Ela estava olhando para Elena suplicantemente.

Damon tinha ficado de pé e estava afastando uma cadeira para ela. Antes que Elena pudesse bolar uma resposta, ela escutou a vozinha aguda de Margaret na entrada.

—Matt, você quer ver a minha gatinha? Tia Judith disse que eu posso ficar com ela. Eu vou chamá-la de Bola de Neve.‖

Elena se virou, excitada com uma ideia.

—Ela é bonitinha,‖ Matt estava dizendo gentilmente, inclinando-se sobre o pequeno amontoado de pelo branco nos braços de Margaret. Ele ficou assustado quando Elena agarrou sem cerimônia a gatinha debaixo de seu nariz.

—Aqui, Margaret, vamos mostrar a sua gatinha pro amigo do Robert,‖ ela disse, e enfiou o pacote fofinho na cara de Damon, fazendo tudo exceto jogá-la nele. O pandemônio se seguiu. Bola de Neve inchou duas vezes o seu tamanho normal quando seu pelo eriçou. Ela fez um barulho como água derrubada em uma frigideira em brasas e então ela rosnou, cuspiu e arranhou Elena, golpeou Damon, e ricocheteou nas paredes antes de escapar da sala.

Por um instante, Elena teve a satisfação de ver os olhos negros noturnos de Damon ligeiramente mais arregalados que o normal.

Então as pálpebras se abaixaram, cobrindo-as novamente, e Elena virou-se para encarar a reação dos outros ocupantes da sala.

Margaret estava justamente abrndo sua boca para um gemido de máquina a vapor. Robert estava tentando evitar isso, empurrando-a para fora para achar a gata. Bonnie estava com suas costas pressionadas contra a parede, parecendo desesperada. Matt e tia Judith, que estavam espiando da cozinha, pareciam simplesmente chocados.

—Acho que você não leva jeito com animais,‖ ela disse para Damon, e tomou seu lugar na mesa.

Ela acenou para Bonnie, que relutantemente se descascou da parede e correu para seu próprio assento antes que Damon pudesse tocar a cadeira. Os olhos castanhos de Bonnie deslizaram seguindo-o enquanto ele se sentava.

Após alguns minutos, Robert reapareceu com uma Margaret manchada de lágrimas e franziu a testa severamente para Elena. Matt empurrou sua própria cadeira em silêncio apesar de suas sobrancelhas estarem no cabelo.

Enquanto tia Judith chegava e a refeição começava, Elena olhou para cima e para baixo na mesa.

Uma neblina brilhante pareceu deitar-se sobre tudo, e ela teve uma sensação de irrealidade, mas a própria cena quase parecia inacreditavelmente benéfica, como algo saído de um comercial. Simplesmente sua família comum sentada para comer peru, ela pensou. Uma tia solteirona ligeiramente confusa, preocupada que as ervilhas ficassem moles e os pãezinhos queimassem, um confortável futuro tio, uma sobrinha adolescente de cabelo dourado e sua irmãzinha de cabelos claríssimos. Um garoto comum de olhos azuis, uma amiga com vivacidade, um lindo vampiro passando as batatas-doce. Uma típica família americana. Bonnie passou a primeira metade da refeição telegrafando mensagens do tipo "O que eu faço?" para Elena com seus olhos. Mas quando tudo que Elena telegrafava de volta era

—Nada,‖ ela aparentemente decidiu abandonar-se ao seu destino. Ela começou a comer. Elena não tinha idéia do que fazer. Ficar presa desse jeito era um insulto, uma humilhação, e Damon sabia disso. Ele tinha encantado tia Judith e Robert, contudo, com elogios sobre a refeição e uma conversa leve sobre William and Mary. Até mesmo Margaret estava sorrindo para ele agora, e logo Bonnie entraria nessa.

—Fell‘s Church estará tendo a celebração do Dia do Fundador semana que vem,‖

tia Judith informou Damon, suas magras bochechas levemente rosas.

—Seria tão bom se você pudesse voltar para isso.‖

—Eu gostaria,‖ disse Damon afavelmente.

Tia Judith pareceu satisfeita. —E esse ano Elena fará uma grande participação nele. Ela foi escolhida para representar o Espírito de Fell‘s Church."

—Você deve estar orgulhosa dela,‖ disse Damon.

—Ah, estamos,‖ tia Judith disse. —Então você tentará vir?‖

Elena interrompeu, passando manteiga em um paõzinho furiosamente. —Eu escutei novidades sobre Vickie,‖ ela disse. —Você se lembra, a garota que foi atacada.‖ Ela olhou apontando para Damon.

Houve um curto silêncio. Então Damon disse, —Receio que não a conheço.‖

—Ah, tenho certeza que conhece. Mais ou menos a minha altura, olhos castanhos, cabelo castanho claro... de qualquer jeito, ela está piorando.‖

—Ah, céus,‖ disse tia Judith.

—Sim, aparentemente os médicos não conseguem entender. Ela simplesmente fica pior e pior, como se o ataque ainda estivesse acontecendo.‖ Elena manteve seus olhos no rosto de Damon enquanto falava, mas ele mostrou apenas um interesse cortês. —Coma mais recheio,‖ ela terminou, empurrando uma tigela para ele.

—Não, obrigado. Eu quero mais disso, contudo.‖ Ele levantou uma colher cheia de molho de oxicoco gelatinoso até uma das velas para que a luz brilhasse por ela. —É uma cor tão tentadora.‖

Bonnie, como o resto das pessoas a mesa, olhou para a vela quando ele fez isso. Mas Elena notou que ela não olhou para baixo novamente. Ela continuou olhando para as chamas dançantes, e lentamente qualquer expressão desapareceu de seu rosto. Ah, não, pensou Elena, um latejar de preocupação arrepiando seus membros. Ela tinha visto aquele olhar antes. Ela tentou conseguir a atenção de Bonnie, mas a outra garota parecia não ver nada além da vela.

—... e então as crianças do ensino básico fazem uma cerimônia sobre a história da cidade,‖

tia Judith estava dizendo para Damon. —Mas a cerimônia de encerramento é feita por estudantes mais velhos. Elena, quantos veteranos vão fazer a leitura esse ano?‖

—Só três.‖ Elena teve que se virar para se dirigir a sua tia, e foi enquanto ela estava olhando para o rosto sorridente da tia Judith que ela ouviu a voz.

—Morte.‖

Tia Judith arfou. Robert parou com seu garfo a meia caminho de sua boca. Elena desejou, selvagem e absolutamente sem esperança, por Meredith.

—Morte,‖ disse a voz novamente. —A morte está nessa casa.‖

Elena olhou ao redor da mesa e viu que não havia ninguém para ajudá-la. Todos estavam encarando Bonnie, imóveis como as pessoas em uma fotografia. A própria Bonnie estava encarando a chama da vela. Seu rosto estava vazio, seus olhos arregalados, como eles tinham sido antes quando essa voz falava por ela. Agora, esses olhos incapazes de ver se viraram na direção de Elena. —A sua morta,‖ a voz disse. —Sua morte está esperando, Elena. É–‖

Bonnie pareceu engasgar. Depois ela inclinou-se para frente e quase pousou em seu prato. Houve uma paralisia instantânea, e então todos se moveram. Robert levantou-se e puxou Bonnie pelos ombros, levantando-a. A pele de Bonnie tinha ficado branca-azulada, seus olhos estavam fechados. Tia Judith agitou-se ao redor dela, dando tapinhas em seu rosto com um guardanapo úmido. Damon observou com olhos pensativos e estreitos.

—Ela está bem,‖ Robert disse, olhando para cima com alívio óbvio. —Eu acho que ela simplesmente desmaiou. Deve ter sido algum tipo de ataque histérico.‖ Mas Elena não respirou novamente até Bonnie abrir olhos grogues e perguntar o que todos estavam encarando.

Colocou um fim efetivo no jantar. Robert insistiu que Bonnie fosse levada de volta para casa direto, e na atividade que se seguiu Elena encontrou tempo para sussurrar palavras para Damon.

—Caia fora!‖

Ele ergueu suas sobrancelhas. —O quê?‖

—Eu disse, caia fora! Agora! Vá. Ou eu contarei a eles que você é o assassino.‖

Ele pareceu acusativo. —Você não acha que um convidado merece um pouco mais de consideração?‖ ele disse, mas com a expressão dela ele deu de ombros e sorriu.

—Obrigado por me convidar para jantar,‖ ele disse em voz alta para tia Judith, que estava andando por ele carregando um cobertor para o carro.

—Espero que posso retribuir o favor algum dia.‖

Para Elena ele acrescentou, —Te vejo.‖

Bem, isso foi esperto o bastante, Elena pensou, enquanto Robert dirigia com um Matt lúgubre e uma Bonnie sonolenta. Tia Judith estava no telefone com a Sra. McCullough.

—Eu não sei o que essas garotas tem, tampouco,‖ ela disse. —Primeiro Vickie, agora Bonnie... e Elena não tem sido ela mesma ultimamente…‖

Enquanto tia Judith falava e Margaret procurava pela sumida Bola de Neve, Elena marchava.

Ela iria ter que ligar para Stefan. Era tudo que se tinha a fazer. Ela não estava preocupada com Bonnie; nas outras vezes que isso tinha acontecido não pareceu ter feito um dano permanente. E Damon tinha coisas melhores a fazer do que assediar os amigos de Elena hoje a noite.

Ele estava vindo aqui, para coletar o —favor‖ que ele tinha feito a ela. Ela sabia sem dúvida que era esse o significado de suas palavras finais. E isso significava que ela teria que contar a Stefan tudo, porque ela precisava dele hoje a noite, precisava de sua proteção. Só que, o que Stefan podia fazer? Apesar de todos seus pedidos e discussões da semana passada, ele tinha se recusado a tomar o sangue dela. Ele insistia que seus Poderes voltariam sem ele, mas Elena sabia que ele ainda estava vulnerável agora. Mesmo se Stefan estivesse aqui, ele conseguiria parar Damon? Conseguiria ele fazer isso sem ele mesmo ser morto?

A casa de Bonnie não era um refúgio. E Meredith tinha ido embora. Não havia ninguém para ajudá-la, ninguém em quem pudesse confiar. Mas o pensamento de esperar aqui sozinha hoje a noite, sabendo que Damon estava vindo, era insuportável. Ela ouviu tia Judith desligar o telefone. Automaticamente, ela se moveu na direção da cozinha, o número de Stefan correndo em sua mente. Então ela parou, e lentamente virouse para olhar para a sala de estar que ela tinha acabado de deixar. Ela olhou para do chão para as janelas do teto e para a lareira elaborada com suas lindas curvas moldadas. Essa sala era parte da casa original, aquela que fora quase queimada completamente na Guerra da Secessão. Seu próprio quarto era bem acima. Uma luz notável estava começando a surgir. Elena olhou para a moldura ao redor do teto, onde ela se juntava a sala de jantar mais moderna. Então ela quase correu em direção a escada, seu coração batendo rápido.

—Tia Judith?‖ Sua tia parou na escada. —Tia Judith, me diga uma coisa. Damon entrou na sala de estar?‖

—O quê!‖ Tia Judith pestanejou para ela com distração.

—Robert levou Damon na sala de estar? Por favor pense, tia Judith! Eu preciso saber.‖

—Ora, não, eu acho que não. Não, ele não levou. Eles entraram e foram diretamente para a sala de jantar. Elena, o que diabos?...‖ Essa última foi quando Elena jogou seus braços impulsivamente ao redor dela e a abraçou.

—Desculpa, tia Judith. Eu simplesmente estou feliz,‖ disse Elena. Sorrindo, ela se virou para descer as escadas.

—Bem, eu estou feliz que *alguém* está feliz, depois de como o jantar saiu. Apesar de que aquele garoto bacana, Damon, pareceu ter se divertido. Sabe, Elena, ele pareceu bem impressionado com você, apesar do jeito como você estava agindo.‖

Elena virou-se. —Então?‖

—Bem, eu só achei que você poderia dar-lhe uma chance, só isso. Eu achei que ele era bem agradável. O tipo de jovem que eu gostaria de ver por aqui.‖

Elena revirou os olhos por um momento, então engoliu para impedir a risada

histérica de escapar.

Sua tia estava sugerindo que ela ficasse com Damon ao invés de Stefan... porque Damon era mais seguro. O tipo de jovem bacana que minha tia gostaria. —Tia Judith,‖ ela começou, arfando, mas então ela percebeu que era inútil. Ela balançou sua cabeça mudamente, jogando suas mãos para cima em defesa, e observou sua tia subir as escadas.

Geralmente Elena dormia com sua porta fechada. Mas hoje a noite ela a deixou aberta e deitou na cama olhando para o corredor escuro. De vez em quando ela olhava para os números luminosos do relógio na cabeceira ao lado dela.

Não havia perigo dela cair no sono. Enquanto os minutos engatinhavam, ela quase começou a desejar que conseguisse. O tempo movia-se com uma lentidão agonizante. Onze horas... onze e meia… meia noite. Uma da manhã. Uma e meia. Duas.

As 2:10 ela ouviu um som.

Ela escutou, ainda deitada em sua casa, o fraco sussurro de barulho escada abaixo. Ela sabia que ele iria encontrar um jeito de entrar se quisesse. Se Damon estivesse determinado, nenhuma tranca o manteria de fora.

Música do sonho que ela tivera naquela noite na casa da Bonnie tocou em sua mente, um punhado de notas plangentes e ressonantes. Acordou sentimentos estranhos nela. Ela própria quase em um atordoamente ou sonho, ela levantou-se e foi para o solado da porta. O corredor estava escuro, mas seus olhos tiveram um longo tempo para se ajustarem. Ela conseguia ver a silhueta escura subindo a escada. Quando alcançou o topo ela viu o reflexo rápido e mortal de seu sorriso.

Ela esperou, sem sorrir, até que ele a alcançasse e ficasse de frente para ela, com somente um metro de chão de madeira entre eles. A casa estava completamente silenciosa. Do outro lado do corredor Margaret dormia; no final da passagem, tia Judith deitava-se coberta por sonhos, alheia ao que estava acontecendo fora de sua porta.

Damon não disse nada, mas ele olhou para ela, seus olhos tomando a grande camisola branca com uma gola alta e de laço.

Elena tinha escolhido-a porque era a mais modesta que ela possuia, mas Damon

obviamente achou-a atraente. Ela se forçou a permanecer quieta, mas sua boca estava seca e seu coração estava golpeando vagarosamente.

Agora era hora. Em mais um minuto ela saberia.

Ela recuou, sem uma palavra ou gesto de convite, deixando a entrada vazia. Ela viu a chama rápida nos olhos abismáveis dele, e observou ele vir avidamente na direção dela.

E observou ele parar.

Ele ficou simplesmente fora do quarto dela, claramente desconcertado. Ele tentou novamente dar um passo para frente mas ele não conseguiu. Algo parecia estar impedindoo de se mover mais. Em seu rosto, surpresa cedeu lugar para perplexidade e então raiva. Ele olhou para cima, seus olhos varrendo a padieira, escaneando o teto dos dois lados do solado da porta. Então, quando a percepção total o acertou, seus lábios se separaram de seus dentes em um rosnado animal.

Salva dos dois lados da entrada, Elena riu suavemente. Tinha funcionado.

—Meu quarto e a sala de estar abaixo são tudo o que sobrou da casa antiga,‖ ela disse para ele. —E, é claro era uma residência diferença. Uma a qual você *não* está convidado, e nunca será.‖

Seu peito estava pesando com raiva, suas narinas dilatadas, seus olhos selvagens. Ondas de raiva negra emanavam dele. Ele olhou como se fosse rasgar as paredes com suas mãos, que estavam torcendo e apertando com fúria.

Triunfo e alívio fizeram Elena ficar volúvel. —É melhor você ir agora,‖ ela disse. —Não tem nada aqui para você.‖

Por mais um minuto aqueles olhos ameaçadores queimaram os dela, e então Damon virouse. Mas ele não foi para a escada. Ao invés, ele deu um passo para o outro lado do corredor e colocou sua mão na porta do quarto de Margaret.

Elena foi para frente antes de saber o que estava fazendo. Ela parou na entrada, segurando a armação ornamentada, sua própria respiração saindo dificilmente. A cabeça dele girou rapidamente e ele sorriu para ela, um sorriso lento e cruel. Ele girou a maçaneta ligeiramente sem olhar para ela. Seus olhos, como piscinas de ébano líquido, permaneceram em Elena.

—Sua escolha,‖ ele disse.

Elena ficou muito quieta, sentindo como se todo o inverno estivesse dentro dela. Margaret era apenas um bebê. Ele não podia estar falando sério; ninguém podia ser tão monstro para machucar uma criança de quatro anos.

Mas não havia pista de suavidez ou compaixão no rosto de Damon. Ele era um caçador, assassino, e os fracos eram sua caça. Ela lembrou-se do rosnado animal apavorante que havia transfigurado seus lindos traços, e ela sabia que ela nunca poderia deixar Margaret com ele.

Tudo parecia estar acontecendo em câmera lenta. Ela viu a mão de Damon na maçaneta; ela viu aqueles olhos sem misericórdia. Ela estava andando pela entrada, deixando para trás o único lugar seguro que ela conhecia.

A morte estava na casa, Bonnie tinha dito. E agora Elena tinha ido encontrar a Morte de livre e espontânea vontade. Ela curvou sua cabeça para esconder lágrimas impotentes que vieram aos seus olhos. Estava acabado. Damon tinha vencido.

Ela não olhou para cima para ver ele avançar nela. Mas ela sentiu o ar rodopiar ao redor dela, fazendo-a tremer. E então ela foi envolvida em uma escuridão suave e sem fim, que enrolou ao seu redor como as asas de um grande pássaro.

Capítulo Treze

Elena se remexeu e abriu as pesadas pálpebras. Via luz ao redor das bordas das cortinas. Era difícil se mexer, assim permaneceu ali deitada sobre a cama e tentou recompor o que havia acontecido na noite anterior.

Damon. Damon havia aparecido ali e tinha ameaçado Margareth. E portanto Elena foi a ele. Ele havia ganhado.

Mas, por que não havia terminado? Elena lançou uma mão lânguida para tocar o lado do seu pescoço, já sabendo o que iria encontrar. Sim, estava ali: duas pequenas punções ternas e sensíveis a pressão.

Apesar de tudo, ela continuava viva. Havia parado antes de levar a cabo sua promessa. Por que?

Suas recordações das ultimas horas eram confusas e apagadas. Unicamente alguns fragmentos pareciam claros. Os olhos de Damon sob ela, enchendo todo seu mundo. A aguda pontada em sua garganta. E então Damon abrindo sua camisa, o sangue de Damon brotando de um pequeno corte em seu pescoço.

Então lhe havia feito beber seu sangue. Se havia feito era mais correto porque ela não lembrava de ter resistido ou sentido alguma repugnância. Portanto, o havia desejado. Mas não estava morta, nem se quer seriamente debilitada. Não a havia transformado em vampira. E isso era o que ela não compreendia.

Ele carecia de moral e consciência, recordou. De modo que certamente não havia sido misericórdia que o havia parado. —Provavelmente só quer aumentar o jogo, ti fazer sofrer mais antes de ti matar. Ou ainda pior, quer que seja como Vickie, com um pé no mundo das sombras e outro no da luz. De forma a enlouquece-la pouco a pouco.‖

Uma coisa era certa: ela não se deixaria enganar pensando que era bondade sua. Damon não era capaz de demonstrar bondade. E nem de se preocupar com ninguém que não fosse ele mesmo.

Tirando os lençóis, se levantou da cama. Olhou tia Judith passando pelo corredor. Era segunda de manhã e tinha que se preparar para ir a escola.

Quarta, 27 de novembro

Querido diário

De nada serve fingir que não estou assustada, porque estou. Amanhã é o dia de Ação de Graças e dois dias depois o Dia do Fundador. E ainda não encontrei um modo de deter Caroline e Tyler.

Não sei o que fazer. Se não posso recuperar meu diário das mãos de Caroline, ela vai lê-lo na frente de todo mundo. Terá a oportunidade perfeita, é uma dos três alunos elegidos para ler poesia durante a cerimônia de clausura. Elegida pelo conselho escolar, do qual o pai de Tyler é um dos membros, podia adiciona-la. Me pergunto o que ele pensará quando isso terminar.

Mas, o que importa? A menos que me ocorra um plano, quando tudo isso terminar, para mim tudo já não terá importância. E Stefan terá ido, expulso da cidade pelos bons cidadãos de Fell's Church. Ou estará morto, se não recuperar

alguns dos seus Poderes. E

se ele morresse, eu também morreria. É simples assim.

O que significa que terei que armar um modo de conseguir o diário. Tenho que consegui- lo.

Mas não posso.

Eu sei que ele está esperando para que eu lhe diga. Há um modo de conseguir meu diário e o modo é Damon. Tudo que preciso é aceitar seu preço.

Mas você não pode entender o quanto isso me assusta. Não só porque Damon me assusta mas sim porque tenho medo do que acontecerá se eu e ele estivermos juntos outra vez. Tenho medo do que aconteça a mim... a mim e a Stefan.

Não posso continuar falando disso. É muito perturbador. Me sinto tão confusa e perdida e só... Não há a quem eu possa recorrer ou alguém para falar. Ninguém que possa realmente compreender.

O que vou fazer?

Quinta, 28 de novembro, 11:30 da noite

Querido diário

As coisas parecem mais claras hoje, talvez porque eu tenha chegado a uma decisão. É uma decisão que me horroriza, mas é melhor do que a única alternativa que me ocorre. Vou contar tudo a Stefan.

É a única coisa que posso fazer agora. O Dia do Fundador é no sábado e não me ocorre nenhum outro plano. Mas talvez Stefan possa faze-lo, se compreender o quão desesperada é esta situação. Vou passar o dia na pousada amanhã e quando eu chegar vou contar tudo que deveria ter-lhe contado desde o inicio.

Tudo. Sobre Damon também.

Não sei o que dirá. Continuo recordando seu rosto em meus sonhos. O modo como me olhava, com tal amargura e repulsa. Não como se me amasse. Se me olhar assim amanhã... Ah, estou assustada. Meu estômago está revirando.

Apenas pude provar a cena de Ação de Graças... e não posso ficar quieta. Sinto como se fosse me despedaçar em milhares de pedaços. Dormir esta noite? HA.

Por favor, faça que Stefan compreenda. Por favor, faça com que ele me perdoe. O mais engraçado é que eu queria me transformar em uma pessoa melhor por ele. Queria ser digna de seu amor. E agora, quando ele descobrir como eu estava mentindo, o que pensará de mim? Acreditará quando eu disser que só tentava protege-lo? Voltará a confiar em mim alguma vez?

Amanhã saberei. Deus, tomara que tudo termine logo. Não sei como viverei até então. Elena escapou de casa sem dizer para tia Judith aonde ia. Estava cansada de mentiras, mas não queria enfrentar a bagunça que inevitavelmente que provocaria se dissesse que ia a casa de Stefan. Desde que Damon tinha ido jantar, tia Judith tinha estado falando nele, lançando sutis indiretas em todas as conversas. E Robert era quase igual a ela. Elena as vezes pensava que ele incitava sua tia.

Pressionou com força a campainha da pousada. Onde estava a Sra. Flowers esses dias?

Quando a porta finalmente se abriu, Stefan estava do outro lado. Estava vestido para sair, com a gola da jaqueta levantado.

-Pensei que podíamos dar um passeio – disse ele.

-Não.

Elena se mostrou firme. Não foi capaz de lhe mostrar um sorriso real, de modo que deixou de tentar. Lhe disse:

-Vamos para cima, Stefan, por favor? Há algo que temos que conversar. A olhou com surpresa e algo devia está aparecendo em seu rosto, pois sua expressão se aquietou e ficou sombria gradualmente. Aspirou profundamente e assentiu. Sem uma palavra, virou e foi para seu quarto.

Os baús e as cômodas e estantes fazia tempo que havia sido colocadas em seus respectivos lugares. Mas Elena sentiu como se se desse conta disso pela primeira vez. Por algum motivo, pensou na primeira noite que havia estado ali, quando Stefan a salvou do repugnante abraço de Tyler. Seus olhos recorreram os objetos da penteadeira: os florines de ouro do século XV, a adaga de cabo de marfim, o

pequeno cofre de ferro com a tampa de dobradiça. Ela havia tentado abri-lo na primeira noite e ele o havia fechado em um golpe. Deu a volta, Stefan estava de pé junto a janela, recortado contra o retângulo de céu cinza e deprimente. Cada dia daquela semana havia sido nublado e com neblina e este não era uma exceção. A expressão de Stefan reproduzia o tempo que fazia do lado de fora.

-Bem – disse ele com a voz pausada -, do que temos que falar. Houve um ultimo momento para escolher e então Elena tomou uma decisão. Esticou uma mão até o pequeno cofre de ferro e o abriu.

No interior, um objeto de seda cor de abricó com uma luz apagada. Sua fita de cabelo. Lhe trouxe a memória o verão, os dias de verão que pareciam impossivelmente longes naquele momento. A levantou e a ofereceu a Stefan.

-Sobre isto – disse.

Ele havia dado um passo a frente quando ela tocou o cofre, mas agora pareceu perplexo e surpreso.

-Sobre isso?

-Sim, porque eu sabia que estava aí, Stefan. Descobri há muito tempo, um dia em que você

deixou o quarto por poucos minutos. Não sei por que tinha que saber o que tinha dentro, mas não pude evitar. Assim que encontrei a fita. E então... – se deteve e tomou fôlego –

Então escrevi sobre isso no meu diário.

Stefan parecia cada vez mais perplexo, como se aquilo não fosse o que estava esperando. Elena procurou desesperadamente as palavras corretas.

-Escrevi porque pensei que era uma prova de que eu era importante para você desde sempre, o suficiente para pega-la e guarda-la. Jamais pensei que podia ser prova de nada mais.

Então de improviso começou a falar com toda a pressa. Contou como havia levado seu diário para a casa de Bonnie, como o haviam roubado.Falou sobre as notas que recebia, sobre como havia compreendido que Caroline que as enviava.

E logo, se afastando, passando a fita entre os dedos nervosos uma e outra vez, falou do plano de Caroline e Tyler.

Sua voz quase sumiu no final.

-Tenho estado tão assustada desde então... – murmurou, com os olhos na fita – Assustada de que se enoje de mim. Assustada pelo que vão fazer. Simplesmente assustada. Tentei recuperar o diário, Stefan, inclusive fui a casa de Caroline. Mas ela o tem muito bem escondido. E pensei e pensei, e não me ocorre nenhum modo de impedir que ela o leia. –

Por fim, levantou os olhos para olha-lo. – Sinto muito.

-Tem motivos para sentir! – disse ele sobresaltando-a com sua veemência. Elena sentiu que seu rosto se empalideceu. Mas Stefan continuava falando.

-Devia sentir por ter me escondido algo assim quando eu podia ter ajudado, Elena. Por que simplesmente não me contou?

-Porque é tudo culpa minha. E tive um sonho... – tentou descrever o aspecto dele nos sonhos, a amargura, a acusação em seus olhos – Eu acho que morreria se realmente me olhasse daquele jeito – concluiu com abatimento.

Mas a expressão de Stefan ao olha-la naquele momento era uma combinação de alivio e assombro.

-Então é isso – disse, quase em um sussurro para si mesmo. – Isso é o que tem inquietado você.

Elena abriu a boca mas não falou.

-Sabia que algo não ia bem, sabia que me escondia algo. Mas pensei... – sacudiu a cabeça e um sorriso tendencioso assomou em seus lábios. – Não importa agora. Não queria invadir sua intimidade. Nem sequer queria perguntar. E todo esse tempo estava preocupada em me proteger.

A língua de Elena estava pregada no céu da boca. As palavras também pareciam atoladas.

—Há mais‖, pensou, mas não podia dizer, não quando os olhos de Stefan tinham

aquela olhada, não quando todo seu rosto estava iluminado.

-Quando disse que tínhamos que falar hoje, pensei que havia mudado de idéia sobre mim –

disse com simplicidade, sem auto compaixão. – E não a teria culpado. Mas, na verdade... –

voltou a sacudir a cabeça – Elena – disse, e então ela estava em seus braços. Era tão prazeroso estar ali, tão como devia ser... Nem se quer se deu conta de quão mal que haviam estado as coisas entre eles até aquele momento, em que tudo que estava mal havia desaparecido. Isso era o que ela recordava, o que havia sentido na primeira noite gloriosa quando Stefan a havia abraçado. Toda a doçura e ternura do mundo surgindo entre eles. Estava em casa, no lugar em que pertencia. No lugar em que sempre pertenceu. Todo o resto estava esquecido.

Como havia acontecido no principio, Elena sentiu como se quase pudesse ler os pensamentos de Stefan. Estavam conectados, era um parte do outro. Seus corações batiam no mesmo ritmo.

Só precisava de uma coisa para ser completo. Elena sabia, e colocou os cabelos para trás, esticando as mãos para trás para afasta-los do pescoço. E dessa vez Stefan não protestou e nem impediu. No lugar da rejeição irradiava uma profunda aceitação... e uma intensa necessidade.

Sentimentos de amor e deleite, de reconhecimento, a invadiram e com um jubilo incrédulo notou que os sentimentos provinham dele. Por um momento se viu através de seus olhos e percebeu o quanto ela importava a ele. Podia ter sido aterrador ela não ter sentido um sentimento igual e profundo se desenvolvendo nele.

Não sentiu dor quando os dentes perfuraram seu pescoço. E nem sequer lhe ocorreu que o havia oferecido sem pensar o lado sem marcas... apesar de que as feridas que Damon havia deixado já haviam curado.

Se apertou contra ele quando tentou alçar a cabeça. Mas Stefan se mostrou inflexível e finalmente ela teve que deixa-lo ir. Ainda a abraçando, ele tateou em cima da penteadeira em busca da afinada adaga de cabo de marfim e com um rápido movimento deixou fluir seu próprio sangue.

Quando os joelhos de Elena começaram a dobrar, ele a sentou na cama. E então se limitaram a permanecer abraçados, sem ter consciência da hora ou de qualquer outra coisa. Elena sentia que só Stefan e ela importavam.

-Eu amo você – disse ele em voz baixa.

No inicio, Elena, em sua agradável nebulosa, simplesmente aceitou as palavras. Logo, com um calafrio de doçura, reparou em que ele havia dito.

A amava. Sabia disso desde sempre, mas ele jamais havia dito antes.

-Eu amo você, Stefan – murmurou de volta.

Se surpreendeu quando ele se removeu e se afastou ligeiramente, até que viu o que fazia. Introduzindo a mão no interior do suéter, Stefan tirou o cordão que levava no pescoço desde que ela o conhecia. No cordão havia um anel de ouro, lindamente forjado e com um lápis-lázuli pendurado.

O anel de Katherine. Enquanto Elena observava, ele puxou o cordão e o abriu, retirando o delicado aro de ouro.

-Quando Katherine morreu – disse -, pensei que jamais pudesse amar mais alguém. Ainda sabendo que ela queria que eu amasse, estava certo que isso jamais aconteceria. Mas me equivoquei.

Vacilou um momento e logo seguiu:

-Conservei o anel porque era um símbolo dela. Para poder tê-la sempre em meu coração. Mas agora eu quero que seja um símbolo de algo mais. – De novo vacilou, parecendo quase temeroso de encontrar os olhos de Elena. – Considerando o modo em que estão as coisas, não tenho nenhum direito de lhe pedir isso. Mas, Elena...

Lutou durante uns poucos minutos e logo se deu por vencido, seus olhos travando-se com os dela silenciosamente.

Elena foi incapaz de falar. Não podia respirar. Mas Stefan mal interpretou o silêncio. A esperança em seus olhos morreu e abaixou a cabeça.

-Tem razão – disse. – É impossível. Simplesmente, existem muitas

dificuldades... devido a mim. Pelo que sou. Ninguém como você deveria estar atada a alguém como eu. Nem sequer deveria ter sugerido...

-Stefan! – disse Elena. – Stefan, quer se calar por um momento...

-...esqueça o que eu disse...

-Stefan! – disse ela. – Stefan, olhe para mim.

Lentamente, ele obedeceu, levantando a cabeça. A olhou nos olhos e a amarga auto-censura se desvaneceu em seu rosto para ser envolvia em uma expressão que a fez ficar sem alento. Então, ainda muito devagar, pegou a mão que ela o tendia. Pausadamente, enquanto ambos observavam, deslizou o anel em seu dedo.

Encaixou como se tivesse sido feito para ela. O ouro cintilou suntuosamente na luz e o lápis-lázuli brilhou com um azul vibrante como um lago transparente rodeado de neve virgem.

-Teremos que guardar segredo por um tempo – disse ela escutando o tremor da sua voz. –

Tia Judith terá um ataque se souber que me comprometi antes de me graduar. Mas completarei dezoito anos no próximo verão e então não poderá nos deter.

-Elena, está certa de que é isso que você quer? Não será fácil viver comigo. Sempre serei diferente de você não importa o quanto eu tente. Se quiser mudar de idéia...

-Enquanto me ame, jamais mudarei de idéia.

Voltou a toma-la em seus braços e a paz e a satisfação a envolveram. Mas ainda existia um temor que corroia os limites de sua consciência.

-Stefan, sobre amanhã..., se Caroline e Tyler levarem a cabo seus planos, não importará.

-Então simplesmente teremos que nos assegurar de que não possam faze-lo. Se Bonnie e Meredith quiserem me ajudar, eu acho que posso armar um modo de obter o diário de Coraline. Mas mesmo que não possa, não vou fugir. Não vou

deixa-la, Elena, vou ficar e lutar.

-Mas machucarão você. Stefan, Não posso suportar isso.

-E eu não posso deixar você. Está decidido. Deixe que eu me preocupo com o resto, encontrarei um modo. E se não fizer..., bom, aconteça o que acontecer, ficarei do seu lado. Estaremos juntos.

-Estaremos juntos – repetiu Elena e apoiou a cabeça em seu ombro, feliz de deixar de pensar por um momento e simplesmente ser.

Sexta, 29 de novembro

Querido diário

É tarde, mas não conseguia dormir. Não pareço precisar de dormir tanto como acostumava.

Bom, amanhã é o dia.

Falamos com Bonnie e Meredith esta noite. O plano de Stefan é o mais simples. A questão é que não importa onde Caroline tenha escondido o diário, tem que tira-lo amanhã para leva-lo com ela: nossas leituras são as ultimas coisas da agenda e ela tem que estar no desfile e resto dos atos que acontecem antes, portanto terá que esconder o diário em alguma parte durante esse tempo. De modo que se vigiarmos desde o momento em que saia de casa até que suba no cenário, temos que ver aonde ela o põe. E posto que nem sequer sabe que suspeitamos, não estará de guarda.

Então é quando pegaremos.

O motivo pelo qual o plano funcionará é que todo mundo no programa irá vestido de época. A Sra. Grimesby,a bibliotecária, nos ajudará a colocar as roupas do século XIX

antes do desfile, e não podemos levar nada que não seja parte do traje. Nem bolsas, nem mochilas. Nem diários! Caroline terá que deixa-lo em alguma parte em algum momento. Vamos nos revezar para vigia-la. Bonnie a esperará fora de sua casa e verá o que Caroline leva quando sair. Eu a vigiarei quando for se vestir na casa da Sra. Grimesby. Então enquanto está no desfile, Stefan e

Meredith na casa ou no carro dos Forbes, se for lá onde está... farão sua parte.

Não vejo como posso falhar. E não posso dizer o quão melhor me sinto. É tão agradável poder compartilhar esse problema com Stefan... Aprendi minha lição: nunca mais voltarei a esconder coisas dele.

Usarei meu anel amanhã. Se a Sra. Grimesby perguntar sobre ele, lhe direi que é mais antigo que o século XIX, que é do Renascimento italiano. Gostarei de ver sua cara quando eu lhe disser isso.

Será melhor que eu tente dormir um pouco. Espero que não sonhe.

Capítulo Quatorze

Bonnie tremeu enquanto aguardava na frente da alta casa vitoriana. O ar estava gelado essa manhã e ainda que fosse quase oito da manhã, o sol ainda não saíra. O céu era uma espessa massa de nuvens cinzas e brancas que criavam uma penumbra fantasmal abaixo delas. Havia começado a dar pisadas no chão e a friccionar as mãos quando a porta dos Forbes se abriu. Bonnie retrocedeu um pouco para atrás dos arbustos que constituíam seu esconderijo e observou como a família ia até o carro. O Sr. Forbes não levava mais do que uma câmera, a Sra. Forbes tinha uma bolsa e uma cadeira montável, Daniel Forbes, o irmão pequeno de Caroline carregava outra cadeira. E Caroline...

Bonnie se inclinou para frente, sua respiração acelerando em satisfação. Caroline estava vestida com um jeans e um suéter pesado e levava uma espécie de bolsa branca fechado com um cordão. Não era muito grande, mas era o bastante para conter um pequeno diário. Reconfortada com o triunfo, Bonnie aguardou atrás do matagal até que o carro se afastasse. Logo depois foi até a esquina da rua Thrush com Hawthorne Drive.

-Ali está, tia Judith. Na esquina.

O carro diminuiu até parar e Bonnie deslizou no assento junto a Elena.

-Ela leva uma bolsa branca fechada com um cordão – murmurou no ouvido de Elena enquanto tia Judith voltava a arrancar.

Um formigamento de entusiasmo percorreu Elena, que apertou a mão da amiga.

-Estupendo – suspirou. – Agora vemos se ela o leva para a casa da Sra. Grimesby. Se não, dizemos a Meredith que está no carro.

Bonnie assentiu e apertou a mão de Elena.

Chegaram a casa da Sra. Grimesby a tempo de ver Caroline entrar com a bolsa branca pendurada no braço. Bonnie e Elena se olharam. Agora era Elena que tinha que ver onde Caroline a deixava no interior da casa.

-Ficarei aqui também, Srta. Gilbert – disse Bonnie enquanto Elena saltava do carro. Ela aguardaria no exterior com Meredith até que Elena pudesse dizer onde estava a bolsa. O

importante era não deixar que Caroline suspeitasse de nada diferente. A Sra. Grimesby que foi quem abriu a porta para Elena, era a bibliotecária de Fell‘s Church e sua casa quase parecia uma biblioteca. Havia livros por todas as partes e livros amontoados no chão. Também era a guardiã dos artefatos históricos de Fell‘s Church, incluindo roupas que estavam conservadas desde os primeiros tempos da cidade. Naquele momento na casa, ressoavam vozes juvenis e os quartos estavam cheios de estudantes em diversas fases de nudez. A Sra. Grimesby sempre supervisionava as roupas do espetáculo histórico. Elena estava a ponto de pedir que a colocassem no mesmo quarto que Caroline, mas não foi necessário. A Sra. Grimesby a fez entrar. Caroline que estava com as roupas intimas da ultima moda, dedicou a Elena o que sem duvida devia ser um olhar indiferente, mas Elena detectou o malicioso deleite oculto nela e manteve os olhos nos montes de peças de roupas que a Sra. Grimesby estava recolhendo da cama.

-Aqui está, Elena. Uma das nossas peças mais primorosamente conservadas... e toda ela é

autentica, inclusive as faixas. Acreditamos que este vestido pertenceu a Honoria Fell.

-É bonito – disse Elena enquanto a Sra. Grimesby sacudia as pregas do fino material branco. – De que é feito?

-Muselina de Moravia e gaze de seda. Posto que hoje faz bastante frio, pode levar esta jaqueta de veludo por cima.

A bibliotecária indicou uma peça de roupa cor de rosa cinzento que descansava no respaldo de uma cadeira.

Elena dirigiu uma olhada secreta a Caroline enquanto começava a se trocar. Sim, ali estava a bolsa, aos pés de Caroline. Considerou a idéia de balançar-se sobre ele, mas a Sra. Grimesby ainda estava no quarto.

O vestido de musselina era muito simples e o material vaporoso estava com o cinto muito alto, abaixo os seios com uma fita rosa pálida. As mangas ligeiramente fofas terminavam atadas em uma fita de mesma cor. A moda havia sido bastante folgada no principio do século XIX e ficavam bem em uma garota do século XX, ao menos se essa fosse magra. Elena sorriu quando a Sra. Grimesby as conduziu a um espelho.

-Realmente pertenceu a Honoria Fell? – perguntou pensando na imagem de mármore daquela dama que jazia em sua tumba da igreja em ruínas.

-Essa é a historia, pelo menos – disse a Sra. Grimesby. – Menciona um vestido assim em seu diário, de modo que estamos bastante certos.

-Escrevia um diário – sobresaltou-se Elena.

-Ah sim. O tenho na vitrine da sala de estar, o mostrarei quando sairmos. Agora, a jaqueta... Ora, o que é isto?

Algo violeta caiu no chão quando Elena levantou a jaqueta.

A garota sentiu como sua expressão se congelava. Pegou a nota antes que a Sra. Grimesby pudesse inclinar-se até ela e o tirou em uma olhada.

Uma linha. Recordou tê-la escrito em seu diário no dia 4 de setembro, o primeiro dia de aula. Só que após tê-la escrito a havia riscado. Aquelas palavras não estavam riscadas agora, estavam bem traçadas e claras.

—Algo horrível irá acontecer hoje‖.

Elena apenas pode se conter para não ir para cima de Caroline e passar a nota em seu rosto. Mas isso estragaria tudo. Se obrigou a permanecer tranqüila enquanto amassava a pequena tira de papel e a jogava na lixeira.

-Não é mais do que lixo – disse e se virou novamente para a mulher, com os ombros muito tensos.

Caroline não disse nada, mas Elena sentiu aqueles olhos verdes triunfarem sobre a sua pessoa.

—Espera e verá – pensou. – Espera até que eu consiga recuperar esse diário. O queimarei e logo eu e você teremos uma conversa‖.

A Sra. Grimesby ela disse:

-Estou pronta.

-Eu também – disse Caroline em um tom de voz recatado.

Elena adotou um olhar frio e indiferente enquanto contemplava o vestido da outra garota. O

traje verde pálido de Caroline com largas fitas verdes e brancas não era tão bonito quanto o seu.

-Maravilhoso. Vocês, garotas, vão na frente e aguardem seus veículos. Ah, Caroline, não esqueça sua reticula (espécie de bolsa reticulada).

-Não esquecerei – respondeu, sorrindo e esticou o braço para pegar a bolsa aos seus pés fechada com um cordão.

Foi uma sorte que naquela posição na pudesse ver o rosto de Elena, porque naquele instante sua indiferença se fez por completo. Elena ficou olhando-a atônita, enquanto Caroline começava a atar a bolsa em sua cintura.

Seu assombro não passou despercebido pela Sra. Griemsby.

-Isso é um reticulo, o antepassado da nossa moderna bolsa feminina – explicou com amabilidade a mulher. – As senhoras guardavam suas luvas e leques neles. Caroline passou por aqui e o levou no inicio da semana para reparar uns bordados que faltavam miçangas... que foi muita consideração de sua parte.

-Estou certa disso – conseguiu dizer Elena com a voz afogada. Tinha que sair dali ou algo horrível aconteceria naquele mesmo momento. Ia gritar ou atirar

Caroline no chão ou explodir.

-Preciso de um pouco de ar fresco – disse.

Saiu disparada do quarto e da casa, irrompendo na rua.

Bonnie e Meredith aguardavam no carro de Meredith. O coração de Elena martelava de um modo estranho enquanto andava até ele e se inclinava sobre a janela.

-Foi mais rápida que nós – disse me voz baixa. – Essa bolsa é parte do seu traje e vai levalo com ela o dia todo. Bonnie e Meredith arregalaram os olhos primeiro para olha-la e logo para olhar uma a outra.

-Mas... então, o que vamos fazer? – perguntou Bonnie.

-Não sei – com angustiada consternação, Elena foi plenamente consciente do fim. – Não sei!

-Ainda podemos vigia-la. Além do mais ela tirará a bolsa quando for almoçar ou algo... Mas a voz de Meredith soou oca. Todas sabiam a verdade, se disse Elena, e a verdade era que não havia esperança. Tinham perdido.

Bonnie deu uma olhada no retrovisor e logo se retorceu em seu assento.

-É a sua carruagem.

Elena olhou. Dois cavalos brancos vinham pela rua puxando uma carruagem elegantemente renovada. As rodas da carruagem levavam grinaldas de papel crepom entrelaçadas nelas, os assentos estavam decorados com samambaias e uma grande faixa na lateral proclamava: O

Espírito de Fell‘s Church.

Elena só teve tempo de uma mensagem desesperada.

-Vigie ela – disse. – E se em algum momento tiver um instante em que estiver só... Então teve que ir.

Mas durante aquela larga e terrível manhã não houve nunca um momento em

que Caroline estivesse só. Esteve rodeada por uma multidão de espectadores. Para Elena, o desfile foi uma total tortura. Permaneceu sentada na carruagem junto ao prefeito e sua esposa, tentando sorrir, tentando parecer normal. Mas o angustioso temor era como um peso esmagador em seu peito.

Em algum lugar na frente, entre as bandas, grupos uniformizados e conversíveis que desfilavam, estava Caroline. Elena havia se esquecido de averiguar em que carruagem ela estava. A carruagem da escola, talvez; uma grande maioria das crianças pequenas estariam nessa.

Não importava. Onde for que Caroline estivesse, estava a vista de meia cidade. O almoço que seguiu o desfile foi celebrado no refeitório da escola secundaria e Elena se viu presa em uma mesa com o prefeito Dawley e sua esposa. Caroline estava numa mesa próxima. Elena podia ver a brilhante parte posterior de sua cabeleira caju. E sentado ao seu lado, inclinado-se posessivamente sobre ela, estava Tyler Smallwood. Elena estava em uma posição perfeita para ver o pequeno drama que teve lugar mais ou menos a metade do almoço. Seu coração foi a boca quando viu Stefan que, com expressão indiferente, passava junto a mesa de Caroline.

Falou com Caroline. Elena observou, esquecendo inclusive de brincar com a comida intacta no prato. Mas o que veio fez sua alma cair em seus pés. Caroline balançou a cabeça, respondeu brevemente e logo regressou a sua comida. E Tyler se levantou pesadamente, o rosto avermelhado quando fez um gesto enraivecido. Não voltou a sentar-se até que Stefan se afastasse.

Stefan olhou em direção a Elena ao caminhar e em um momento seus olhos se encontraram em muda comunicação.

Não havia nada que ele pudesse fazer, então. Mesmo se seus Poderes tivessem voltado, Tyler o manteria longe de Caroline. O esmagador peso oprimiu os pulmões de Elena de tal modo que apenas pode respirar.

Depois disso, se limitou a permanecer sentada, presa do abatimento e do desespero até que alguém lhe deu um tapinha e lhe indicou que era hora de ir para os bastidores. Escutou quase com indiferença o discurso de boas vindas do prefeito Dawley, que falou sobre os —duros momentos‖ que Fell‘s Church havia enfrentado recentemente e sobre o espírito de comunidade que os sustentou nos últimos meses. Depois entregaram os prêmios, por erudição, proezas atléticas,

serviços a comunidade... Matt subiu para receber o de Atleta Masculino Excepcional do Ano e Elena viu que ele a olhava com curiosidade. Logo teve lugar a representação histórica. As crianças da escola elemental riram, deram tropeções e esqueceram suas falas enquanto representavam as cenas desde a fundação de Fell‘s Church até a Guerra de Secessão. Elena contemplou sem assimilar nada daquilo. Desde a noite anterior estava se sentindo ligeiramente enjoada e com tremores e naquele momento se sentia como se estivesse gripando. Sua mente que geralmente estava repleta de planos e cálculos, estava vazia. Não conseguia pensar. Quase nem se importava. A representação terminou com uma centelha de flashes e tumultuosos aplausos. Quando o ultimo soldado confederado abandonou o palco, o prefeito Dawley pediu silêncio.

-E agora – disse -, os alunos que fizeram a cerimônia de clausura. Por favor, mostre seu reconhecimento ao Espírito de Independência, ao Espírito de Fidelidade, ao Espírito de Fell‘s Church!

Os aplausos foram ainda mais estrondosos. Elena se colocou de pé junto a John Clifford, o inteligente aluno do ultimo ano que havia sido elegido para representar o Espírito de Independência. Ao lado de John estava Caroline. De um jeito distante, quase apático, Elena notou que Caroline parecia esplendida: a cabeça inclinada para trás, os olhos chamativos, as bochechas rosadas.

John avançou primeiro, ajustando os óculos e o microfone antes de ler o grosso livro marrom situado sobre o átrio. Oficialmente, os alunos do ultimo ano eram livres para escolher suas próprias seleções. Na pratica, quase sempre liam algo das obras de M.C. Marsh, o único poeta que Fell‘s Church produziu.

Durante toda a leitura de John, Caroline tratou de olha-lo. Sorriu, sacudiu os cabelos, suspendeu o reticulo que carregava na cintura. Seus dedos acariciaram amorosamente a bolsa e Elena se encontrou olhando fixamente, hipnotizada, memorizando cada miçanga. John fez uma reverência e voltou a seu posto ao lado de Elena. Caroline ergueu os ombros e avançou como uma modelo até o átrio.

Nesse momento os aplausos se misturam com assovios. Mas Caroline não sorriu; havia adotado um ar de trágica responsabilidade. Com o delicioso sentido do momento aguardou até que a sala ficasse em perfeito silêncio para falar.

-Minha intenção era ler um poema de M.C.Marsh hoje – disse perante o atento

silêncio -, mas não vou ler. Por que ler isso – levantou o volume de poesia do século XIX – quando há

algo muito mais... relevante... em um livro que tive a casualidade de encontrar?

—Que deu a casualidade de roubar, quer dizer‖, pensou Elena. Seus olhos buscaram entre os rostos da multidão e localizou Stefan. Estava de pé no fundo, com Bonnie e Meredith postadas uma a cada lado como se o protegessem. Então Elena reparou em algo mais. Tyler, junto a Dick e varios outros garotos, estavam de pé poucos metros mais atrás. Os garotos eram de mais idade que os secundaristas e pareciam rudes e eram cinco.

—Viu‖, pensou Elena, voltando a encontrar os olhos de Stefan. Desejou que compreendesse o que dizia. —Viu, Stefan; por favor, vá embora antes de que aconteça. Vá agora!‖

De um modo muito leve, quase imperceptível, Stefan negou com a cabeça. Os dedos de Caroline submergiram na bolsa como se não pudesse mais esperar.

-O que vou ler é sobre Fell‘s Church de hoje, não há cem ou duzentos anos – dizia, consumindo-se em uma espécie de exultação febril. - É importante agora, porque trata de alguém que vive na cidade conosco. Na verdade, ele está aqui, nesse local. Tyler devia ter escrito o discurso, decidiu Elena. O mês anterior, no ginásio, havia mostrado um dom único para esse tipo de coisa. —Ah Stefan, ah Stefan, estou assustada...‖ seus pensamentos se transformaram em incoerências quando Caroline afundou a mão na bolsa.

-Eu acho que irão compreender a que me refiro quando escutem – disse e com um rápido gesto extraiu um livro coberto de veludo e o levantou teatralmente. – Acredito que explicará muito do que tem acontecido em Fell‘s Church recentemente. Respirando rápida e superficialmente passou os olhos do auditório ao livro. Elena quase desmaiou quando Caroline tirou o diário. Brilhantes centelhas percorreram nas bordas de sua visão e o enjôo rugiu, pronto para arrebatar Elena, e então ela notou algo. Deviam ser seus olhos. As luzes do cenário e os flashes sem duvida a haviam deslumbrado. Ela se sentia a ponto de desmaiar; não se surpreendia em absoluto que não pudesse ver a claridade.

O livro que Caroline tinha nas mãos parecia verde e não azul.

—Devo está ficando louca... ou isto é um sonho... ou talvez um truque de luzes.

Mas, olhe a cara de Caroline!‖

Caroline com a boca abrindo e fechando-se, contemplava fixamente o livro de veludo. Parecia ter esquecido completamente o público. Girou o diário uma e outra vez entre as mãos, olhando para todos os lados. Seus movimentos se tornarem frenéticos. Introduziu violentamente uma mão no reticulo como se de algum modo esperasse encontrar algo mais nele. Então passou uma olhada enlouquecida pelo cenário, como se o que buscasse pudesse ter caído no chão.

O público murmurava, se impacientava. O prefeito Dawley e o diretor da escola secundaria intercambiaram olhadas de desaprovação com os lábios apertados. Não encontrando nada no chão, Caroline voltou a olhar com firmeza o pequeno livro. Mas naquele momento o contemplava como se fosse um escorpião. Com um repentino gesto, o abriu violentamente e o olhou por dentro, como se sua ultima esperança fosse que só a capa tivesse mudado e que as palavras em seu interior pudessem ser de Elena. Então levantou devagar os olhos do livro e os dirigiu a lotada sala. Havia voltado a fazer silêncio e o momento se prolongou enquanto todos os olhos permaneciam fixos na garota de vestido verde pálido. Com um sorriso inarticulado, Caroline girou seus calcanhares. Bateu em Elena ao passar. Seu rosto era uma máscara de raiva e ódio.

Com delicadeza, com a sensação de flutuar, Elena se inclinou para recolher aquilo com que Caroline tentara golpeá-la.

O diário de Caroline.

Havia atividade atrás de Elena enquanto as pessoas corriam atrás de Caroline e em sua frente também. A medida que o publico irrompia em comentários, discussões e dispustas, Elena localizou Stefan. Seu aspecto parecia como se a alegria o inundasse, mas também parecia tão perplexo quanto Elena. Bonnie e Meredith davam a mesma impressão. Quando os olhos de Stefan cruzaram com os dela, Elena sentiu uma onda de gratidão e alegria, mas sua emoção predominante era a admiração.

Era um milagre. Além de toda a esperança, eles haviam sido resgatados. Haviam sido salvos.

E então seus olhos distinguiram outra cabeça escura na multidão. Damon estava encostado... não, recostado..., na parede norte. Seus lábios estavam curvados em um meio sorriso e seus olhos se travavam com os de Elena descaradamente. O

prefeito Dawley estava naquele momento junto a ela, indo para frente dela, acalmando a multidão, tentando restaurar a ordem. Não servia de nada. Elena leu sua seleção com a voz distraída a um grupo de pessoas que conversavam sem prestar a menor atenção; não tinha nem idéia de que palavras pronunciava. De vez em quando olhava Damon. Escutou um aplauso disperso e distraído quando finalizou e o prefeito anunciou o resto dos acontecimentos para aquela tarde. E logo tudo terminou e Elena ficou livre para ir. Flutuou fora do cenário sem a mínima idéia de onde ia, mas suas pernas a transportaram para a parede norte. A cabeça de Damon desapareceu pela porta lateral e ela o seguiu. O ar do pátio parecia deliciosamente fresco atrás da abarrotada sala e as nuvens do céu eram prateadas e arredondadas. Damon a esperava.

Os passos de Elena perderam velocidade, mas não pararam. Avançou até ficar somente a trinta centímetros dele, esquadrinhando seu rosto com os olhos. Houve um longo momento de silêncio e então ela falou.

-Por que?

-Pensava que estava mais interessada em como. – Apalpou sua jaqueta significamente. –

Fui convidado a tomar café esta manhã, depois de iniciar uma relação com eles semana passada.

-Mas, por que?

Se deu de ombros e durante um instante algo como consternação apareceu fugazmente em suas lindas feições desenhadas. A Elena pareceu que ele mesmo soubesse o motivo... ou não queria admitir.

-Para meus próprios propósitos – respondeu.

-Não acredito – Algo estava crescendo entre eles, algo que assustava Elena com seu poder.

– Não acredito que essa seja a razão em absoluto.

Um brilho perigoso apareceu naqueles olhos escuros.

-Não me pressione, Elena.

Ela se aproximou mais, tanto que quase o tocava, e o olhou.

-Eu acho – disse – que talvez precise que eu ti pressione.

Seu rosto estava só a alguns centímetros do dela e Elena jamais soube o que podia ter acontecido se naquele momento uma voz não os interrompesse.

-No fim você conseguiu vir! Fico tão feliz!

Era tia Judith. Elena sentiu como se a transladaram a toda velocidade de um mundo para outro. Piscou com uma sensação de vertigem, voltando a soltar o ar que não havia notado que o prendia.

-E conseguiu ouvir Elena – prosseguiu tia Judith alegremente – Foi muito bem, Elena, mas não sei o que aconteceu a Caroline.Todas as garotas dessa cidade estão agindo como enfeitiçadas ultimamente.

-Os nervos - sugeriu Damon, com o rosto cuidadosamente solene. Elena sentiu o impulso de rir tontamente e logo uma onda de irritação. Tudo bem se sentir agradecida a Damon por tê-los salvo, mas se não fosse pelo Damon, não havia existido o problema. Damon havia cometido os crimes que Caroline queria culpar Stefan.

-E onde está Stefan? – disse, dando voz a seu seguinte pensamento. Podia ver Bonnie e Meredith sós.

O rosto de tia Judith mostrou desaprovação.

-Não o vi – disse com tom sucinto e logo sorriu carinhosamente. – Mas tenho uma idéia: por que não vem jantar conosco, Damon? Então, talvez você e Elena possam...

-Pára! – disse Elena a Damon, que se mostrou educadamente inquisitivo.

-O que? – inquiriu tia Judith.

-Pára! – repetiu Elena a Damon. – Você sabe o que. Pare agora!

Capítulo Quinze

—Elena, você está sendo grossa!‖ Tia Judith raramente ficava nervosa, mas ela estava nervosa agora.

—Você está velha demais para esse tipo de comportamento.‖

—Não é grosseria! Você não entende–‖

—Eu entendo perfeitamente. Você está agindo do mesmo jeito que agiu quando Damon veio jantar. Não acha que um convidado merece um pouco mais de consideração?‖

Frustração fluiu por Elena. —Você nem sabe sobre o que está falando,‖ ela disse. Isso era demais. Ouvir as palavras de Damon vindas dos lábios da tia Judith... era insuportável.

"Elena!" Um rubor matizado estava subindo pelas bochechas da tia Judith. —Estou *chocada* com você! E eu *tenho* que dizer que esse comportamento infantil só começou depois de você sair com aquele garoto."

—Ah, ‗aquele garoto'.‖ Elena olhou para Damon.

—Sim, aquele garoto!‖ Tia Judith respondeu. —Desde que você ficou louca por ele você tem agido como uma pessoa diferente. Irresponsável, reservada – e desafiadora! Ele está sendo uma má influência desde o começo, e eu não vou mais tolerar isso.‖

—Ah, sério?‖ Elena sentia como se estivesse falando com Damon e tia Judith ao mesmo tempo, e ela olhou para frente e para trás entre os dois. Todas as emoções que ela estivera sufocando nos últimos dias – nas últimas semanas, nos meses desde que Stefan tinha entrado na vida dela – estavam agitando-se. Era como um grande maremoto dentro dela, sobre o qual ela não tinha controle algum.

Ela percebeu que estava tremenedo. —Bem, é uma pena, porque você vai ter que tolerar isso. Eu *nunca* vou abrir mão do Stefan, não por ninguém. Certamente não por *você*!‖ Essa última fora para Damon, mas a tia Judith arfou.

—Já chega!‖ Robert retrucou. Ele tinha aparecido com Margaret, e seu rosto estava obscuro.

—Mocinha, se é assim que esse garoto encoraja você a falar com a sua tia–‖

—Ele não é _aquele garoto‘!‖ Elena recuou outro passo, para que pudesse encarar todos. Ela estava fazendo um espetáculo, todos no pátio estavam olhando. Mas ela não ligava. Ela esteve mantendo uma tampa em seus sentimentos por tanto tempo, empurrando toda a ansiedade e o medo e a raiva onde não seriam vistos. Toda a preocupação sobre Stefan, todo o medo de Damon, toda a vergonha e humilhação que sofria na escola, ela tinha enterrado profundamente. Mas agora estava voltando. Tudo, de uma só vez, em um redemoinho de violência impossível. Seu coração estava golpeando loucamente; seus ouvidos soando.

Ela sentia que nada importava exceto machucar as pessoas que estavam a sua frente, mostrar tudo a elas.

—Ele não é _aquele garoto‘,‖ ela disse novamente, sua voz mortalmente gelada. —Ele é

Stefan e ele é tudo para mim. E acontece que eu estou noiva dele.‖

—Ah, não seja ridícula!‖ Robert trovejou. Foi a última gota.

—Isso é ridículo?‖ Ela ergueu sua mão, seu anel na direção deles. —Nós vamos nos casar!‖

—Você *não* vai se casar,‖ Robert começou. Todos estavam furiosos. Damon agarrou a mão dela e encarou o anel, então virou abruptamente e caminhou para longe, cada passo cheio de selvageria mal dominada. Robert estava balbuciando em exasperação. Tia Judith estava fumegando.

—Elena, eu te proíbo absolutamente–‖

—Você *não é minha mãe*!‖ Elena gritou. Lágrimas estavam tentando se forçar para fora dos olhos dela. Ela precisava fugir, ficar sozinha, ficar com alguém que a amasse. —Se Stefan perguntar, eu estarei na pensão!‖ ela acrescentou, e escapou pela multidão. Ela meio que esperava que Bonnie ou Meredith a seguisse, mas ela ficou feliz por elas não terem-no feito.

O estacionamente estava cheio de carros mas quase vazio de pessoas. A maioria das famílias ia ficar para as atividades da tarde. Mas um Ford sedan acabado estava estacionado perto, e uma figura familiar estava destrancando a porta.

"Matt! Você está indo embora?‖ Ela tomou sua decisão instantaneamente. Estava frio demais para andar até a pensão.

—Hã? Não, eu tenho que ajudar o Treinador Lyman a desmontar as mesas. Eu só estou colocando isso de lado.‖ Ele jogou a placa de Atleta Excepcional no assento dianteiro. —Ei, você está bem?‖ Os olhos dele se arregalaram ao ver o rosto dela.

—Sim–não. Eu ficarei se puder sair daqui. Olha, posso pegar o seu carro? Só por um instantinho?‖

—Bem... claro, mas… já sei, por que você não me deixa te levar? Eu vou dizer ao Treinador Lyman.‖

—Não! Eu só quero ficar sozinha… Ah, por favor não faça perguntas.‖ Ela quase apanhou as chaves da mão dele. —Eu trarei de volta em breve, prometo. Ou Stefan trará. Se você vir Stefan, diga a ele que eu estou na pensão. E obrigada.‖ Ela bateu a porta nos protestos dele e colocou o motor para funcionar, saindo com um encontro de marchas porque ela não estava acostumada ao câmbio manual. Ela o deixou de pé lá encarando-a. Ela dirigiu sem realmente ver ou ouvir nada do lado de fora, chorando, presa em seu próprio tornado giratório de emoções. Ela e Stefan iriam fugir... Eles iriam casar em segredo… Eles mostrariam a todos. Ela nunca colocaria os pés em Fell‘s Church novamente.

E então tia Judith se arrependeria. Então Robert veria o quão errado ele estivera. Mas Elena nunca perdoaria-os. Nunca.

Quanto a própria Elena, ela não precisava de ninguém. Ela certamente não precisava de um velho colégio Robert E. Lee estúpido, de onde você podia ir de mega-popular para pária social em um dia só por amar a pessoa errada. Ela não precisava de família, ou de amigos, tampouco...

Diminuindo para cruzar a entrada espiralada da pensão, Elena sentiu seus pensamentos diminuírem, também.

Bem... ela não estava brava com seus amigos. Bonnie e Meredith não tinham feito nada. Ou Matt. Matt era bacana. De fato, ela talvez não precisasse dele mas seu carro veio em boa hora.

Apesar de si mesma, Elena sentiu uma risada abafada subir em sua garganta.

Pobre Matt. As pessoas estavam sempre emprestando seu dinossauro metálico que ele chamava de carro. Ele devia achar que ela e Stefan eram birutas.

A risada deixou escorregar mais algumas lágrimas e ela sentou e as limpou, balançando sua cabeça. Ah, Deus, como as coisas ficaram desse jeito? Que dia. Ela deveria estar tendo uma festa da vitória porque tinha superado Caroline, e ao invés ela estava chorando sozinha no carro de Matt.

Caroline *tinha* parecido muito engraçada, contudo. O corpo de Elena sacolejou gentilmente com gargalhadas ligeiramente histéricas. Ah, o olhar no rosto dela. É melhor que alguém tenho o vídeo disso.

Por fim os soluços e risadas acalmaram-se e Elena sentiu um banho de cansaço. Ela se inclinou contra o volante tentando não pensar em nada por um tempo, e então ela saiu do carro.

Ela entraria e esperaria por Stefan, e ambos iriam voltar e lidar com a bagunça que ela fizera.

Iria exigir muito limpeza, ela pensou desgastadamente. Pobre tia Judith. Elena tinha gritado com ela na frente de metade da cidade.

Por que ela tinha se deixado ficar tão chateada? Mas suas emoções ainda estavam perto da superfície, como ela tinha achado quando a porta da pensão estava trancada e ninguém atendia a campainha.

Ah, maravilha, ela pensou, seus olhos pinicando novamente. A Sra. Flowers tinha ido na celebração do Dia do Fundador, também. E agora Elena tinha a escolha de sentar no carro ou ficar de pé aqui na tormenta.

Era a primeira vez que ela notava o clima, mas quando ela notou ela olhou ao redor em alarme.

O dia tinha começado nublado e gelado, mas agora havia uma neblina flutuando junto ao chão, como se soprada dos campos ao redor. As nuvens não estavam simplesmente serpenteando, elas estavam fervilhando. E o vento estava ficando mais forte. Ele gemia pelos galhos das árvores de carvalho, rasgando as folhas que sobravam e mandando-as para baixo como uma ducha. O som estava crescendo regularmente agora, não simplesmente um gemido mas um rosnado.

E havia outra coisa. Uma coisa que vinha não só do vento, mas do próprio ar, ou do espaço ao redor do ar. Uma sensação de pressão, de ameaça, de alguma força inimaginável. Estava reunindo poder, aproximando-se, fechando o cerco.

Elen girou para encarar as árvores de carvalho.

Havia muitas de pé atrás da casa, e mais além, sangrando na floresta. E além havia o rio e o cemitério.

Algo... estava lá for a. Algo... muito ruim…

—Não,‖ sussurrou Elena. Ela não conseguia ver, mas ela conseguia sentir, como alguma grande forma elevando-se para ficar sobre ela, apagando o céu. Ela *sentiu* a maldade, o ódio, a fúria animal.

Sede de sangue. Stefan tinha usado a palavra, mas ela não tinha entendido. Agora ela sentia essa sede de sangue... focada nela.

—Não!‖

Mais e mais, estava se elevando sobre ela. Ela ainda não conseguia ver nada, mas era como se grandes asas se abrissem, esticando-se para tocar o horizonte de ambos os lados. Algo com um Poder além da compreensão... e queria matar…

—Não!‖ Ela correu para o carro bem quando aquilo inclinou-se e mergulhou para ela. Suas mãos rasparam na maçaneta, e ela lutou freneticamente com as chaves. O vento estava gritando, berrando, rasgando no cabelo dela. Gelo arenoso gotejou nos olhos dela, cegandoa, mas então a chave virou e ela deu um sacolejo para abrir a porta. Salva! Ela fechou a porta novamente e golpeou a tranca com seu punho. Então ela se jogou pelo assento para checar as trancas do outro lado. O vento rugia com mil vozes do lado de fora. O carro começou a balançar.

—Pare com isso! Damon, pare com isso!‖ Seu diminuto choro estava perdido na cacofonia. Ela colocou suas mãos no painel como se para equilibrar o carro e ele balançou mais forte, gelo atirando-se contra ele.

Então ela viu algo. A janela traseiro estava nublando-se, mas ela conseguia discernir a forma através dela. Pareciua com algum grande pássaro feito de névoa ou neve, mas os contornos estavam turvos. Tudo que ela sabia era que

tinha enormes asas envolventes... e que estava indo na direção dela.

Coloque a chave na ignição. Coloque! Agora vá! A mente dele estava jogando ordens nela. O antigo Ford ofegou e os pneus gritaram mais alto que o vento enquanto ela caía fora. E a forma atrás dela a seguiu, ficando maior e maior no espelho retrovisor. Vá para a cidade, vá até Stefan! Vá! Vá! Mas a medida que ela entrava na Estrada Old Creek, virando a esquerda, os pneus travando, um raio de luz dividiu o céu. Se ela já não estivesse escorregando e freiando, a árvore teria caído em cima dela. Como era de se esperar, o impacto violento chacoalhou o carro como um terremoto, errando o parachoque dianteiro por centímetros. A árvore era uma massa de galhos pesados e levantados, seu tronco bloqueando o caminho de volta para a cidade completamente. Ela estava presa. Sua única rota para casa fora cortada. Ela estava sozinha, não havia escapatória desse terrível Poder...

Poder. Era isso; essa era a chave. —Quanto mais fortes são seus Poderes são, mais as regras da escuridão se vinculam a você.‖

Água corrente!

Colocando o carro em marcha ré, ela o virou e então golpeou ele para frente. A forma branca voou e desceu, errando-a por tão pouco quanto a árvore tinha, e então ela estava acelerando pela Estrada Old Creek na pior parte da tempestade. Ainda estava atrás dela. Só um pensamento golpeava o cérebro de Elena agora. Ela tinha que cruzar a água corrente, deixar essa coisa para trás.

Houve mais explosões de raios, e ela olhou outras árvores caindo, mas ela desviou ao redor delas. Não podia estar longe agora. Ela conseguia ver o rio relampejando no seu lado esquerdo através da tempestade de gelo. Então ela viu a ponte. Estava lá; ela conseguira chegar! Uma rajada jogou chuva com neve no para-brisa, mas com o próximo golpe do limpador de para-brisa ela conseguiu ver fugazmente de novo. Era isso, a curva devia estar por *aqui*.

O carro recuou e derrapou na estrutura de madeira. Elena sentiu as rodas agarrarem plantas escorregadias e então sentiu elas travarem. Desesperadamente, ela tentou virar com a derrapagem, mas ela não conseguia ver e não havia espaço.

E então ela estava batendo no parapeito, a madeira podre da passarela cedendo sobre o peso que não mais conseguia suportar.

Houve uma sensação doentia de giro, de cair, e então o carro atingiu a água. Elena ouviu gritos, mas eles não pareciam estar conectados aos dela. O rio subiu ao seu redor e tudo estava barulhento e confuso e dolorido. Um vidro quebrou a medida que era acertado por escombros, e então outro. Água escuro jorrou ao seu redor, junto com vidro como gelo. Ela estava engolfada. Ela não conseguia ver; ela não conseguia sair. E ela não conseguia respirar. Ela estava perdida nesse tumulto infernal, e não havia ar. *Ela tinha que respirar.* Ela tinha que sair daqui...

—Stefan, me ajude!‖ ela gritou.

Mas seu grito não fez som algum. Ao invés, a água gelada apressou-se em seus pulmões, invadindo-a. Ela lutou contra ela, mas era forte demais para ela. Suas lutas tornaram-se mais selvagens, mais descoordenadas, e então elas pararam.

Então tudo ficou quieto.

Bonnie e Meredith estava caçando pelo perímetro da escola impacientemente. Elas tinham visto Stefan vir por aqui, mais ou menos coagido por Tyler e seus novos amigos.

Elas tinham começado a seguí-lo, mas então o negócio com Elena começou. E então Matt as informou que ela tinha se mandado. Então ela foram atrás de Stefan de novo, mas ninguém estava aqui fora. Não havia nem mesmo nenhum prédio com exceção de um solitário de um barracão Quonset.

—E agora vem vindo uma tempestade!‖ Meredith disse. —Escute o vento! Eu acho que vai chover.‖

—Ou nevar!‖ Bonnie estremeceu. —Onde eles *foram*?‖

—Eu não ligo; eu só quero ir para baixo de um telhado. Lá vem!‖ Meredith arfou quando a primeira camada de chuva gelada a acertou, e ela e Bonnie correram para o abrigo mais próximo – o barracão Quonset.

E foi lá que elas encontraram Stefan. A porta estava entreaberta, e quando Bonnie olhou para dentro ela horrorizou-se.

—Tyler tem um esquadrão de valentões!‖ ela sibilou. —Olhe lá!‖

Stefan tinha um semicírculo de caras entre ele e a porta. Caroline estava no canto.

—Ele deve estar com ele! Ele o tomou de algum jeito; eu sei que ele o fez!‖ ela estava dizendo.

—Tomou o quê?‖ disse Meredith, audivelmente. Todos viraram na direção delas. O rosto de Caroline contorceu-se quando ela as viu na entrada e Tyler rangeu os dentes.

—Caiam fora.‖ Ele disse. —Você não quer se envolver nisso.‖

Meredith ignorou-o. —Stefan, posso falar com você?‖

—Em um minuto. Você vai responder a pergunta dela? Tomou o quê?‖ Stefan estava concentrando-se em Tyler, totalmente focado.

—Claro, eu responderei a pergunta dela. Logo depois de responder a sua.‖ A mão carnuda de Tyler espancou seu punho e ele deu um passo para frente. —Você vai virar comida de cachorro, Salvatore.‖

Vários dos caras durões deram risada.

Bonnie abriu sua boca para dizer, —Vamos cair *fora* daqui.‖ Mas o que ela realmente disse foi, —A ponte.‖

Foi estranho o bastante para fazer todos olharem para ela.

—O quê?‖ disse Stefan.

—A ponte,‖ disse Bonnie novamente, sem querer dizê-lo. Seus olhos inflaram, alarmados. Ela conseguia ouvir a voz vindo de sua garganta, mas ela não possuia controle sobre ela. E

então ela sentiu seus olhos ficarem arregalados e sua boca abrir e ela teve sua própria voz de volta. —A ponte, ah, meu Deus, a ponte! É onde Elena está! Stefan, você tem que salvála... Ah, depressa!‖

—Bonnie, tem certeza?‖

—Sim, ah, Deus... é onde ela foi. Ela está se afogando! *Depressa!”* Onde de grossa escuridão vieram para cima de Bonnie. mas ela não podia desmaiar agora; eles tinha que chegar até Elena.

Stefan e Meredith hesitaram um minuto, e então Stefan passou pelo esquadrão de valentões, repelindo-os como lencinhos de papel. Eles correram a toda velocidade pelo campo em direção ao estacionamento, puxando Bonnie atrás. Tyler foi atrás deles, mas parou quando a força total do vento o atingiu.

—Por que ela sairia nessa tempestade?‖ Stefan gritou quando eles lançaram-se sobre o carro de Meredith.

—Ela estava chateada; Matt diz que ela disparou no carro dele,‖ Meredith arfou novamente na comparativa quietute do interior.

Ela foi embora rápido e virou-se para o vento, acelerando perigosamente. —Ela disse que estava indo para a pensão.‖

—Não, ela está na ponte! Meredith, dirija mais rápido! Ah, Deus, nós vamos chegar tarde demais!" Lágrimas estavam escorrendo pelo rosto de Bonnie. Meredith atrapalhou-se. O carro oscilou, esmurrado pelo vento e pela chuva com neve. Por todo esse pesadelo de corrida Bonnie soluçou, seus dedos agarrando o assento na sua frente. O aviso agudo de Stefan impediu Meredith de bater de frente na árvore. Eles se amontoaram para fora e foram imediatamente chicoteados e punidos pelo vento.

—É grande demais para mover! Nós teremos que andar,‖ Stefan gritou. É claro que era grande demais para mover, Bonnie pensou, já lutando com os galhos. Era uma árvore de carvalho totalmente desenvolvida. Mas uma vez do outro lado, a ventania gelada apagou todo pensamento de sua cabeça.

Em minutos ela estava amortecida, e a estrada parecia continuar por horas. Eles tentaram correr mas o vento batia neles de volta. Eles mal conseguiam enxergar; se não fosse por Stefan, elas teriam ido para a margem do rio. Bonnie começou a contorcer-se embriagadamente. Ela estava pronta para cair no chão quando ela ouviu Stefan gritando lá

da frente.

O braço de Meredith ao redor dela se apertou, e ambas dispararam numa corrida

trôpega. Mas a medida que elas chegavam perto da ponte o que elas viram fizeram-nas parar.

—Ah, meu Deus... Elena!‖ gritou Bonnie. A Ponte Wickery era uma massa de borracha despedaçada. O parapeito de um lado tinha sumido e o teto tinha cedido lugar como se um punho gigante tivesse esmagado-o. Embaixo, a água escura agitou-se em uma pilha doentia de escombros. Parte dos escombros, inteiramente debaixo d‘água exceto pelos fárois, era o carro de Matt.

Meredith estava gritando, também, mas ela estava gritando para Stefan. —Não! Você não pode ir aí embaixo!‖

Ele nem ao menos olhou para trás. Ele mergulhou da beirada, e a água se fechou em cima de sua cabeça.

Mais tarde, a memória de Bonnie da próxima hora ficaria misericordiosamente turva. Ela lembrava-se de esperar por Stefan enquanto a tempestade enraivecia sem parar. Ela lembrava-se que ela estava mais do que preocupada na hora que uma figura encurvada moveu-se para fora da água. Ela lembrava-se de sentir nenhuma decepção, só um luto vasto e escancarado, enquanto ela viu a coisa frouxa que Stefan deitava na estrada. E ela se lembrou do rosto de Stefan.

Ela lembrava-se de como ele aparentava enquanto eles tentavam fazer algo por Elena. Só

que não era realmente Elena deitada ali, era uma boneca de cera com os traços de Elena. Não era nada que já estivera vivo e certamente não estava vivo agora. Bonnie achou que parecia bobo continuar cutucando e espetando ela desse jeito, tentando tirar água de seus pulmões e tudo mais. Bonecas de cera não respiravam.

Ela lembrava-se do rosto de Stefan quando ele finalmente desistiu. Quando Meredith lutou com ele e gritou com ele, dizendo algo sobre mais de uma hora sem ar, e danos cerebrais. As palavras filtraram em Bonnie, mas seu significado não. Ela só achou estranho que enquanto Meredith e Stefan estavam gritando um com o outro ambos estavam chorando. Stefan parou de chorar depois disso. Ele só ficou sentado lá segurando a boneca Elena. Meredith gritou um pouco mais, mas ele não escutou ela. Ele só sentou. E Bonnie nunca esqueceria sua expressão.

E então algo chamuscou em Bonnie, trazendo-a de volta a vida, acordando-a para o terror. Ela agarrou Meredith e encarou ao seu redor pela fonte. Algo ruim... algo terrível estava vindo. Estava quase aqui.

Stefan parecia sentir isso, também. Ele estava alerta, duro, como um lobo sentindo um cheiro.

—O que foi?‖ berrou Meredith. —O que tem de errado com você?‖

—Vocês tem que ir!‖ Stefan ficou de pé, ainda segurando a forma frouxa em seus braços.

—Caiam fora daqui!‖

—O que você quer dizer? Nós não podemos deixá-lo——Sim, vocês podem! Caiam fora daqui! Bonnie, tire ela daqui!‖

Ninguém nunca tinha dito a Bonnie para cuidar de outra pessoa antes. As pessoas estavam sempre cuidando *dela*. Mas agora ela agarrou o braço de Meredith e começava a puxar. Stefan estava certo. Não havia nada que elas pudessem fazer por Elena, e se elas ficassem o que quer que tivesse pego-a iria pegá-las.

"Stefan!" Meredith gritou enquanto era arrastada inexplicavelmente.

—Eu a colocarei debaixo das árvores. Dos salgueiros, não dos carvalhos,‖ ele disse depois delas.

Por que ele nos diria isso agora? Bonnie se perguntou em alguma parte profunda de sua mente que não estava tomada por medo e pela tempestade.

A resposta era simples, e sua mente prontamente devolveu para ela. Porque ele não ia ficar por perto para lhes contar depois.

Capítulo Dezesseis

Há muito tempo, nas ruas laterais escuras de Florença, morrendo de fome, assustado, e exausto, Stefan tinha feito um voto a si mesmo.

Diversos votos, de fato, sobre usar os Poderes que ele sentia dentro de si, e sobre

como tratar as criaturas fracas, falhas, mas ainda humanas ao seu redor. Agora ele ia quebrar todos eles.

Ele tinha beijado a fria testa de Elena e a deitado debaixo de uma árvore de carvalho. Ele voltaria aqui, se pudesse, para se juntar a ela, depois.

Como ele pensara, a onda de Poder tinha ignorado Bonnie e Meredith e seguido ele, mas tinha recuado novamente, e agora estava retirada, esperando. Ele não a deixaria esperar muito.

Livre do peso do corpo de Elena, ele partiu em um galope de predador na estrada vazia. A chuva de neve gelada e o vento não o incomodavam muito. Seus sentidos de predador perfuraram ele.

Ele os ligou todos na tarefa de localizar a presa que ele queria. Nada de pensar em Elena agora. Depois, quando isso tivesse acabado.

Tyler e seus amigos ainda estavam no barracão Quonset. Ótimo. Eles nunca souberam o que estava vindo quando a janela explodiu com pedaços de virdro voando e a tempestade soprou adentro.

Stefan queria matar quando ele agarrou Tyler pelo pescoço e afundou suas presa nele. Essa tinha sido uma de suas regras, não matar, e ele queria quebrá-la. Mais um dos valentões foi até ele antes que ele tivesse acabado de drenar o sangue de Tyler.

O cara não estava tentando proteger seu líder caído, só escapar. Foi seu azar que sua rota o levou pelo caminho de Stefan. Stefan jogou-o no chão e espremeu a nova veia avidamente. O gosto quente de cobre reviveu-o, aqueceu-o, fluiu por ele como fogo. Fez ele querer mais.

Poder. Vida. Eles tinham isso; ele precisava disso. Com o tumulto glorioso da força que vinha com o que ele já tinha bebido, ele os aturdiou facilmente. Então ele moveu de um para o outro, bebendo profundamente e jogando-os para longe. Eram como latas em um pacote de seis unidades.

Ele estava no último quando ele viu Caroline aconchegando-se no canto. Sua boca estava pingando enquanto ele levantava sua cabeça para olhar para ela. Aqueles olhos verdes, geralmente tão estreitos, mostravam o branco a toda volta como os de um cavalo assustado.

Os lábios dela eram borrões pálidos enquanto ela balbuciava pedidos mudos. Ele a puxou de pé pelo cinto verde em sua cintura. Ela estava gemendo, seus olhos rolando em seus buracos. Ele contorceu sua mão no cabelo castanho dela para posicionar a garganta exposta onde ele a queria. Sua cabeça recuou para atacar – e Caroline gritou e ficou frouxa. Ele a derrubou. Ele tinha tido o bastante de qualquer jeito. Ele estava explodindo com sangue, como um carrapato superalimentado. Ele nunca tinha se sentido tão forte, tão carregado com poder elemental.

Agora era hora do Damon.

Ele saiu do barracão Quonset do mesmo jeito que tinha entrado. Mas não em forma humana. Um falcão predador levantou voo da janela e girou no céu. A nova forma era maravihosa. Forte... e cruel. E seus olhos eram aguçados. Levavam-no onde ele queria, espiando sob as árvores de carvalho da floresta. Ele estava procurando por uma clareira em particular.

Ele a achou. O vento bateu nele mas ele girou em espiral para baixo, como um grito fúnebre de desafio.

Damon, em forma humana abaixo, lançou suas mãos para cima para cobrir seu rosto quando o falcão mergulhou na direção dele.

Stefan arrancou tiras sangrentas dos braços dele e ouviu o grito de resposta de dor e raiva de Damon.

Eu não sou mais o seu irmãozinho fraco. Ele mandou o pensamento para Damon com uma explosão impressionante de Poder. *E dessa vez eu vim pelo seu sangue.* Ele sentiu o efeito do ódio de Damon, mas a voz em sua mente era zombateira. *Então esse é o agradecimento que eu consigo por salvar você e sua noiva?*

As asas de Stefan se dobraram e ele mergulhou novamente, seu mundo todo estreitado por um objetivo.

Matar. Ele foi na direção dos olhos de Damon, e o graveto que Damon tinha pego zuniu ao lado de seu novo corpo. Suas garras rasgaram a bochecha de Damon e o sangue de Damon correu. Ótimo.

Você não devia ter me deixado viver, ele disse a Damon. *Você devia ter matado nós dois de uma só vez.*

Eu ficarei feliz de corrigir o erro! Damon estava despreparado antes, mas agora Stefan podia sentir ele extraindo seu Poder, se armando, ficando pronto. *Mas primeiro você deve me dizer quem eu matei dessa vez.*

O cérebro do falcão não conseguia lidar com o tumulto de emoções que a pergunta zombeteira convocava. Gritando sem palavras, ele mergulhou na direção de Damon novamente, mas dessa vez o pesado graveto o acertou. Ferido, uma asa pendendo, o falcão caiu atrás das costas de Damon.

Stefan mudou para sua própria forma de uma só vez, sentindo a dor de um braço quebrado. Antes que Damon pudesse se virar, ele o agarrou, os dedos de sua mão boa afundando no pescoço de seu irmão e girando-o.

Quando ele falou, foi quase gentilmente.

—Elena,‖ ele disse, sussurrando, e foi para a garganta de Damon. Estava escuro, e muito frio, e alguém estava ferido. Alguém precisava de ajuda. Mas ela estava terrivelmente cansada.

As pálpebras de Elena sacudiram-se e abriram e isso acabou com a escuridão. Quanto ao frio... ela estava gelada até os ossos, congelando, tremendo até a medula. E não era para menos; havia gelo a toda sua volta.

Em algum lugar, bem profundamente, ela sabia que havia mais que isso. O que tinha acontecido? Ela estivera em casa, dormindo – não, esse era o Dia do Fundador. Ela estava na lanchonete, no placo.

O rosto de alguém parecera engraçado.

Era demais para se lidar; ela não conseguia pensar. Rostos sem corpos flutuavam perante seus olhos, fragmentos de sentenças soaram em seus ouvidos. Ela estava muito confusa. E tão cansada.

É melhor voltar a dormir então. O gelo não era tão ruim assim. Ela começou a se deitar, e então os choros chegaram até ela.

Ela os ouviu, não com seus ouvidos, mas com sua mente. Choros de raiva e de dor. Alguém estava muito infeliz.

Ela sentou-se muito quieta, tentando entender tudo.

Houve um tiritar de movimento na beirada de sua visão. Um esquilo. Ela conseguia cheirálo, o que era estranho porque ela nunca tinha cheirado um esquilo antes. Ele encarou-a com um olho preto brilhante e então correu para o salgueiro. Elena percebeu que o tentara agarrar somente quando ela levantou as mãos vazios com suas unhas afundando na casca de árvore.

Agora, isso era ridículo. Por que *diabos* ela iria querer um esquilo? Ela ficou perplexa por um momento, então deitou-se, exausta.

Os choros continuavam ainda.

Ela tentou cobrir suas orelhas, mas isso não adiantou em nada para bloqueá-los. Alguém estava ferido, e infeliz, e lutando. Era isso. Havia uma luta acontecendo. Certo. Ela tinha descoberto isso. Agora ela podia dormir.

Ela não conseguia, contudo. Os choros chamavam-na, puxavam-na na direção deles. Ela sentiu uma necessidade irresistível de seguí-los até sua fonte. E *então* ela podia dormir. Depois que ela visse... ele. Ah, sim, estava voltando agora. Ela lembrava *dele*. Ele era aquele que a entendia, que a amava.

Ele era aquele com quem ela queria viver para sempre.

O rosto dele aparecia nas névoas em sua mente. Ela o considerou amável. Certo, então. Por *ele* ela levantaria e andaria por essa chuva de neve ridícula até que ela encontrasse a clareira certa. Até que ela pudesse se juntar a ele. Então eles ficariam juntos. Só pensar nele parecia aquecê-la. Havia um fogo dentro dele que poucas pessoas conseguiam ver. Ela via isso, contudo. Era como o fogo dentro dela. Ele parecia estar em algum tipo de confusão no momento. Pelo menos, havia muitos gritos. Ela estava perto o bastante para escutar com suas orelhas tão bem quanto com sua mente agora.

Lá, além daquela velha árvore de carvalho. Era de onde o barulho estava vindo. Ele estava lá, com seus olhos pretos e insondáveis, e seu sorriso secreto. E ele precisava da ajuda dela. Ela o ajudaria.

Sacudindo cristais de gelo de seu cabelo, Elena entrou na clareira na floresta.

FIM!!!

CRÉDITOS:

Comunidade Traduções de Livros:

http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=25399156

Thais Novaes: http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=7997142781630701766

Juliana Dias: http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=2713339427589710285

Thais: http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=15944321768617125028

Izabella Cullen: http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=13748831298796070376